



Ana Cristina Vasco da Luz

A Lista de Aristides de Sousa Mendes

As Personalidades do Mundo da Cultura

Dissertação

Mestrado em Mediação Cultural e Literária

Orientador: Prof. Manuel Curado

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

À Dra. Margarida Isabel Almeida, por toda a informação tão gentilmente cedida.

Ao escritor Afonso Cruz, pela pronta resposta ao meu contacto e pelos esclarecimentos prestados.

Ao meu orientador, Professor Manuel Curado, pela colaboração, compreensão e apoio ao longo deste percurso.

A Béatrice Dalmayrac, da Bibliothèque Nationale de France, a Barbora Ligasová, do Státní fond kinematografie, a Arno Kuipers, da Biblioteca Nacional da Holanda, a Matěj Carda, da Biblioteca Nacional da República Checa, a Diana Zadura, da Biblioteka Narodova, em Varsóvia, e Grażyna Lenarczyk, da Biblioteka Narodowa, pelos esclarecimentos tão prontamente prestados.

À Professora Idalete Dias, pelo apoio e compreensão ao longo da fase final do meu mestrado.

A Nora E spectator, do Hotel Llao Llao, Bariloche, Argentina, por toda a informação que prontamente me enviou e a Huey Lewis, por ter prontamente respondido ao meu pedido de informações sobre a sua mãe, Magda Barcinska.

À Olivia Mattis, por ter disponibilizado toda a informação da Sousa Mendes Foundatione pela prontidão na resposta às minhas questões.

Ao Dr. António de Moncada Sousa Mendes e Major Álvaro Sousa Mendes, pelo apoio e colaboração neste meu projecto.

Ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, por permitir a utilização de excertos do Livro de Registos de Aristides de Sousa Mendes.

Ao Lucas Rogala, pela tradução de um documento da Biblioteca Nacional da Polónia, que me auxiliou no cruzamento de dados.

A Márcia Sousa, da Biblioteca de Câmara de Lobos, pela informação, tão prontamente enviada, sobre o livro de Carlos Radzisky.

A Dominique Torrès, filha de Tereska Torrès e Elektra Yourke, sobrinha de Julia Sazonova, pela cedência de utilização de imagens sobre os seus familiares.

A Elektra Yurke, sobrinha de Julia Sazonova, pela disponibilidade com que atendeu aos meus pedidos e pela cedência de documentos relacionados com a sua tia.

À minha amiga Filomena Santos, pelo apoio e olhar crítico, que tanto valorizou o meu trabalho.

Às minhas filhas Marta e Maria João, e ao Ao Carlos Saldanha pelo apoio e incentivo que me deram ao longo do meu mestrado.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter actuado com integridade na elaboração do presente relatório. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 30 de Abril de 2019

Nome completo: Ana Cristina Vasco da Luz

Assinatura:

RESUMO

A Lista de Aristides de Sousa Mendes - As Personalidades do Mundo da Cultura

O objectivo deste projecto é divulgar alguns dos nomes ligados à cultura que, fugindo à Segunda Guerra Mundial, procuraram refúgio em Portugal em 1940, tendo como elemento comum o facto de terem recebido vistos passados por Aristides de Sousa Mendes. Pretende também dar a conhecer algumas obras realizadas por escritores como Salomon Dembitzer, Tereska Torrès, Maria Bauer, que se focam nesse mesmo período, relatando directa ou indirectamente a experiência vivida nesses tempos muito difíceis.

Aristides de Sousa Mendes estava colocado em Bordéus, como Cônsul Português, no início da Segunda Guerra Mundial quando um documento emitido por Salazar, a Circular 14, veio limitar a acção dos diplomatas, pois determinava que os cônsules de carreira não poderiam conceder vistos consulares sem prévia consulta e aprovação do Ministério.

Em clara desobediência a esta directiva, Aristides de Sousa Mendes passou vistos a todos os que deles precisavam, com o intuito de salvar o máximo de vidas que lhe fosse possível. Por esse gesto, Aristides foi condenado a um ano de inactividade, com metade do vencimento que auferia, tendo sido aposentado, sem direito a recurso, o que o levou a uma vida de dificuldades, dada a sua numerosa família.

Para a História ficou uma listagem de milhares de nomes, onde se poderão encontrar figuras ligadas ao mundo da cultura, como Gala e Salvador Dalí, Friedrich Torberg, Robert Montgomery, Simone Gallimard, Héléne de Beauvoir, Margaret e Hans Rey, Tereska Torrès, entre outros.

Palavras-chave: Aristides de Sousa Mendes (19/06/1885 - 03/04/1954), Guerra, Refugiados, Vistos,

ABSTRACT

The List of Aristides de Sousa Mendes – Personalities of the Arts

The purpose of this dissertation is to pursue the goal to study some of the names of people related to arts that, while trying to escape from World War II, received a visa from the Portuguese consul, Aristides de Sousa Mendes, that allowed them to travel to Portugal. Also, the author will mention some of the works that directly or indirectly tell the story of the experience lived during those difficult times.

Aristides de Sousa Mendes was placed at Bordeaux as Portuguese Consul, at the beginning of World War II when a document issued by Salazar, Circular 14, restricted the action of all diplomatic staff, since it determined that consuls could only issue visas with previous authorization from the Ministry.

Disobeying to these orders, Aristides de Sousa Mendes issued visas to those who were in need of them, thus trying to save as many lives as possible. For this gesture, Aristides was convicted to a year of inactivity, earning half his salary and was afterwards forced to retire, without any opportunity to appeal. This compulsory retirement led to a difficult life considering his large family.

To the History remained a list with thousands of names, where we may find people related to Arts as Gala e Salvador Dalí, Friedrich Torberg, Robert Montgomery, Simone Gallimard, H el ene de Beauvoir, Margaret e Hans Rey, Tereska Torr es, among others.

Key words: Aristides de Sousa Mendes (19/06/1885 - 03/04/1954), Refugee, Visas, War.

“Era meu objectivo salvar toda aquela gente,
cuja aflição era indescritível.”

Aristides de Sousa Mendes

Prefácio

A nossa História está repleta de heróis e vilões. Aprendemos nas escolas os seus nomes, os seus grandes feitos ou os seus terríveis actos que nos levam, desde pequenos, a exultar ou a estremecer perante a menção dos seus nomes. Por vezes, num *volte face* da História, os heróis passam a vilões e os que tinham merecido um epíteto não muito favorável vêm reconhecido o seu valor.

Aristides de Sousa Mendes foi um desses heróis que, durante muito tempo, foi votado ao esquecimento. Em vida, nunca viu ser-lhe atribuído o mérito de ter sido o responsável pelo salvamento de milhares de refugiados, ao desobedecer à Circular 14. Ao contrário, quem na altura o puniu, viria a ser alvo de elogios, por parte de alguma imprensa internacional, como sendo o autor deste gesto que salvou milhares de vidas. Nem mesmo com o fim do Estado Novo, que o condenou ao ostracismo, Aristides de Sousa Mendes viu reconhecido o seu gesto.

Foram precisos catorze anos e a perseverança de alguns familiares, que nunca baixaram os braços, mesmo quando quase todas as portas se fechavam, para que a Assembleia da República reconhecesse o seu gesto humanitário e reabilitasse o seu nome numa sessão parlamentar em 1988.

A primeira vez que tomei conhecimento de Aristides de Sousa Mendes foi durante uma viagem a Cabanas de Viriato, em Setembro de 2000. Intrigada pela presença de uma estátua de Cristo junto a uma casa em ruínas, dirigi-me ao local para descobrir a razão de tal monumento. Na base da estátua estava colocada uma placa em que um grupo de Judeus de uma cidade norte-americana agradecia a Aristides de Sousa Mendes o facto de lhes ter salvado a vida.

A pesquisa sobre o assunto levou-me a descobrir o documentário da Diana Andringa, *Aristides de Sousa Mendes: O Cônsul Injustiçado*, e ao contacto com dois netos de Aristides de Sousa Mendes, Sr. Major Álvaro Sousa Mendes e Sr. Dr. António Pedro de Moncada Sousa Mendes.

Mais tarde haveria de descobrir que o nome de Aristides de Sousa Mendes já se cruzara no meu caminho. Era muito jovem quando li um artigo sobre o Cônsul de Bordéus publicado na revista *Reader's Digest*.

Desde 2007 que vou às escolas, bibliotecas e outras instituições para falar sobre Aristides de Sousa Mendes. Ao longo destes anos, acompanhei por diversas vezes os dois netos em sessões sobre o Cônsul de Bordéus e com eles aprendi a admirar ainda mais este herói, a compreender o significado de ser portador do seu nome, e tive a oportunidade de testemunhar o orgulho de pertencer à família de uma pessoa extraordinária.

Mais recentemente, e no sentido de continuar a divulgar o gesto de Aristides de Sousa Mendes, levei a cabo, em 17 de Novembro de 2017, uma apresentação com o título: *O Pequeno Trevo: A Inclusão numa História com Legado - Aristides, o Semeador de Estrelas – Um Herói recordado no II Encontro Imaginários Iluminados: Era uma vez a Literatura para a Infância*, e em 30 de Junho de 2018, a autora submeteu à Conferência Internacional *Repensar o Passado: Memória / Arquivo / Documento - Artes e Arquitectura*, uma proposta de apresentação com o título *A Lista de Aristides de Sousa Mendes - As Personalidades do Mundo da Cultura*.

No início, este nome era completamente desconhecido para a esmagadora maioria dos presentes. Eram muito poucos os que tinham ouvido falar sobre o assunto. Hoje em dia, muito mudou e o nome de Aristides de Sousa Mendes já se tornou familiar graças a diversas iniciativas que projectaram o seu nome para o nosso quotidiano.

A decisão de escrever este texto ficou reforçada no momento em que a Fundació Gala - Salvador Dalí em Espanha me agradeceu o facto de lhes ter dado a conhecer que foi Aristides de Sousa Mendes que permitiu ao casal viajar para Portugal, contra o estipulado na Circular 14, que proibia a entrada de Gala no País. Mais tarde, enviaram-me cópia de um artigo publicado pelo jornal *La Vanguardia* sobre este assunto (anexo 1).

Ao escrever este texto sobre personalidades ligadas às artes, pretendo dar um rosto a alguns dos nomes que constam no Livro de Registos de Aristides de Sousa Mendes, considerado pelo Comité Consultivo Internacional para o Programa UNESCO Memória do Mundo, em Outubro de 2017, como Património da Humanidade, e dar uma ideia do legado cultural que a sua assinatura deixou.

E recordar, uma vez mais, o gesto de Aristides de Sousa Mendes, que um dia ouviu a voz do coração e agiu de acordo com a sua consciência, salvando milhares de vidas com uma simples assinatura.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
Prefácio	viii
Índice de figuras	xiv
1. Introdução.....	1
2. Aristides de Sousa Mendes na actualidade.....	3
3. Aristides de Sousa Mendes – O percurso até Bordéus.....	7
3.1. Norbert e Heddy Gingold - Visto 1548 – 7 de Outubro de 1939.....	9
3.2. Oskar Morawetz – Visto 1593 – 16 de Outubro de 1939.....	10
4. Circular 14 e os primeiros vistos (Novembro a Junho 1940).....	13
4.1. O primeiro aviso.....	13
4.1.1. Arnold Wiznitzer e Heddy Wiznitzer - Visto 1787 – 28 de Novembro de 1939.....	14
4.2. A resposta de Aristides de Sousa Mendes	15
4.2.1. Julia Sazonova.....	17
4.2.2. Hélène de Beauvoir – Visto 734 – 7 de Maio 1940.....	18
4.2.3. Hamilton Fish Armstrong – Visto 919 – 23 de Maio 1940	21
4.2.4. Maria Lani.....	23
4.2.5. Marcel Fodor – Visto 1220 – 5 de Junho 1940	25
4.2.6. Carlos de Radzitzky - Visto 1388 – 12 de Junho 1940.....	26
4.2.7. Gisèle Quittner – Visto 1399 – 12 de Junho 1940	28
4.2.8. Robert Lebel – Visto 1380 – 12 de Junho 1940.....	31
4.2.9. Robert Montgomery – Visto 1436 – 14 de Junho 1940.....	31
4.2.10. Nelly Grabova – Visto 1478 – 14 de Junho 1940	33

4.2.11. Richard de Grab - Visto 1478 – 14 de Junho 1940	35
4.2.12. Hermann Grab - Visto 1620 – 15 de Junho 1940.....	35
5. A decisão	37
5.1. Em Bordéus.....	37
5.1.1. Elvira Popesco – Visto 1778 – 17 de Junho 1940.....	38
5.1.2. Magda Barcinska – Visto 1792 – 17 de Junho 1940.....	39
5.1.3. Marian Dabrowsky – Visto 1994 – 17 de Junho	40
5.1.4. Simone Gallimard – Visto 2099.....	42
5.1.5. Paul Ringelheim – Visto 2162	43
5.1.6. Hendrik Marsmann – Visto 2210 – 18 de Junho de 1940	44
5.1.7. Otto Eis – Visto 2227 – 18 de Junho 1940	46
5.1.8. Friedrich Torberg – Visto 2245 – 19 de Junho 1940.....	46
5.1.9. Sonia Tomara – Visto 2306 – 19 Junho.....	48
5.1.10. Tereska Torrès.....	49
5.1.11. Lucien Grandgerard – Visto 2393 – 20 Junho 1940.....	51
5.1.12. Léo Poldès – Visto 2406 – 20 Junho 1949.....	52
5.2. Em Bayonne.....	53
5.2.1. Michal Choromansky – Visto 2510 – 20 de Junho 1940.....	53
5.2.2. Ruth Elly Abramovitsch Sorel	54
5.2.3. Gala e Salvador - Dalí Vistos 2519 e 2520 – 20 de Junho 1940.....	56
5.2.4. Jean-Michel Frank – Visto 2526 – 20 de Junho.....	59
5.2.5. Hans e Margret Rey – 20 de Junho	60
5.2.6. Roger Deleplanque – Visto 2532 – 21 de Junho 1940	62
5.2.7. Hélène Gordon Lazareff – Visto 2549 – 21 de Junho de 1940.....	62
5.3. A denúncia e a reacção do Ministério	63
5.3.1. Sylvain Bromberger.....	64
5.3.2. Alex Grig.....	66

5.3.3. Salomon Dembitzer	67
5.3.4. Marcel Dalio.....	68
5.3.5. Madeleine Lebeau	71
5.3.6. Egon Hostovsky	72
5.3.7. Julien Green	73
5.3.8. Mosco Galimir.....	75
5.3.9. Clara Marguerite Galimir.....	76
5.3.10. Lilian Mowrer.....	78
5.3.11. Edgar Ansel Mowrer.....	78
5.3.12. Naum Aronson	80
5.3.13. Vera Korène	82
5.3.14. Hugo Haas.....	83
5.3.15. Bibi Haasová	84
5.3.16. Ivan Sors	85
5.3.17. Jules Romains.....	87
5.3.18. Eugene Bagger	89
5.3.19. Witold Małcużyński e Collette Małcużyński.....	90
6. O legado	92
6.1. Le Portugal – Voyage Choreographique de Julia Sazonova	92
6.2. Os Quadros de Hélène de Beauvoir	95
6.3. Jazz	97
6.4. Os tecidos portugueses nas criações de Nelly de Grab	99
6.5. Le choix – Mémoires a trois voix de Tereska Torrès.....	100
6.6. Cristo de São João da Cruz de Salvador Dalí	102
6.7. O Mobiliário de Jean Michel Frank	103
6.8. <i>Curious George</i> de Hans e Margret Rey	106
6.9. A revista <i>Elle</i> de Hélène Gordon-Lazareff	107

6.10. Casablanca com Marcel Dalio e Madeleine Lebeau	108
6.11. <i>Moira</i> de Julien Green	109
6.12. Os concertos de Colette Gaveau e Witold Małcużyński	112
7. Salazar e a invisibilidade do gesto de Aristides de Sousa Mendes.....	113
8. Conclusão	120
Bibliografia	123

Índice de figuras

Figura 1 – Nobert Gingold (cortesia da Sousa Mendes Foudation).	9
Figura 2 – Visto atribuído a Nobert e Heddy Gingold, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	10
Figura 3 - Oskar Morawetz (cortesia da Sousa Mendes Foudation).....	10
Figura 4 – Visto atribuído a Oskar Morawetz, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).....	11
Figura 5 – Arnold Wiznitzer (cortesia da Sousa Mendes Foudation).....	15
Figura 6 – Visto atribuído a Arnold Wiznitzer, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	15
Figura 7 – Julia Sazonova (cortesia de Elektra Yourke, sobrinha de Julia Sazonova)..	17
Figura 8 – Hélène de Beauvoir (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	18
Figura 9 - Visto atribuído a Hélène de Beauvoir, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	19
Figura 10 - <i>Le château vue de N D de l' Incarnation à Leiria</i> (cortesia do Museu da Universidade de Aveiro)	19
Figura 11 - Sala de Exposições Hélène de Beauvoir (fotografia da autora).	20
Figura 12 - Claudine Serre, junto de quadros de Hélène de Beauvoir.....	21
Figura 13 – Hamilton Armstrong (cortesia da Sousa Mendes Foundation).....	21
Figura 14 - Visto atribuído a Hamilton Armstrong, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	22
Figura 15 - Maria Lani (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	23
Figura 16 - Maria Lani pintada por Chaim Soutine, cortesia da revista <i>Vanity Fair</i> de Agosto 2018.....	25
Figura 17 - Marcel Fodor (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	25
Figura 18 - Visto atribuído a Marcel Fodor, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).....	26
Figura 19 - Visto atribuído a Carlos de Raditzky, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	27
Figura 20 - Livro <i>Jazz – Do New Orleans ao Jazz moderno</i> (cortesia da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos).....	28
Figura 21 - Visto atribuído a Gisèle Quittner, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).....	28

Figura 22 - Robert Lebel (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	31
Figura 23 - Visto atribuído a Robert Lebel, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	31
Figura 24 - Robert Montgomery (cortesia da Sousa Mendes Foudation).	32
Figura 25 - Visto atribuído a Robert Montgomery, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	32
Figura 26 - Lady in the Lake (cortesia da IMDb).	33
Figura 27 - Visto atribuído a Nelly Grabova, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	34
Figura 28 - Conjunto saia e blusa de Nelly de Grab, para a Peck and Peck (cortesia da My Vintage Vogue).	34
Figura 29 - Visto atribuído a Richard de Grab, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	35
Figura 30 - Retrato de Picasso, por Richard de Grab (cortesia da Dantzig Modern Art).	35
Figura 31 - Hermann Grab (Sousa Mendes Foundation).	35
Figura 32 - Visto atribuído a Hermann Grab, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	36
Figura 33 - Elvira Popesco (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	38
Figura 34 - Visto atribuído a Elvira Popesco, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	38
Figura 35 - Filme Plein Soleil (cortesia do Festival de Cannes).	39
Figura 36 - Magda Barcinska (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	39
Figura 37 - Visto atribuído a Magda Barcinska, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	40
Figura 38 - Marian Dabrowsky (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	40
Figura 39 - Visto atribuído a Marian Dabrowsky, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	41
Figura 40 - Visto atribuído a Simone Gallimard, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	42
Figura 41 - La vie devant soi, de Émil Ajar (cortesia da Mercure de France).	43
Figura 42 - Visto atribuído a Paul Ringelheim, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	43

Figura 43 - Quadro <i>Untitled - American Flag and Arrows</i> , de Paul Ringelheim (cortesia da RoGallery).	44
Figura 44 - Hendrik Marsmann (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	45
Figura 45 - Visto atribuído a Hendrik Marsmann, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	45
Figura 46 - Visto atribuído a Otto Eis, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	46
Figura 47 - Friedrich Torberg (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	46
Figura 48 - Visto atribuído a Friedrich Torberg, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	47
Figura 49 - Sonia Tomara, segunda da esquerda (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	48
Figura 50 - Visto atribuído a Sonia Tomara, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	48
Figura 51 – George e Tereska Torrès (cortesia de Dominique Torrès, filha de Tereska Torrès).	49
Figura 52 - Visto atribuído à família de Tereska Torrès, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	49
Figura 53 - Visto atribuído a Lucien Grandgerard, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	51
Figura 54 - <i>Femme en tenue sur un divan</i> (cortesia de http://jcb1.pagesperso-orange.fr/).	52
Figura 55 - Léo Poldès (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	52
Figura 56 - Visto atribuído a Léo Poldès, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	52
Figura 57 - Michal Choromansky (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	53
Figura 58 - Visto atribuído à família de Michal Choromansky, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	54
Figura 59 - Ruth Elly Abramovitsch Sorel (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	54
Figura 60 - Salvador e Gala Dalí (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	56
Figura 61 - Visto atribuído ao casal Dalí, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	58
Figura 62 - Jean-Michel Frank (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	59

Figura 63 - Conjunto de mesas de Jean Michel Frank (cortesia da Gallery BAC).	59
Figura 64 - Visto atribuído a Jean-Michel Frank, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	60
Figura 65 - Margret e Hans Rey (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	60
Figura 66 - Livro comemorativo dos 70 anos da criação de Curious George (foto da autora).	61
Figura 67 - Visto atribuído a Roger Deleplanque, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	62
Figura 68 - Visto atribuído a Hélène Gordon Lazareff, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).	63
Figura 69 - Família Bromberger (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	64
Figura 70 - Alex Grig (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	66
Figura 71 - Auto-retrato de 1963 (cortesia da Art of the Russias).	67
Figura 72 - Salomon Dembitzer (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	67
Figura 73 - Marcel Dalío (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	69
Figura 74 - The List of Adrian Messenger (cortesia de IMDB).	70
Figura 75 - Madeleine Lebeau (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	71
Figura 76 - Filme <i>8 ½</i> , com a participação de Madeleine Lebeau (cortesia da IMDb). .	72
Figura 77 - Egon Hostovsky (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	72
Figura 78 - Julian Green (cortesia da Sousa Mendes Foudation).	74
Figura 79 - Mosco Galimir (Sousa Mendes Foundation).	75
Figura 80 - Clara Galimir (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	76
Figura 81 - Marguerite Rollin, nascida Galimir (quinta a contar da esquerda), na cerimónia de entrega da medalha atribuída pelo Yad Vashem a Aristides de Sousa Mendes (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	77
Figura 82 - Lilian Mowrer (Sousa Mendes Foundation).	78
Figura 83 - Edgar Ansel Mowrer (Sousa Mendes Foundation).	79
Figura 84 - Naum Aronson (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	80
Figura 85 - Busto de Rasputine (cortesia da Smithsonian Libraries).	80
Figura 86 - Vera Korène (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	82
Figura 87 - Hugo Haas (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	83
Figura 88 - Filme <i>Days of Glory</i> (cortesia da IMDb).	84
Figura 89 - Bibi Haasová (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	85
Figura 90 – <i>Mulher de Buarcos</i> (cortesia do Museu Municipal Santos Rocha).	86

Figura 91 – <i>Pescador</i> (cortesia do Museu Municipal Santos Rocha).....	86
Figura 92 – <i>Lobo do Mar</i> (cortesia do Museu Municipal Santos Rocha).....	86
Figura 93 - Jules Romains (cortesia da Sousa Mendes Foundation).	88
Figura 94 - <i>Le Château vu de Nossa Senhora da Encarnação</i> (cortesia do Museu da Universidade de Aveiro).	96
Figura 95 - S. Pedro de Moel (cortesia do Museu da Universidade de Aveiro).....	96
Figura 96 - Hélène de Beauvoir, no Dia Aberto da Universidade de Aveiro, por altura da inauguração da sua exposição (cortesia da universidade de Aveiro).....	97
Figura 97 - Sala de Exposições Hélène de Beauvoir (imagem da autora).	97
Figura 98 - Livro <i>Jazz – Do New Orleans ao Jazz moderno</i> (cortesia da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos).....	98
Figura 99 - <i>Conjunto de Nelly de Grab</i> (cortesia da <i>Couture Allure</i>).	99
Figura 100 - Cristo de São João da Cruz, cortesia da Fundacion Dalí.	102
Figura 101 – Hall de entrada do Hotel Llao Llao (cortesia do Hotel Llao Llao).	103
Figura 102 - Hotel Llao Llao (cortesia do Hotel).	104
Figura 103 - Biblioteca (cortesia do Hotel Llao Llao).....	104
Figura 104 - Pormenor da secretária (cortesia do Hotel Llao Llao).	104
Figura 105 - Hall de entrada (cortesia do Hotel Llao Llao).	105
Figura 106 - Catálogo da exposição (cortesia da <i>BAC Gallery</i>).....	105
Figura 107 - Peluche do Curious George (cortesia da Barnes and Nobel).	106
Figura 108 - Capa da revista <i>Elle</i> (cortesia da <i>Elle Portugal</i>).	108
Figura 109 - Cena em que Yvonne canta a <i>Marselhesa</i> , em <i>Casablanca</i> (excerto retirado do filme <i>Casablanca</i> , da Warner Brothers).....	109
Figura 110 - Marcel Dalio, no papel de Emil, ao lado de Humphrey Boggart (excerto retirado do filme <i>Casablanca</i> da Warner Brothers).....	109

1. Introdução

O presente projecto propõe-se divulgar alguns dos nomes ligados à cultura que, fugindo à Segunda Guerra Mundial, procuraram refúgio em Portugal em 1940, tendo como elemento comum o facto de terem recebido vistos passados por Aristides de Sousa Mendes.

Aristides de Sousa Mendes estava colocado em Bordéus, como Cônsul Português, no início da Segunda Guerra Mundial. Muitos foram os que procuraram no consulado por um visto que lhes permitisse viajar para Portugal, e daí poderem seguir para outros destinos. Mas a Circular 14 veio limitar a acção dos diplomatas, pois determinava que os cônsules de carreira não poderiam conceder vistos consulares sem prévia consulta e aprovação do Ministério:

“estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio, aos apátridas, aos portadores de passaportes Nansen e aos russos; (...) àqueles que apresentem nos seus passaportes a declaração ou qualquer sinal de não poderem regressar livremente ao país de onde provêm; aos judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou daqueles de onde provêm” (Fevereiro e Franco, 2000).

Em clara desobediência a esta directiva, Aristides de Sousa Mendes passou vistos a todos os que deles precisavam, com o intuito de salvar todas aquelas vidas. Por esse gesto, Aristides foi condenado a um ano de inactividade, com metade do vencimento que auferia, tendo sido aposentado, ⁽¹⁾ sem direito a recurso, o que o levou a uma vida de dificuldades, dada a sua numerosa família.

Para a História ficou uma listagem de milhares de nomes, onde poderemos encontrar figuras ligadas ao mundo da cultura, nomeadamente às artes plásticas, à política e à religião.

Através de uma consulta à página da Sousa Mendes Foundation e pela leitura do livro *Um Homem Bom*, de Rui Afonso, ao lado de outros testemunhos e estudos, é possível obter-se uma listagem de nomes como Gala e Salvador Dalí, Friedrich Torberg, Robert Montgomery, Simone Gallimard, Hélène de Beauvoir, Margaret e Hans Rey, Ivan Sors, entre outros.

¹ Ver *Processo disciplinar*, página 17 (<https://idi.mne.pt/pt/aristides-de-sousa-mendes.html>), consultado em 18 de Novembro 2017.

Por esta razão, e além de ser uma forma de estudar um capítulo da História do século XX, este trabalho pretende dar a conhecer alguns dos nomes ligados à cultura que passaram por Portugal em busca de um futuro que a guerra lhes negava.

2. Aristides de Sousa Mendes na actualidade

Existem muitos livros sobre a vida e o gesto de Aristides de Sousa Mendes. Se consultarmos a página da Fundação em Portugal, poderemos obter uma lista de diversas publicações em várias línguas, que versam os acontecimentos de Junho de 1940. Existem também teses de mestrado que se focam na vida do Cônsul e da sua família.

Na pesquisa levada a cabo, não foi encontrado, no entanto, um trabalho que aborde este assunto na perspectiva deste projecto que, mais do que se focar na vida de Aristides, pretende dar a conhecer as vidas das pessoas ligadas à cultura a quem ele atribuiu vistos. Falar sobre as pessoas a quem Aristides de Sousa Mendes concedeu um visto é uma forma de dar um rosto ao seu gesto.

Descobriu-se, igualmente, que este feito de Aristides de Sousa Mendes ainda é desconhecido até por instituições que zelam pelos legados de pintores e escritores que receberam do Cônsul a assinatura que viria a ter um papel preponderante nas suas vidas.

Muito tem sido dito e publicado sobre o gesto de Aristides de Sousa Mendes em todo o mundo. Para mencionar apenas algumas iniciativas, começaremos por falar na *Sousa Mendes Foundation*, nos Estados Unidos da América, que se dedica há alguns anos a divulgar e procurar os receptores dos vistos que ele passou em Junho de 1940. Através de artigos publicados em jornais e revistas, as pessoas vão tendo conhecimento desta figura da História do Holocausto, e têm vindo a dar a conhecer as suas experiências, quer através de testemunhos, quer através de livros ou filmes.

Em 1992, o documentário *Aristides de Sousa Mendes: O Cônsul Injustiçado*, da autoria de Diana Andringa, com realização de Teresa Olga e produção de Teresa Olga e Fátima Cavaco, trouxe um relato do que se passou naqueles dias de Junho de 1940, baseado nos diversos testemunhos de pessoas que receberam vistos de Aristides de Sousa Mendes.

Em França, em 2008, o filme *Désobéir (Aristides de Sousa Mendes)*, realizado por Joel Santoni, dá, do mesmo modo, um testemunho do que se passou em 1940.

Em Portugal, em 2011, o filme *O Cônsul de Bordéus* estreou nas salas de cinema de todo o país e, pela primeira vez, trouxe ao grande ecrã a história de Aristides de Sousa Mendes, que chegou, finalmente, ao grande público. Apesar de apresentar falhas no que concerne ao rigor histórico, nomeadamente a ausência de Angelina Sousa

Mendes, que, contrariamente ao que é dito no filme, esteve em Bordéus ao lado do marido, apoiando-o na sua decisão e acolhendo refugiados, prestou um serviço que nenhum livro ou jornal conseguiu até então, o de dar a conhecer o nome de Aristides de Sousa Mendes a um público mais vasto.

O legado de Aristides de Sousa Mendes tem vindo a ser tornado público através de diversas iniciativas. Entre as mais relevantes, encontra-se a que o senhor Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, levou a cabo, homenageando Aristides de Sousa Mendes, concedendo-lhe a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade² a 3 de Abril de 2017, em Cabanas de Viriato.

Em Portugal têm vindo a surgir algumas obras sobre a vida Aristides de Sousa Mendes e as repercussões do seu gesto. Da lista de livros que podemos encontrar na página do Museu Virtual de Aristides de Sousa Mendes, poderemos salientar *Injustiça - O Caso Sousa Mendes* (1990) e *Um Homem Bom - Aristides de Sousa Mendes*, ambos de Rui Afonso; *O Cônsul* (1991), de Júlia Nery; *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial* (2006), de Irene Flunser Pimentel; *Aristides de Sousa Mendes, Um Justo Contra a Corrente* (2009), de Miriam Assor, entre muitos outros. Para os mais novos, foram igualmente publicados diversos livros: *Aristides de Sousa Mendes, Homem de Coragem* (2004), de José Jorge Letria; *Aristides de Sousa Mendes: Herói do Holocausto* (2005), de José Ruy, e *Aristides, o Semeador de Estrelas* (2012), de Ana Cristina Luz, com ilustrações de António de Moncada Sousa Mendes, neto de Aristides de Sousa Mendes.

Mas têm existido, ao longo dos tempos, vozes dissonantes. Em 1972, Pedro Theotónio Pereira publicou um livro, *Memórias*, pelo Círculo de Leitores, em que declara o seguinte sobre os acontecimentos de Junho de 1940:

“O pânico havia-se estendido às nossas autoridades consulares e reinava confusão comparável ao que poderá ser o anúncio do fim do mundo. (...)”

Durante dois ou três dias circulei penosamente entre Hendaia e Baiona, fazendo respeitar pelas autoridades espanholas os vistos portugueses e acudindo àquele desastre por todas as maneiras que estivessem ao meu alcance.” (Pereira, 1972, p. 220).

² Ver sítio da Presidência da República Portuguesa: <http://www.presidencia.pt>, separador Notícias (consultado em 18 de Novembro de 2017).

De notar que, em relação aos mesmos acontecimentos, Pedro Theotónio Pereira escreveu a Salazar um telegrama, a 25 de Junho de 1940, dando conta do que se passava, nos seguintes termos:

“Nossos Vice-consulados sul França mostraram-se desorientados situação que se agravou pelo facto Consul de Portugal em Bordeus desvairado por acontecimentos começar dando vistos grande quantidade e levando depois Consul de Portugal em Bayonne a adoptar mesmo procedimento. (...) Demorei-me hoje em S. Sebastian para vigiar de perto passagem fronteira e deixar bem esclarecido autoridades espanholas intenção nosso governo. Ficou entendido que dávamos por nulos vistos passados Cônsul Bordéus.” (Fevereiro e Franco, 2000).

Em 2008, numa edição do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o embaixador João Hall Themido publicou as suas memórias, *Autobiografia Disfarçada*. Segundo um artigo de José Pedro Castanheira, publicado na edição do Jornal *Expresso*, de 1 de Novembro de 2008, João Hall Themido refere-se a Aristides de Sousa Mendes como um "mito criado por judeus e pelas forças democráticas saídas do 25 de Abril" (Castanheira, 2008).

Em 2013, o embaixador Carlos Fernandes escreveu o livro *O Cônsul Aristides de Sousa Mendes A Verdade e a Mentira*, publicado pela Editora Apolo 70. Nesta sua obra, o autor faz a sua análise do livro de Rui Afonso, *Um Homem Bom*, rebatendo-o, capítulo a capítulo. Numa entrevista concedida ao Jornal *O Diabo*, a 24 de Setembro de 2015, Carlos Fernandes, perante a pergunta sobre o facto de os Judeus estarem a ser perseguidos em 1940, declara:

“Não é que os tratassem bem antes, mas não os punham em campos de concentração. O Aristides não salva ninguém da morte, porque em 1940 ninguém estava em risco de vida.” (Branquinho, 2015).

Efectivamente, Carlos Fernandes afirma no seu livro:

“Mas é este suposto perigo de vida a base da mitificação de Aristides – o salvador de judeus -, que não salvou de ninguém nem de coisa nenhuma. Apenas deu vistos consulares àqueles a quem os deu, judeus e não judeus, regular ou

irregularmente, e tanto quanto está documentado, pelo menos em Bordéus, sempre pagos.” (Fernandes, 2013, p. 103).

Segundo o *Diário de Notícias*, na sua edição de 9 de Fevereiro de 2019, descendentes de Aristides de Sousa Mendes apresentaram uma queixa no tribunal contra o autor do livro, Carlos Fernandes, João Brandão Ferreira, Duarte Branquinho e Miguel Mattos Chaves, antigos diretores do Jornal *O Diabo*, e contra a Texto Principal, atual proprietária do jornal, por difamação e negacionismo do Holocausto (Henriques, 2019).

A 31 de Outubro de 2017, foi apresentado o livro *Aristides de Sousa Mendes: Memórias de um Neto*, de António de Moncada Sousa Mendes, que apresenta uma visão mais pessoal e intimista do Cônsul e, em 13 de Junho, foi apresentado na Figueira da Foz o livro *My Sister's Eyes*, de Joan Arnay Halperin, editado com o apoio da *Sousa Mendes Foundation*, onde a autora relata a história dos pais, Hala e Ignas Kaplan, e da irmã Ivonne, recetores de um visto de Aristides de Sousa Mendes a 15 de Junho de 1940.

A 28 de Janeiro de 2019, foi inaugurada uma exposição na sede da ONU, com o título *Beyond Duty*, que prestou homenagem, entre outros, a Aristides de Sousa Mendes pelo seu papel durante a Segunda Guerra Mundial.

O gesto de Aristides de Sousa Mendes teve, e continua a ter, repercussões que ninguém conseguirá avaliar com exatidão. Muitas vidas foram salvas ou puderam fugir da guerra e muitas outras continuaram, continuam e continuarão a existir, graças à ajuda do Cônsul. Têm sido muitos os testemunhos de diversas pessoas, algumas ainda sobreviventes de tempos terríveis, que se desdobram em ações para dar a conhecer ao mundo ou a relembrar o feito heróico de que foram alvo.

Nunca se conseguirá apurar o número exato de vidas que se salvaram, mas poderemos ter uma ideia do impacto deste gesto nas vidas das pessoas. Uma dessas formas será elaborar uma lista algo restrita, considerando o número total, que se estima, de vistos que ele passou, mas que pode dar uma pequena ideia das repercussões na cultura. O título do filme de Steven Spielberg, *A Lista de Schindler* (1983), baseado no romance *Schindler's Ark* (1982), de Thomas Keneally, é sempre usado como referência para este tipo de gestos, tendo-se tornado num símbolo. Este trabalho tem por objetivo criar *A Lista de Aristides de Sousa Mendes*, que se dedicará a nomes ligados às artes,

que, a determinada altura, viram o seu destino mudar graças ao gesto de Aristides de Sousa Mendes.

3. Aristides de Sousa Mendes – O percurso até Bordéus

Aristides de Sousa Mendes nasceu em Cabanas de Viriato, a 19 de Julho de 1885, pouco depois do seu irmão gémeo, César, nascido nos últimos minutos do dia anterior na Casa do Aido. Anos mais tarde, nasceu José Paulo de Sousa Mendes, que viria mais tarde a ser Capitão-de-mar-e-guerra. César e Aristides enveredaram pela carreira diplomática.

Os dois irmãos tiveram um percurso muito semelhante. Frequentaram as mesmas escolas, partilharam amizades e seguiram juntos para Coimbra, onde estudaram Direito. Em Maio de 1910, apresentaram-se a concurso para ingressarem na carreira diplomática. Iniciaram as suas vidas profissionais ao serviço do último Rei de Portugal, D. Manuel II em 1910.

Em 1908, Aristides casou com Angelina e os seus dois primeiros filhos, Aristides e Manuel, iriam nascer em Cabanas de Viriato.

A 12 de Maio de 1910, Aristides recebeu a sua primeira colocação como cônsul de 2ª classe em Demerara, Guiana Britânica. A 12 de Julho de 1911, foi-lhe concedida uma comissão de serviço na Galiza. A 26 de Agosto de 1911 foi nomeado Cônsul Geral em Zanzibar. Aí nasceram José António, Clotilde Augusta, Isabel Maria e depois Feliciano Geraldo, que teve por padrinho o Sultão de Zanzibar (Mendes, 2017). Da sua passagem por Curitiba, de Fevereiro de 1918, ano em que foi promovido a cônsul de 1ª classe, a Junho de 1919, nasceu a sua filha Elisa Joana, que mais tarde teve um papel importante na luta pela reabilitação do nome do pai. Já em Coimbra nasceu Pedro Nuno de Santa Maria.

Em Junho de 1921 Aristides foi colocado em São Francisco. Aí nasceram Carlos Francisco Fernando e Sebastião Manuel Duarte, que mais tarde se alistaram no exército das forças aliadas, participando no desembarque da Normandia, no dia D que determinou a viragem na Segunda Guerra Mundial.

Em 1924, Aristides voltou ao Brasil, desta vez a Rio Grande do Sul e Maranhão, onde ficou até 1926. Aí nasceu Teresinha do Menino Jesus em 1925. Em 1927, Aristides foi nomeado para Vigo. Durante essa estadia na Galiza nasceu Luís Filipe.

Em 1929, Aristides de Sousa Mendes foi colocado em Antuérpia, Bélgica. Aí nasceram os dois últimos filhos do casal, João Paulo, em 1931, e Raquel Hermínia, em 1933. Estava completa a família, mas não permaneceria assim por muito tempo. Manuel Silvério e Raquel Hermínia faleceram naquele país em 1934.

Durante a sua permanência na Bélgica, Aristides de Sousa Mendes recebeu na embaixada Albert Einstein, prémio Nobel em 1921, que se preparava para deixar a Europa muito por causa das ideias políticas de Adolf Hitler. Aristides participou, ainda, em debates com Maurice Maeterlink, Nobel da Literatura em 1911.

A cultura era, aliás, uma presença constante na vida familiar de Aristides de Sousa Mendes. O filho mais velho, Aristides, dedicou-se a retratar as cidades por onde passavam, Geraldo tinha preferência pelo desenho de navios de guerra e Pedro Nuno chegou a desenhar o carro que Aristides de Sousa Mendes encomendou à Ford. O ensino da música era prática corrente, e os estudos nunca foram descurados. Na altura em que viveram na Bélgica, Geraldo, Pedro Nuno e Isabel prosseguiram estudos universitários.

Aristides de Sousa Mendes permaneceu em funções em Antuérpia até 1938, tendo recebido uma condecoração atribuída por Leopoldo III, a *Ordre de la Couronne*, e mesmo um louvor por parte de Salazar, pela sua prestação na preparação do pavilhão de Portugal para a Feira Internacional de Antuérpia, em 1935.

A estadia na Bélgica acabaria, no entanto, por deixar marcas dolorosas na família, com a morte prematura de dois filhos, Manuel Silvério, de 23 anos, e Raquel Hermínia, com apenas 18 meses, em 1934.

Ao longo de todo o seu percurso profissional, fez-se sempre acompanhar pela sua numerosa família, colocando por vezes o seu dever de pai acima do seu dever profissional, o que lhe valeu algumas advertências por parte do Ministério.

Em 1938, quando almejava uma posição num país como o Japão ou o Brasil, Salazar decidiu colocá-lo no consulado em Bordéus, uma posição que não constituía um

progresso na carreira. No cumprimento das suas funções, Aristides de Sousa Mendes atribuiu vistos para entrada no nosso país.

3.1. Norbert e Heddy Gingold - Visto 1548 – 7 de Outubro de 1939

Norbert Gingold (figura 1) nasceu em Viena, Áustria em 1903. Pianista de profissão, foi nomeado diretor da Ópera de Viena em 1931. Em 1933, com a chegada dos Nazis ao poder, muda-se para Paris com a sua mulher, Heddy, onde ficariam a viver até ao início da Segunda Guerra Mundial. Juntos escreveram mais de 20 óperas destinadas ao público infantil.³



Figura 1 – Norbert Gingold (cortesia da Sousa Mendes Foudation).

Heddy Gingold nasceu em Viena, Áustria, em 1903. Casada com Norbert Gingold, acompanhou o seu percurso, que relataria mais tarde em livro, *The Happy Village*, editado em 1985 pela editora S. F. C. O.⁴

Com a declaração da guerra, o casal fugiu para Bordéus. Mas uma vez que Norbert Gingold possuía passaporte austríaco e o seu país pertencia na altura ao Terceiro Reich, foi considerado inimigo e internado num campo de concentração. Heddy Gingold dirigiu-se ao consulado português para obter um visto para Portugal, pensando que assim conseguiria libertar o marido do campo. Aristides de Sousa Mendes não só passou o visto (figura 2), como se deslocou ao campo, a pedido de Heddy Gingold, para intervir junto do diretor, no sentido de conseguir a libertação de Norbert Gingold, uma vez que o visto não era suficiente. Mas Aristides nada mais pôde fazer, pois a condição que era imposta para a libertação de Norbert Gingold, um visto para fora da Europa, era algo que estava fora do seu alcance.

³ Ver sítio <http://www.ajpn.org/personne-Norbert-Gingold-394.html>, consultado em 28 de Novembro 2017.

⁴ Ver sítio <https://www.amazon.com/Lucky-Village-Heddy-Gingold/dp/B002QH3XFE>, consultado em 28 de Novembro 2017.

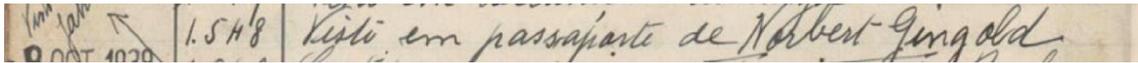


Figura 2 – Visto atribuído a Norbert e Heddy Gingold, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Norbert Gingold acabaria por ser libertado a 21 de Junho de 1940. O casal foi encontrar Aristides de Sousa Mendes em Hendaia, no meio da praça principal, a passar vistos a uma multidão de refugiados. Segundo os seus testemunhos, foram dar com o Cônsul “rodeado por um grupo de refugiados, passando vistos a quem quer que os pedisse” (Afonso, 1995, p. 146). Viveram em França até conseguirem vistos para os Estados Unidos da América em 1951. O casal foi viver para Nova Iorque e mais tarde, em 1952, para São Francisco, onde fundaram a *San Francisco Children's Opera*, uma escola para crianças (San Francisco Examiner, 1981).

Entre as obras que Norbert e Heddy Gingold compuseram, contam-se *Cinderella - A Fairy Opera in 3 Acts* (1953), *Johnny Appleseed (Hero Without a Gun)* (1957), *Santa Claus' Beard - A Christmas Musical in 3 Acts* (1957) e *Little Red Riding Hood - A Fairy Opera in 3 Acts* (SFGate, 1996).

Heddy Gingold morreu em Fevereiro de 1981, com 79 anos de idade, e Norbert Gingold faleceu em Abril de 1996, aos 91 anos (SFGate, 1996).

3.2. Oskar Morawetz – Visto 1593 – 16 de Outubro de 1939

Oskar Morawetz (figura 3) nasceu a 17 de Janeiro de 1917 em Svetla nad Sazavou, Checoslováquia. Estudou música e piano em Praga, e aos 19 anos foi recomendado por George Szell para um lugar de maestro assistente na Ópera de Praga, lugar que recusou.



Figura 3 - Oskar Morawetz (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Após a invasão dos Sudetas pelas tropas nazis em 1938, Oskar Morawetz pediu um visto para o Canadá, que foi aceite, após várias recusas. Depois de percorrer em fuga a Europa, Oskar Morawetz conseguiu o visto nº. 1593, passado por Aristides de Sousa

Mendes a 16 de Outubro de 1939 (figura 4). Este visto permitiu-lhe seguir para a Itália, de onde partiu para a República Dominicana. Chegaria ao Canadá em Junho de 1940, onde se juntou aos pais. Obteve a cidadania canadiana em 1946 (Morawetz, 2013).

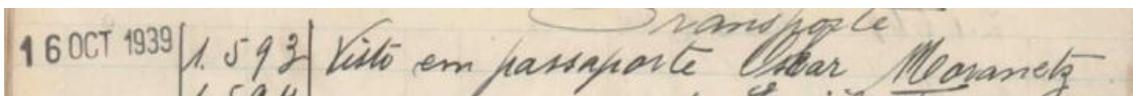


Figura 4 – Visto atribuído a Oskar Morawetz, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Matriculou-se no Royal Conservatory of Music em Toronto logo após a sua chegada àquele país. Em 1945 Oskar Morawetz compôs a peça *String Quartet No. 1*, com a qual obteve um prémio da Canadian Performing Rights Society (CAPAC). Concluídos os estudos, compôs o seu primeiro trabalho para orquestra, *Carnival Overture*, que foi exibido em Montreal. Em 1946 obteve pela segunda vez o prémio atribuído pela Canadian Performing Rights Society (CAPAC) com a peça *Sonata Tragica for piano*, e em 1962 o seu *Piano Concerto* venceu o concurso patrocinado pela Orquestra Sinfónica de Montreal, tendo sido a sua estreia em 1963 com o maestro Zubin Mehta e o solista Anton Kuerti. Em 1966, a sua peça *Sinfonietta for Winds and Percussion* venceu o *Critics Award* na *1966 International Competition for Contemporary Music*, em Cava dei Tirreni, Itália (Morawetz, 2013).

Em 1968, compôs *Memorial to Martin Luther King*, que viria a ser estreado em 1975, com a violoncelista Zara Nelsova. Em 1979, em memória de Martin Luther King, esta música passou nas rádios de 24 países (Morawetz, 2013). Em 1971, compôs a peça *From the Diary of Anne Frank*, que lhe granjeou o reconhecimento do J.I. Segal Fund for Jewish Culture in Canada, em Montreal, conquistando mais tarde um Prémio Juno, em 2001, que já tinha recebido anteriormente com outro trabalho, *Concerto for Harp and Orchestra*, em 1989 (Morawetz, 2013).

Oskar Morawetz compôs inúmeras peças para orquestra, solistas com orquestra, música de câmara, peças para piano e para coros e vozes. Recebeu inúmeros prémios e condecorações. Em 1987, recebeu a *Order of Ontario*, tendo sido o primeiro compositor a receber esta distinção, e, em 1988, a *Order of Canada*. Em 1998, o Royal Conservatory of Music atribuiu-lhe um diploma honorário. Em 1999, a SOCAN distinguiu-o novamente com um prémio, o *William Harold Moon Award* pelo

reconhecimento que o seu trabalho proporcionou ao Canadá. Em 2002 recebeu a *Golden Jubilee Medal*. (Duke, 2017).

Foi membro da Canadian League of Composers e sócio do Canadian Music Centre. Oskar Morawetz deu o seu último concerto de piano a 28 de Março de 1992 em Toronto. A par da sua carreira de compositor e músico, Oskar Morawetz foi professor de música até à data da sua reforma em 1982. Oskar Morawetz morreu a 13 de Junho de 2007, após várias complicações de saúde, provocadas por uma queda em 2001 (Duke, 2017).

O seu trabalho encontra-se gravado por várias editoras e as suas peças continuam a ser interpretadas um pouco por toda a parte por músicos de todo o mundo. Em 17 de Janeiro de 2017, em honra do centenário do seu nascimento, as suas composições musicais foram interpretadas por nove orquestras canadianas em inúmeros concertos levados a cabo por todo o país (Duke, 2017).

4. Circular 14 e os primeiros vistos (Novembro a Junho 1940)

Em 1938, a Alemanha nazi anexou a Áustria e tentou fazer o mesmo com a Checoslováquia. França e Reino Unido acordaram com a Alemanha, na Conferência de Munique, a anexação de apenas 20% do território checo. Desrespeitando o acordo, Hitler ocupou todo o país e, a 1 de Setembro de 1939, invadiu depois a Polónia. A 3 de Setembro, perante a recusa de Hitler de recuar nas suas intenções invasoras, a França e o Reino Unido declararam guerra à Alemanha.

A 11 de Novembro, Salazar enviou para todos os consulados um documento que restringia a passagem de vistos, que passavam a ficar dependentes de autorização prévia por parte do Ministério.

Nessa circular estavam mencionadas as pessoas a quem nenhum cônsul de carreira poderia conceder um visto sem solicitar a devida autorização a Lisboa. Segundo esse documento, os vistos estavam proibidos a “estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio, aos apátridas, aos portadores de passaportes Nansen e aos russos; (...) àqueles que apresentem nos seus passaportes a declaração ou qualquer sinal de não poderem regressar livremente ao país de onde provêm; aos judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou daqueles de onde provêm”. (Fevereiro e Franco, 2000).

Aristides de Sousa Mendes viu-se obrigado a solicitar autorização por telegrama sempre que alguém abrangido pela Circular 14 pedisse um visto, que era o caso de grande parte dos pedidos na altura.

Perante a resposta negativa por parte do governo de Salazar, Aristides de Sousa Mendes passou, por diversas vezes, vistos sem a devida autorização, alegando em sua defesa razões humanitárias.

4.1. O primeiro aviso

As primeiras irregularidades começaram com a passagem de vistos a Arnold Wiznitzer, judeu austríaco, e à sua mulher, Deborah Wiznitzer. Mais tarde, a 6 de Dezembro, passou um visto não autorizado ao filho do casal, Leonard Wiznitzer.

Em Março de 1940, alegando questões humanitárias uma vez mais, Aristides de Sousa Mendes concedeu um visto a Eduardo Neira Laporte e família. Laporte era médico, antigo professor universitário e dirigente da comunidade basca em França, onde se encontrava refugiado, após a vitória de Franco em Espanha. Visto como indesejável pelo país onde procurara refúgio, tinha apenas uma solução para fugir ao internamento num campo: arranjar um visto para um país fora da Europa. Laporte conseguiu um visto para a Bolívia e um visto de saída francês. Faltava-lhe apenas o visto de entrada em Portugal.

Em 3 de Março, Aristides emitiu o visto 351 no passaporte de Eduardo Neira Laporte, após ausência de resposta ao pedido para emissão de visto enviado no início de Fevereiro, pedido esse que veio recusado a 11 de Março. A 12 de Março, Eduardo Neira Laporte e a família chegaram a Lisboa, de onde partiram para a América Latina.

Perante estas duas irregularidades, cometidas com a emissão de vistos ao casal Winitzer e a Neira Laporte, Aristides de Sousa Mendes recebeu uma carta a 24 de Abril, onde era avisado pelo Ministro Luís de Sampayo de que:

“A repetição de factos desta natureza, lesivos da disciplina, é altamente prejudicial para o serviço, para os interessados e sobretudo para a indispensável dignidade da função consular. Fica por isso V. Sa. advertido que qualquer nova falta ou infração nesta matéria será havida por desobediência e dará lugar a procedimento disciplinar em que não poderá deixar de ter-se em conta que são repetidos os atos de V. Sa., que motivam advertências e repreensões.” (Fevereiro e Franco, 2000).

4.1.1. Arnold Wiznitzer e Heddy Wiznitzer - Visto 1787 – 28 de Novembro de 1939

Arnold Wiznitzer (figura 5) nasceu a 20 de Dezembro de 1899 em Waschkoutz, Bucovina, Moldávia. Estudou em Viena, obtendo o doutoramento em Filosofia em 1920 e o doutoramento em Literatura Hebraica, em 1922. Foi autor de diversos trabalhos sobre História em português e inglês. Foi professor de História, Filosofia e Filologia.



Figura 5 – Arnold Wiznitzer (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

A 28 de Novembro, Aristides de Sousa Mendes, no seu primeiro gesto de desobediência, passou o visto 1787 ao casal Winitzer (figura 6), sem aguardar pela resposta do governo central, que já adivinhava negativa dada a sua ascendência, permitindo-lhes viajar até Lisboa. A 6 de Dezembro de 1939, o filho do casal, Leonard Winitzer, recebeu o visto 1815 (Afonso, 1995, p. 35).

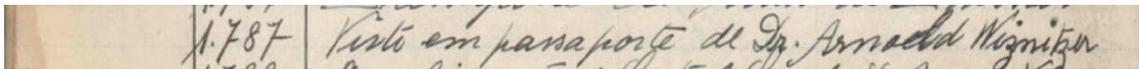


Figura 6 – Visto atribuído a Arnold Wiznitzer, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Arnold e Heddy Wiznitzer partiram rumo ao Brasil, em Junho de 1940, a bordo do navio Angola. Permaneceram naquele país até se mudarem para os Estados Unidos da América, ficando a viver em Los Angeles.⁵

Arnold Wiznitzer é autor do livro *Jews in Colonial Brazil*, editado em Nova Iorque em 1960 pela Columbia University Press.

Arnold Wiznitzer morreu a 5 de Fevereiro de 1975 em Los Angeles.

4.2. A resposta de Aristides de Sousa Mendes

Aristides de Sousa Mendes transgrediu o estipulado pela Circular 14 várias vezes. Perante o aumento do número de pedidos, e ante a situação desesperada em que alguns dos refugiados se encontravam, Aristides de Sousa Mendes continuou a emitir vistos a pessoas que eram visadas pela Circular 14. Numa tentativa de cumprir com os regulamentos, Aristides mandava os despectivos pedidos para o Ministério, que chegavam quase sempre recusados.

⁵ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/wiznitzer>, consultado em 9 de Fevereiro 2018.

Enquanto isso, a Alemanha invadiu a Holanda a 5 de Maio, o Luxemburgo a 10 de Maio. A 14 de Maio a Holanda rendeu-se. A 17 de Maio foi enviada uma circular telegráfica para os consulados, advertindo de que os mesmos não poderiam passar vistos sem autorização prévia, em caso algum. Uma nova comunicação iria ser enviada a 24 de Maio (Fevereiro e Franco, 2000).

Em 20 de Maio chegou ao Consulado em Bordéus a filha de Aristides de Sousa Mendes, Isabel, acompanhada pelo marido, Jules d'Aout, cidadão belga, e pelo filho Manuel, fugindo da guerra na Bélgica. Aristides de Sousa Mendes obteve, pela descrição da sua fuga, um quadro bem real dos tormentos por que passavam os refugiados para chegarem até Bordéus (Afonso, 1995, p. 47).

Entretanto, e devido aos constantes pedidos e apelos de Aristides ao Ministério para que medidas fossem tomadas para resolver a questão dos refugiados, Salazar respondeu, dizendo ser imperativo que a Circular 14 fosse ser respeitada.

Em 27 de Maio, a polícia política intercetou 17 cidadãos belgas na fronteira portuguesa, todos com vistos de Aristides de Sousa Mendes. As autoridades escreveram um ofício a comunicar o sucedido aos serviços centrais. Este episódio deu origem a um despacho de L. de Sampayo, nestes termos:

“Verificar quais as autorizações dadas ao Cônsul em Bordéus, para se tomarem providências disciplinares no caso de infração das ordens dadas.”
(Fevereiro e Franco, 2000).

Nesse mesmo dia, Aristides concedeu três vistos não autorizados a cidadãos em situação mencionada na Circular 14, que viriam a ser detidos na fronteira. Numa carta enviada ao Ministro dos Negócios Estrangeiros pela PVDE a 7 de Junho, é chamada a atenção para as irregularidades na atuação de Aristides de Sousa Mendes, declarando que aquele comportamento colocava a polícia numa situação difícil, vendo-se obrigada a deixar entrar aquelas pessoas por não poderem ser recebidos por outro país. Salientava ainda que a PVDE já tinha chamado a atenção do Ministério por várias vezes para as irregularidades cometidas pelo Cônsul em Bordéus (Fevereiro e Franco, 2000).

Em 28 de Maio a Bélgica sucumbiu ao exército invasor e a 14 de Junho os alemães chegaram a Paris. Nesse mesmo dia, Aristides de Sousa Mendes recebeu nova circular, enviada para todos os postos consulares, indicando que todos os pedidos de

vistos deveriam ser enviados à PVDE, excetuando os casos em que os requerentes apresentassem bilhetes para prosseguirem viagem a partir de Lisboa e vistos de entrada nos países de destino, ficando reservado ao Ministério os “casos especiais.” (Fevereiro e Franco, 2000).

O número de refugiados aumentou drasticamente com o avanço das tropas alemãs e muitos dirigiram-se para sul, até Bordéus, onde Aristides de Sousa Mendes continuou a passar vistos, apesar dos repetidos avisos.

4.2.1. Julia Sazonova

Julia Leonidovna Slonimskaya (figura 7) nasceu a 19 de Setembro de 1884 em São Petersburgo. Filha de Faina Afanasievna e de Leonid Zinovevich Slonimsky, Julia estudou dança no Imperial Ballet School e teatro no Imperial Theater School.



Figura 7 – Julia Sazonova (cortesia de Elektra Yourke, sobrinha de Julia Sazonova).

Foi durante uma peça de teatro de Evgeny Chirikov em que representou o papel principal, que conheceu Peter Sazonov, com quem viria a casar em 1908.

Em 1916, juntamente com o marido, abriu um teatro de marionetas em S. Petersburgo, contando com a colaboração de vários artistas, como a coreógrafa Tamara Karsavina. Ao longo da sua vida levou a cabo vários espetáculos de marionetas.

Em 1923 Julia Sazonova, separada do marido, foi viver para Paris, onde colaborou com a *Revue Musicale* e publicou diversos artigos sobre literatura e teatro em jornais e revistas, nomeadamente no jornal literário *Cisla*, onde escreveu artigos sobre literatura e teatro. Em 1937 publicou o livro *La Vie de la danse. Du ballet comique de La Reine á Icare* em Paris, com prefácio de Jean Cocteau (Pritchard, 2010, p. 208).

Em 1940, Julia Sazonova decidiu abandonar Paris e procurar refúgio em Portugal. Obteve um visto de Aristides de Sousa Mendes em Março desse ano para ela e para o seu filho, Dimitri. Apesar de ter sido recusado, inicialmente, pelas autoridades

portuguesas, o visto acabou por ser autorizado, com a condição de que a permanência em Portugal deveria ser limitada a três meses, conforme consta na documentação cedida pela sobrinha de Julia Sazonova, Elektra Yourke (anexo 2).

Durante a sua estadia em Portugal, Julia Sazonova escreveu um livro sobre a história da dança em Portugal, com o título *Le Portugal, Voyage Chorégraphique*, que, segundo Maria João Castro, no seu trabalho de doutoramento intitulado “*A Dança e o Poder ou o Poder da Dança: Diálogos e Confrontos no século XX*”, nunca foi publicado, restando apenas uma cópia na Torre do Tombo (Castro, 2013, p. 182). Julia Sazonova partiu para Nova Iorque em Maio de 1942, onde trabalhou como professora e continuou a escrever. Regressou a Paris em 1955, onde estabeleceu contactos com a embaixada portuguesa, no sentido de finalizar e publicar em França o seu livro sobre a história da dança em Portugal.

Julia Sazonova morreu dois anos depois, a 18 de Novembro, sem ver concretizado a edição da obra que levou a cabo durante a sua estadia em Portugal.

4.2.2. Hélène de Beauvoir – Visto 734 – 7 de Maio 1940

Henriette-Hélène de Beauvoir (figura 8) nasceu a 6 de Junho de 1910, em Paris, filha de Georges de Beauvoir e de Françoise Brasseur, que tinham já uma filha, Simone de Beauvoir, com dois anos de idade.



Figura 8 - Hélène de Beauvoir (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Licenciou-se em Filosofia e frequentou aulas de arte à noite. Foi através de viagens que fez pela Bélgica, Espanha e Itália que tomou contacto com as obras de grandes pintores, o que iria ter influência na sua vida futura.

Em Janeiro de 1936 expôs pela primeira vez na Galeria Bonjean, sendo o seu trabalho elogiado por Pablo Picasso.

Em Maio de 1940 foi viver para Portugal, depois de receber de Aristides de Sousa Mendes o visto número 734 (figura 9).⁶

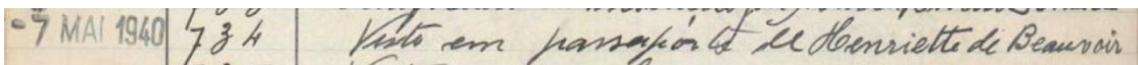


Figura 9 - Visto atribuído a Hélène de Beauvoir, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Casou com Lionel de Roulet em 1942, tendo o casal permanecido no nosso país até 1945. Durante a sua estadia em Portugal, Helena dedicou-se à pintura, inspirada pela paisagem e pela mulher portuguesas, criando inúmeros quadros inspirados pelos lugares por onde passou (Martins, Morgado, 2013).

Em 1942, a convite da Comissão de Turismo, Hélène de Beauvoir passou um mês em Leiria, onde pintou vários quadros (figura 10), realizando depois uma exposição das suas obras nas instalações daquela entidade.

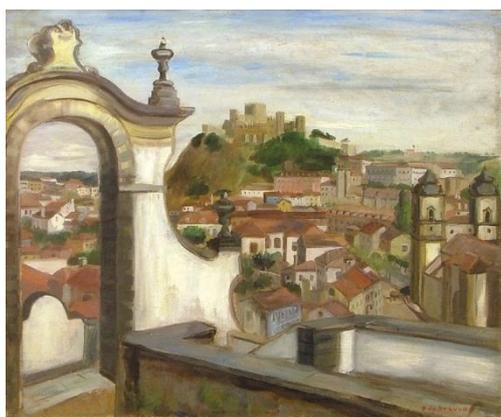


Figura 10 - *Le château vue de N D de l'Incarnation à Leiria* (cortesia do Museu da Universidade de Aveiro)

Na edição de 24 de Setembro de 1942 do jornal *Região de Leiria*, Hélène de Beauvoir publicou na primeira página uma carta dirigida ao professor Narciso Costa, onde manifesta o seu agradecimento pela forma como foi recebida e onde escreve sobre o encanto da terra que a acolheu nos seguintes termos:

“Para cada pintor há certos ambientes particularmente favoráveis. Para mim, a doçura do ar de Leiria, a poesia dos seus longes, o encanto especial que se desprende de toda a cidade e arredores realizaram este ambiente. Foi com verdadeira alegria que trabalhei.” (Beauvoir, 1942, p.1).

⁶ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/de-beauvoir>, consultado em 26 de Novembro 2017.

Em 1943, vai viver para Lisboa com o marido, Lionel de Roulet, que se tornara adido do Instituto Francês de Lisboa, e colaborou com a revista *Afinidades*, criada pelo seu marido. Em 1945 o casal regressou a Paris (Calheiros, 1995, p. 45).

Seguiram-se anos de muito trabalho e de inúmeras exposições em Paris, Milão, Turim, Berlim, Florença, Veneza e Pistoia. Em 1960, expôs 26 quadros na Galeria Synthese, em Paris, numa exposição intitulada *Die vier Jahreszeiten*. Nesse ano, o museu de Arte Moderna de Paris adquiriu um quadro de Hélène de Beauvoir (Calheiros, 1995, p. 48). Em 1974, realizou uma exposição individual em Nova Iorque, na Ward Nasse Gallery e em 1975 foi levada a cabo uma exposição retrospectiva da sua obra em Bruxelas, com quadros pintados entre 1953 a 1975 (Calheiros, 1995, p.51). Escreveu as suas memórias em 1987, e em 1992 participou numa exposição coletiva da Unesco (Calheiros, 1995, p.53).

Em 1995 voltou a Portugal e expôs na Universidade de Aveiro um conjunto de quadros a óleo e desenhos, de paisagens e cenas da vida quotidiana, realizados durante a sua estadia em Portugal. Hélène de Beauvoir iria doar mais de oitenta obras à Universidade (Calheiros, 1995).

Em sua homenagem, aquela instituição deu o seu nome a uma sala de exposições da Biblioteca, a *Sala de Exposições Hélène de Beauvoir* (figura 11).



Figura 11 - Sala de Exposições Hélène de Beauvoir (fotografia da autora).

Em Portugal, Hélène de Beauvoir realizou outras exposições, nomeadamente em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, em 1996 (Martins, Morgado, 2013).

Hélène de Beauvoir morreu a 1 de Julho de 2001 em Goxwiller.

Em 2002 foi levada a cabo uma exposição dos seus trabalhos no Museu Municipal de Faro. Em 2010 foi inaugurada uma exposição comemorativa dos cem anos do seu nascimento na Galeria Hammer, em Regensburg, Alemanha. Em 2018, o Würth Museum, em Erstein, Alemanha, realizou uma exposição retrospectiva do trabalho de Hélène de Beauvoir, apresentada por Claudine Serre, Conselheira na Comissão Nacional Francesa para a Unesco (figura 12).⁷



Figura 12 - Claudine Serre, junto de quadros de Hélène de Beauvoir.

A obra de Hélène de Beauvoir encontra-se exposta no Museu de Arte Moderna em Paris e em diversas cidades, como Pittsburg, Regensburg, Strasburg, Lausanne, Aveiro e Florença (Kienberger, 2017).

4.2.3. Hamilton Fish Armstrong – Visto 919 – 23 de Maio 1940

Hamilton Fish Armstrong (figura 13) nasceu a 7 de Abril de 1893 em Nova Iorque. Formou-se em 1916 em Princeton, ingressando de seguida no exército, sendo enviado para a Europa. Foi colocado em Belgrado e, quando regressou a Nova Iorque em 1919, no final da Primeira Grande Guerra, iniciou a sua carreira de escritor e jornalista.



Figura 13 – Hamilton Armstrong (cortesia da Sousa Mendes Foundation)

⁷ Ver sítio <https://unesco.delegfrance.org/Helene-de-Beauvoir-Femme-artiste-engagee-3084>.

Foi correspondente do *The New York Evening Post* e editor da revista *Foreign Affairs*, cargo que ocupou até à sua reforma a 1 de Outubro de 1972.

Entrevistou inúmeras figuras de Estado e esteve presente na Conferência Internacional de 1945, que iria levar à fundação das Nações Unidas. Em 1933 conseguiu uma entrevista com Hitler, que o levou a escrever o livro *Hitler's Reich – the First Phase*, (1933), pela *The Macmillan Company*, Alemanha. Neste livro, que começa com a frase *A People has disappeared*, preconizava já que Hitler se iria manter no poder por muito tempo, o que, na sua opinião, não poderia trazer nada de bom ao mundo. Em 1934 publicou *Europe between Wars?*, pela mesma editora, onde reforçava o pessimismo que sentia em relação ao futuro da Europa, que já se encaminhava para a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de não ser um refugiado, mas sim um jornalista em exercício das suas funções, a 23 de Maio de 1940, Aristides de Sousa Mendes atribuiu-lhe o visto 919 (figura 14), que lhe permitiu viajar para Lisboa, de onde partiria no navio Genoa, em Junho de 1940.⁸

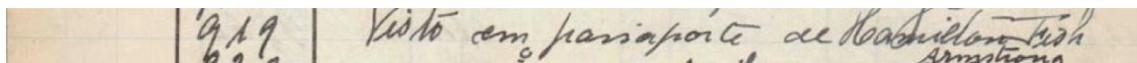


Figura 14 - Visto atribuído a Hamilton Armstrong, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Iria escrever um artigo sobre as condições dos refugiados em fuga no *The New York Times*, poucos dias depois de receber o seu visto, que seria publicado em 27 de Maio de 1940. Em 1963 publicou o livro *Those Days*, (1963) pela Harper & Row, Nova Iorque (N.Y.).

Pelos serviços prestados, Hamilton Fish Armstrong recebeu várias condecorações, nomeadamente títulos honorários de diversas universidades e condecorações de vários países, como a Legião de Honra de França e a Ordem do Império Britânico.

Hamilton Fish Armstrong morreu a 24 de Abril de 1973 em Nova Iorque, após doença prolongada.

⁸ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/armstrong>, consultado em 4 de Dezembro 2017.

4.2.4. Maria Lani

Maria Jeleniewicz (figura 15) nasceu a 24 de Junho de 1895 em Kolno, Polónia e casou com Maximilian Abramowicz, ambos oriundos de famílias judias.



Figura 15 - Maria Lani (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

O casal foi viver para Paris em 1928, onde, através de Jean Cocteau, estabeleceu contactos com o meio artístico no sentido de obterem retratos de Maria Lani de diversos artistas. O objetivo era a realização do filme *The Woman of the Hundred Faces*, baseado no rosto de Maria Lani. Jean Cocteau, que se encantou de imediato com a modelo Maria Lani, escreveu sobre ela as seguintes palavras:

“Un unknown force paralyses me as I draw. Suddenly scales fall from my eyes. Madame Lani fait mon portrait.” (Moynahan, 2018).

Entusiasmado com a ideia de um filme baseado no rosto de Maria Lani, Jean Cocteau apresentou o casal a diversos artistas que aceitaram participar nesse projeto. Pintores como Henri Matisse, Chagall, Braque, Van Dougen, Georges Rouault, De Chirico, Francis Picabia, André Derain, Pierre Bonnard, Chaim Soutine, Léger, o fotógrafo Man Ray e o escultor Charles Despiau aceitaram o desafio e contribuíram com as suas obras para o filme que teria como ponto de partida o rosto de Maria Lani representado pelos diferentes artistas.

O êxito de Maria Lani enquanto modelo foi tal que a revista *Vanity Fair*, na sua edição de Dezembro de 1929, publicou um artigo sobre aquela mulher singular que, em menos de dois anos, posou para os mais importantes artistas em Paris.

Com os 51 quadros na sua posse, o casal iniciou em 1929 uma série de exposições. Expuseram primeiro nos Estados Unidos da América, na Brummer Gallery em Nova Iorque e no Arts Club of Chicago e depois pela Europa, em Roterdão, Berlim, Paris e Londres.

Em 1931, depois de todo o sucesso que Maria Lani teve como modelo, o casal desapareceu dos meios artísticos, ficando a viver em Paris até 1940, altura em que

tiveram de fugir devido ao avanço das tropas alemãs, sem terem conseguido realizar qualquer filme.

Em 31 de Março de 1940, o casal Abramowicz solicitou um visto ao governo português que veio recusado. Mas a verdade é que Maria Lani e Maximilian Abramowicz conseguiram vistos passados por Aristides de Sousa Mendes e viajaram para Portugal, onde permaneceram até Março de 1941, altura em que partiram para Nova Iorque a bordo do navio *Excambion*.

Chegaram a Nova Iorque com as 51 obras de arte e Maximilian Ilyin, um dos apelidos que ele adotava consoante as circunstâncias, conseguiu convencer Thomas Mann, já laureado com o prémio Nobel, e Louis Bromfield, detentor de um Prémio Pulitzer, a escreverem juntamente com ele o guião para o filme *The Woman of the Hundred Faces*. Enquanto isso, Maria Lani fez voluntariado na Cantina Stage Door em Manhattan, Nova Iorque, onde, por ser fluente em diversas línguas, era muito requisitada pelas forças aliadas estrangeiras. Pela sua dedicação e empenho recebeu os maiores elogios, bem patentes num artigo sobre Maria Lani publicado pela revista *Life* na sua edição de Dezembro de 1945.

Mas o filme, que chegou a atrair as atenções de atrizes como Greta Garbo e Hedy Lamarr, nunca chegou a ser realizado. O casal Abramowicz ainda viveu alguns anos em Nova Iorque graças ao trabalho de argumentista que Maximilian ia arranjando, até que decidiram voltar a Paris no início da década de cinquenta.

Já em Paris, Maria Lani adoeceu em 1954, acabando por falecer a 14 de Março de 1954, aos 58 anos de idade.

Quanto às obras de arte para as quais ela posou, existem e encontram-se espalhadas por vários locais. Algumas estão expostas em museus, outras voltaram para as famílias dos artistas que as pintaram.

O busto de Charles Despiau encontra-se no Metropolitan Museum of Art. O quadro de Soutine (figura 16) foi vendido, encontrando-se no Museum of Modern Art desde 1954.



Figura 16 - Maria Lani pintada por Chaim Soutine, cortesia da revista *Vanity Fair* de Agosto 2018.

O quadro de Rouault foi adquirido pelo Arts Institute of Chicago após a exposição de 1929, tendo sido mais tarde oferecido ao Art Institute of Chicago, em 1932.

O mistério chamado Maria Lani perdurou até aos nossos dias. John Galliano dedicou a sua coleção Primavera-Verão de 2011 a esta misteriosa mulher que encantou os mais influentes e conhecidos artistas de Paris dos anos vinte (Moynahan, 2018).

4.2.5. Marcel Fodor – Visto 1220 – 5 de Junho 1940

Marcel W. "Mike" Fodor (figura 17) nasceu a 17 de Janeiro de 1890 em Budapeste, Hungria, no seio de uma família abastada. Estudou Engenharia Química e obteve o seu primeiro trabalho numa empresa metalúrgica em Frodington, Inglaterra, em 1913.



Figura 17 - Marcel Fodor (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Em 1919 regressou a Budapeste e conseguiu trabalho como jornalista no Manchester Guardian, tornando-se correspondente a tempo inteiro deste jornal em 1921. Por força da sua profissão, Marcel Fodor viajou por toda a Europa, experiência que o levou a escrever os livros *Plot and Counterplot in Central Europe* (1937), publicado

pela editora de Boston, Houghton Mifflin, e *South of Hitler*, da editora G. Allen & Unwin (1939).

A guerra levou Marcel Fodor a abandonar a Europa. A 5 de Junho de 1940, em Bordéus, Marcel Fodor recebeu o visto número 1220 (figura 18) de Aristides de Sousa Mendes, que lhe permitiu seguir até Portugal. A 22 de Junho de 1940, Marcel Fodor seguiu para Nova Iorque a bordo do hidroavião Dixie Clipper.⁹

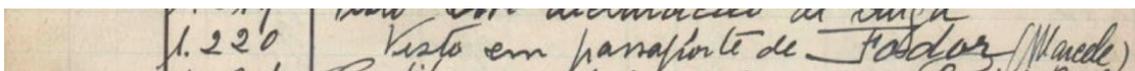


Figura 18 - Visto atribuído a Marcel Fodor, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Marcel Fodor viveu nos Estados Unidos durante a guerra, onde trabalhou para o *Chicago Sun* e para o *Washington Post*. Recebeu a cidadania americana em 1943.

Em 1948, Marcel Fodor foi para Berlim, integrado nas Forças de Ocupação Americanas. De Julho de 1949 a Janeiro de 1955, foi editor geral da secção berlinense do jornal *Die Neue Zeitung*, altura em que o jornal cessou a sua atividade.

Em 1955, Marcel Fodor e a mulher, Martha, regressaram a Washington, EUA, onde conseguiu uma colocação na Agência de Informações dos Estados Unidos. Voltou no mesmo ano, em Outubro, para a Alemanha, desta vez para Munique, onde trabalhou como conselheiro político para a Rádio Munique, uma sucursal da rádio Voice of America. Em 1958, Marcel Fodor e a mulher regressaram a Washington, onde ele continuou a trabalhar para a Voice of America. Em Janeiro de 1959, a sua mulher morreu e, em 1965, Marcel Fodor reformou-se e foi viver para Viena. Voltou aos Estados Unidos da América para se tratar de uma grave doença e regressou depois para a Europa, onde acabou por morrer a 1 de Julho de 1977, em Trostberg, Alemanha (Gouverneur, 2013).

4.2.6. Carlos de Radzitzky - Visto 1388 – 12 de Junho 1940

Carlos de Radzitzky nasceu a 7 de Junho de 1915 em Londres, no seio de uma família da nobreza polaca que emigrara para a Bélgica. Depois de uma infância passada na Alemanha, foi viver para a Bélgica, onde concluiu os cursos de Filosofia e Letras no Instituto Saint-Louis, em Bruxelas. No início dos anos trinta, com dezasseis anos, e pela

⁹ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/fodor>, consultado em 8 de Dezembro de 2017.

mão dos seus amigos Robert Goffin e Ernst Moerman, o jovem poeta tornou-se um dos redatores do *Journal des Poètes* e integrou o Comité des Biennales Internationales de Poésie. Entre os anos 30 e 50 conheceu os grandes músicos de jazz da época. Foi um dos principais dirigentes do Hot Club da Bélgica, um grande crítico de jazz, assinando as crónicas de recensão das novidades discográficas na revista *Pourquoi Pas?*, bem como na INR (mais tarde RTBF). Em 1959 foi co-autor de um livro sobre o jazz, juntamente com Bernard Heuvelmans e Jean Tarse, *De la Bamboula au Be-bop... le Jazz*, editado pela Marabout.

A 12 de Junho de 1940, a sua vida cruzou-se com a de Aristides de Sousa Mendes, recebendo dele o visto 1388 (figura 19), que permitiu a sua viagem para Portugal, salvando-se, assim, da guerra e de um destino incerto.¹⁰



Figura 19 - Visto atribuído a Carlos de Radzitzky, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Carlos de Radzitzky desempenhou diversas funções ao longo da sua vida. Foi colaborador da Union Chimique, do Comptoir belge des Cokes, dedicou-se à importação de champanhe, foi delegado comercial na indústria automóvel, proprietário de uma empresa de transportes e colaborador do jornal *Alerte*. Em 1955, entrou para a direção do *Pen Club*, onde chegou a diretor-geral. Em 1958, foi nomeado Secretário da Secção de Letras Francesas para a Exposição Universal de Bruxelas. Em 1977, foi nomeado presidente do *Pen Club* da Bélgica.

Carlos de Radzitzky morreu em 1985, deixando para a posteridade a sua grande paixão pelo jazz, registada em inúmeras crónicas e no livro *De la Bamboula au Be-Bop ... Le Jazz*.

Este livro foi publicado em Portugal, em 1967, pela editora Marabu-Notícias, com o título *Jazz – do New Orleans ao Jazz moderno*, escrito por Bernard Heuvelmans, Jean Tarse e Carlos de Radzitzky (figura 20).

¹⁰ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/mikliszanska-radzitzky-dostrowick>, consultado em 9 de Fevereiro 2018.

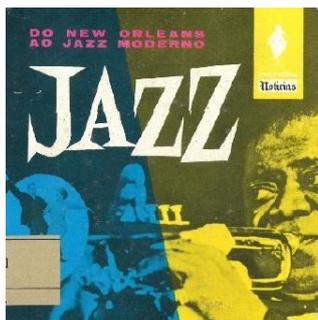


Figura 20 - Livro *Jazz – Do New Orleans ao Jazz moderno* (cortesia da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos).

Com ilustrações de Henri Lievens, conta com fotografias da *International Press* e tradução de Maria Amélia Bárcia.

4.2.7. Gisèle Quittner – Visto 1399 – 12 de Junho 1940

Gisèle Alice Beatrice Allatini nasceu em 1883, tendo adotado mais tarde o nome Gisèle Allatini-Quittner por casamento. Publicou vários livros em Paris como *Fleur de grace* (1933), pela editora Grasset de Paris, *Vers un nouveau patriotisme* (1935) e *L'exemple anglo-saxon* (1936), ambos pela editora Au Sans Pareil, *The Lure and Romance of Lugano* (1937) e *Rêves de gloire e Prague, la ville d'or* (1938), ambos pela editora Paris Grasset (Antoine, 2018).

A 12 de Junho recebeu o visto 1399 (figura 21) de Aristides de Sousa Mendes, mesmo depois de ter sido recusado duas vezes pelo Ministério, o que lhe permitiu chegar a Portugal.¹¹

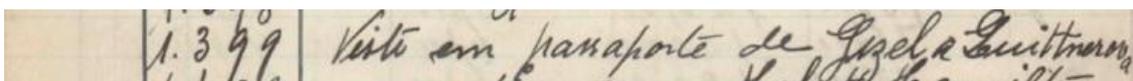


Figura 21 - Visto atribuído a Gisèle Quittner, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Permaneceu na Figueira da Foz até à data em que partiu para Nova Iorque. Durante a sua permanência na Figueira da Foz, Giselle Quittner Allatini escreveu vários artigos para o *Jornal Reclamo* e levou a cabo duas conferências.

Segundo o testemunho do próprio Aristides de Sousa Mendes, presente no livro *Memórias de um Neto*, Gisèle Allatini Quittner proferiu uma conferência no Casino da Figueira da Foz em Setembro de 1940, onde elogiou publicamente o gesto de Aristides

¹¹ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/quittner>, consultado em 7 de Agosto 2018.

de Sousa Mendes na sua presença. A 12 de Agosto, Giselle enviou-lhe uma carta (anexo 3) onde expressava a gratidão e admiração pelo seu gesto (Fevereiro e Franco, 2000).

O *Jornal Reclamo*, na sua edição de 28 de Setembro de 1940, na página 3, menciona, a conferência dada por Giselle Quittner, com o título *A música popular como expressão de índole dos povos*, referindo que a autora falou sobre a música de diversos povos nas seguintes palavras:

“A escritora Giselle Quittner Allatini, que se conta em o número de refugiados da guerra que se fixaram nesta cidade, fez na segunda-feira, no Grande Casino Peninsular, uma conferência acerca da música dos diversos povos, fazendo uma análise do carácter dos russos, checos, austríacos, húngaros, suíços e portugueses, através das suas composições, das quais interpretou algumas.”

Num texto publicado na edição número 246 do mesmo jornal, na página 6, de 5 de Outubro de 1940, em que ela fala sobre a terra que a acolheu, Giselle Quittner refere-se a Aristides de Sousa Mendes nestes termos:

“O Cônsul Geral Sousa Mendes é um grande homem e um verdadeiro patriota, pois graças à sua atuação criou-se no estrangeiro uma magnífica fama dos seus patrícios. Assim é, para todos nos uma consolação no desastre que nos prostrou e caiu sobre a França, conhecer Portugal e portugueses e encontrar em vós, ricos e pobres, tanta generosidade e grandeza de alma.”

Num outro artigo, publicado no *Jornal Reclamo*, de 5 de outubro de 1940, intitulado *Portugal e a nossa Terra aos olhos de uma escritora estrangeira*, Giselle Quittner escreveu sobre a Figueira da Foz, como ponto de partida para visitar outros locais, nomeadamente Lisboa, descrevendo a torre de Belém como uma “visão de grandeza” e o Mosteiro dos Jerónimos, com o seu “estilo manuelino e renascença italiana” como “belos no arripio de frio da aurora, quando o mosteiro e a torre estão tintos de rosa pálido.” (1940, p 1).

A 15 de Novembro de 1940, Giselle Quittner deu uma conferência no Café Nicola com o título *Les poètes et l’amour*. Num artigo intitulado *Um serão de Arte - Literatura e musica: canções de saudade*, o *Jornal Reclamo*, de 16 Novembro 1940, na página 4, informava o público de que, perante uma audiência composta

maioritariamente por refugiados, Giselle Quittner discorreu sobre a obra de vários autores, nomeadamente Alphonse de Lamartine, Jeanne Lenglin, Victor Hugo, Ad. Rod. Zoehringer, Joseph Robert Harrar, Campos de Figueiredo e António Botto.

Giselle Quittner voltou a escrever para o *Jornal Reclamo*, a 25 de Janeiro de 1941, desta vez um artigo mais extenso, sobre a Figueira da Foz, as suas ruas, as suas gentes e os refugiados:

“Sob um céu maravilhosamente azul, Figueira e Buarcos estendem-se em forma de semi-lua, à borda das ondas do Atlântico. (...).

No auge da época encontram-se por aqui também numerosas personalidades estrangeiras e portuguesas: o pianista de Varsóvia, Witold, célebre pela maneira de interpretar noturnos e canções polacas de Chopin; o escultor parisiense Aronson, cujas admiráveis obras ornamentam museus e praças públicas, assim como as coleções privadas dos amadores da arte da França e das duas Américas. Ele imortalizou, no bronze e no mármore, a maior parte dos grandes homens de Paris.” (1941, p. 1).

Mais adiante no artigo, depois de falar de diversas personalidades locais, Gisele continuava:

“Uma personalidade muito popular aqui durante o verão de 1940, e que detinham a cada passo para lhe apertarem a mão, para lhe agradecerem, e que entrará na história como representante deste espírito cavalheiresco dos portugueses, que eu tantíssimas vezes tenho louvado, é o cônsul geral de Portugal, Sousa Mendes. Em Bordéus, mercê do seu grande coração, não só salvou muitos infelizes durante a tragédia de Junho de 1940, mas, pela sua conduta criou, para os portugueses, no estrangeiro, uma magnífica reputação de generosidade e de grandeza de alma.” (1941, p.1).

Gisèle Allatini-Quittner seguiu depois para Nova Iorque, não tendo a autora deste trabalho encontrado qualquer referência ao seu nome após esta data.

4.2.8. Robert Lebel – Visto 1380 – 12 de Junho 1940

Robert Lebel (figura 22) nasceu em Paris a 5 de Janeiro de 1901. Em 1936 conheceu Marcel Duchamp em Nova Iorque, que viria a ter um papel preponderante na sua vida.



Figura 22 - Robert Lebel (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

A 12 de Junho de 1940, Robert Lebel recebeu o visto 1380 (figura 23), que lhe permitiu viajar para Portugal. Em Julho de 1940 partiu de Lisboa para Nova Iorque, a bordo do navio *Excambion*.¹²

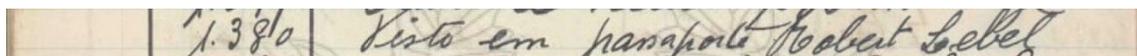


Figura 23 - Visto atribuído a Robert Lebel, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Ficou conhecido como um especialista em pinturas antigas e escritor, autor de livros como *The Inventor of Gratuitous Time*, escrito durante o exílio em Nova Iorque no período entre 1943-44. A sua amizade com Marcel Duchamp levaria Robert Lebel a escrever o livro sobre este artista, que foi editado em 1959, com o título *Sur Marcel Duchamp*, pela editora Trianon Press de Paris. Escreveu ainda diversos artigos sobre outros artistas como Francis Picabia, Giorgio de Chirico, Jules Breton e Man Ray.

Em 1985, foi editado o livro *Marcel Duchamp* em Paris, pela editora Belfond, que é uma reedição do livro de 1959, acrescida de alguns dos artigos que Robert Lebel escreveu sobre arte ao longo da sua vida.

Robert Lebel morreu em Paris, a 28 de Fevereiro de 1986 (Gervais, 2000).

4.2.9. Robert Montgomery – Visto 1436 – 14 de Junho 1940

Henry Montgomery Jr, mais tarde Robert Montgomery (figura 24), nasceu a 2 de Maio de 1904, em Beacon, Nova Iorque, no seio de uma família abastada. Frequentou a Escola Pawling e prosseguiu a sua formação em França, Suíça e Alemanha.

¹² Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/lebel>, consultado a 31 de Julho 2018.



Figura 24 - Robert Montgomery (cortesia da Sousa Mendes Foudation).

Em 1929, obteve o seu primeiro papel no cinema no filme *So this is College*, de Sam Wood e, em 1930, entrou no filme *The Big House*, de George Hill, que marcou uma viragem na sua carreira. Tornou-se um ator solicitado no mundo do cinema. Contracenou com Norma Shearen no filme *The Divorcee* (1930), de Robert Z. Leonard, com Helen Hayes em *Vanessa* (1935), de William K. Howard e Joan Crawford em *The Last of Mrs Cheney* (1937), de Richard Boleslawski, Dorothy Arzner e George Fitzmaurice. Depois da estreia do filme *The Earl of Chicago*, de Richard Thorpe e Victor Saville em Janeiro de 1940, Robert Montgomery voluntariou-se para o serviço na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, tendo chegado a conduzir ambulâncias na frente de batalha.

Com o avanço das tropas alemãs em França, dirigiu-se para Bordéus, onde foi acolhido por Aristides de Sousa Mendes na sua casa, juntamente com vários outros refugiados (Afonso, 1995, p. 71). Robert Montgomery, presumivelmente com o visto 1436 (figura 25), seguiu para Lisboa.¹³ Segundo notícia publicada no *Diário de Notícias*, Robert Montgomery chegou a Portugal a 17 de Junho, seguindo depois para Nova Iorque no hidroavião Pan Am Dixie Clipper, em Junho de 1940.¹⁴



Figura 25 - Visto atribuído a Robert Montgomery, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Já nos EUA, Robert Montgomery participou no filme *Here Comes Mr. Jordan* (1941), de Alexander Hall, e em *They Were Expendable* (1945), um filme sobre a Segunda Guerra Mundial, de John Ford.

Em 1945, realizou o seu primeiro filme, *Lady in the Lake* (figura 26) onde também participou como ator, contracenando com Audrey Totter e Lloyd Nolan.

¹³ Segundo a Sousa Mendes Foundation, há registo de duas pessoas com o mesmo nome, não havendo a certeza de que este visto tenha sido atribuído ao actor. A verdade é que, para entrar em Portugal, Robert Montgomery necessitava de um visto, que lhe terá sido concedido por Aristides de Sousa Mendes.

¹⁴ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/montgomery>, consultado em 3 de Abril 2018



Figura 26 - Lady in the Lake (cortesia da IMDb).

Este filme deu início a uma fase em que Robert Montgomery se tornou realizador de cinema, ao mesmo tempo que participava como ator. Dirigiu os filmes *Ride the Pink Horse* (1947), *Once More, My Darling* (1949), *Your Witness* (1950) e *The Gallant Hours* (1960).

Depois de uma breve passagem pela rádio, Robert Montgomery manteve um programa na televisão, *Robert Montgomery Presents*, de 1950 a 1956. Foi o primeiro presidente da Screen Actors Guild e assessor para a televisão de Dwight Eisenhower em 1952, cargo que manteve após a eleição de Eisenhower como presidente dos Estados Unidos da América, desempenhando as suas funções na Casa Branca.

Robert Montgomery morreu de cancro a 27 de Setembro de 1981, em Canaan, Connecticut, EUA.

4.2.10. Nelly Grabova – Visto 1478 – 14 de Junho 1940

Nelly Friederika Schweinburg nasceu a 16 de Julho de 1899 em Klosterneuburg, Áustria. Aos 21 anos casou com Max de Grab, de quem teve um filho, Richard Grab, a 17 de Julho de 1927 em Praga, Checoslováquia. Nelly de Grab divorciou-se de Max de Grab em 1933 e em 1934 casou com Leo de Grab. Com a expansão do nazismo, Nelly de Grab, o marido e o filho deixaram a Áustria em 1939 e viajaram para França, até Bordéus, onde, a 14 de Junho de 1940, receberam os vistos 1476 e 1478 (figura 27), que lhes permitiu viajar para Lisboa, de onde partiram para Nova Iorque, em Dezembro do mesmo ano, a bordo do navio Niassa.¹⁵

¹⁵ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/grab>, consultado em 3 de Abril de 2018.

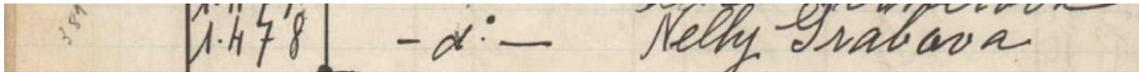


Figura 27 - Visto atribuído a Nelly Grabova, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

O seu gosto pela moda e a forma distinta como se vestia iriam influenciar a sua carreira de estilista. Durante a sua curta estadia em Portugal, Nelly de Grab teve a oportunidade de apreciar os tecidos portugueses, que usou para criar os seus primeiros modelos de saias que levou mais tarde à loja Peck e Peck, na 5th Avenue em Nova Iorque. Fred Mayer gostou do que viu e fez-lhe a sua primeira encomenda. Dava assim início a uma carreira de sucesso na moda.

Por volta de 1955, Nelly de Grab criou uma empresa com o seu nome na Sétima Avenida em Nova Iorque. O conjunto de duas peças saia-blusa (figura 28), que poderiam ser usadas juntas ou em separado, tornou-se a sua criação mais requisitada.



Figura 28 - Conjunto saia e blusa de Nelly de Grab, para a Peck and Peck (cortesia da My Vintage Vogue).

Nelly de Grab continuou a criar conjuntos de duas peças até ao fim da sua vida. Morreu a 1 de Dezembro de 1972, em Nova Iorque. Lowell Judson substituiu-a como estilista na empresa que ela deixou (Plautz, 2013).

4.2.11. Richard de Grab - Visto 1478 – 14 de Junho 1940

Richard de Grab nasceu em Praga, a 17 de Julho de 1927. Os seus pais, Max de Grab e Nelly de Grab, viriam a separar-se em 1933 e seria com o segundo marido da mãe, Leo de Grab, que iria viajar até Nova Iorque, depois de receberem o visto 1478 (figura 29) de Aristides de Sousa Mendes.

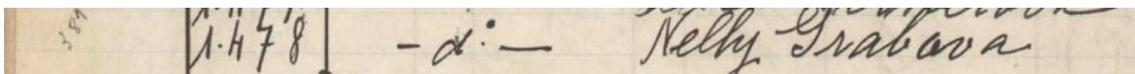


Figura 29 - Visto atribuído a Richard de Grab, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Viria a tornar-se fotógrafo, tendo no seu currículo retratos de Pablo Picasso (figura 30) e Jean Cocteau.

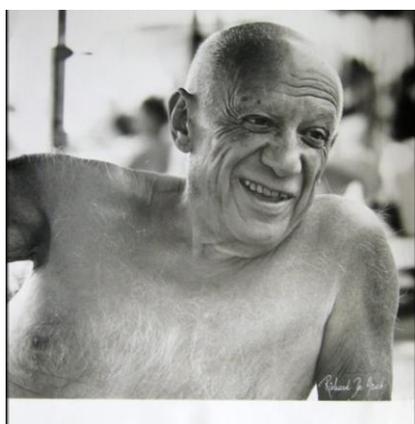


Figura 30 - Retrato de Picasso, por Richard de Grab (cortesia da Dantzig Modern Art).

Richard de Grab faleceu a 2 de Abril de 2001, em Paris.

4.2.12. Hermann Grab - Visto 1620 – 15 de Junho 1940

Hermann Grab (figura 31) nasceu a 6 de Maio de 1903, em Praga, numa família de Judeus. Estudou Filosofia, Música e Direito em Praga, Viena, Heidelberg e Berlim.



Figura 31 - Hermann Grab (Sousa Mendes Foundation).

Nos anos 30, trabalhou como crítico musical, pianista, professor de música e jurista em Praga. Em 1934, publicou os seus primeiros contos em revistas de Praga e,

em 1935, o seu primeiro livro, *Der Stadtpark*, edição de Willi Weismann Verlag, Munique, que viria a ser a sua obra de referência.

Com a ocupação do seu país pelos nazis, Hermann Grab fugiu para Paris, onde ficou até à rendição da França.

A 15 de Junho de 1940, Hermann Grab recebeu o visto 1620 (figura 32), que lhe permitiu viajar até Lisboa e daí seguir, a 1 de Dezembro, no navio Niassa até Nova Iorque, onde viria a casar com uma refugiada belga.



Figura 32 - Visto atribuído a Hermann Grab, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Aí escreveu o seu segundo livro, *Hochzeit in Brooklyn*, que foi publicado postumamente em Viena pela editora Neue Kritik, em 1957. Foi diretor de uma escola de música em Nova Iorque e a sua obra receberia o apreço de Theodor W. Adorno e Thomas Mann, comparando o seu estilo de escrita com o de Marcel Proust (Hobi, 2018).

Atacado de doença grave, nunca pôde regressar a Praga após a guerra. Hermann Grab morreu a 2 de Agosto de 1949, vítima de doença prolongada. Está sepultado no cemitério de Flushing Queens, Nova Iorque.

5. A decisão

Perante a multidão de refugiados que aguardavam por um visto que lhes permitisse viajar até Portugal, Aristides de Sousa Mendes viu-se confrontado com um dilema. Por um lado, existia a Circular 14 que o obrigava a recusar vistos à grande maioria das pessoas que se juntavam em desespero ao redor do Consulado e a certeza de que outra transgressão lhe custaria muito caro. Por outro lado, a sua consciência e a certeza de que não conseguiria manter-se alheio à tragédia que aguardava aquela multidão com a eminente chegada do exército alemão. Após dias de reflexão, e com o apoio dos membros da família que permaneciam com ele em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes decidiu transgredir a lei em prol de um bem maior e passou vistos a todos os que deles necessitavam.

A última entrada no livro de registos de Aristides de Sousa Mendes foi feita a 22 de Junho de 1940, com o número 2762. Segundo uma nota constante neste documento, os vistos de 2763 até 2850 foram passados pelo Cônsul, fora do horário de serviço.¹⁶

A partir dessa data não é possível comprovar, por esta via, quem recebeu vistos do Cônsul de Bordéus. Mas o conhecimento de que, para entrar em Portugal, seria necessário a assinatura de Aristides de Sousa Mendes, e baseado em vários testemunhos que colocam Aristides de Sousa Mendes a passar vistos nos mais diversos locais, desde Bordéus, Bayonne e Hendaye, será seguro afirmar, que as entradas em Portugal nos dias seguintes se ficaram a dever a autorização expressa de Aristides de Sousa Mendes.

5.1. Em Bordéus

Tomada a decisão de emitir vistos a todos aqueles que deles necessitassem, Aristides de Sousa Mendes, apoiado pela família, pelos funcionários do Consulado e pelo Rabino Krugger, iniciou uma verdadeira maratona de passagem de vistos entre os dias 17 a 19 de Junho, mal parando para comer ou descansar. Eugene Bagger, um escritor americano, iria testemunhar mais tarde que encontrou Aristides de Sousa Mendes no Café Splendide a 19 de Junho. Numa breve paragem no trabalho, Aristides assinou mesmo ali vários passaportes, incluindo o do escritor e da sua mulher (Afonso, 1995, p. 104).

¹⁶ Ver Livro de Registos de Emolumentos consulares do consulado de Bordéus, disponível em <https://idi.mne.pt> (consultado em 21 de Agosto 2018).

5.1.1. Elvira Popesco – Visto 1778 – 17 de Junho 1940

Elvira Popesco (figura 33) nasceu a 10 de Maio de 1894, perto de Bucareste. Estudou no Conservatório de Artes Dramáticas, em Bucareste, e foi aluna de Constantin Nottara e Aristizza Romanescu.



Figura 33 - Elvira Popesco (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Estreou-se no Teatro Nacional de Bucareste aos 16 anos de idade, em 1910. Em 1919 tornou-se diretora do Excelsior Theatre. Estreou-se no cinema em 1923, no filme *La jeune fille de la mansarde*, de Alfred Hahn, onde desempenhou o papel principal. Em 1924 Elvira Popescu mudou-se para Paris.

Ao longo da sua carreira contracenou com grandes nomes do cinema, como Maurice Chevalier em *L'homme du jour* (1936) de Julien Duvivier, com Louis Jouvet no filme *L'Éducation d'un Prince* (1938), com Erich von Stronheim, em *Derrière la façade* (1938) e com Fernandel em *L'héritier des Mondésir* (1940).

Com o início da guerra, Elvira Popesco teve que deixar Paris, recebendo de Aristides de Sousa Mendes o visto 1778 (figura 34) em Bordéus, a 17 de Junho de 1940, que não chegou a usar, tendo conseguido viver na França ocupada durante a guerra.¹⁷

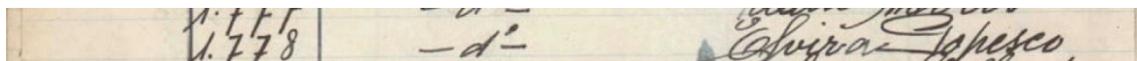


Figura 34 - Visto atribuído a Elvira Popesco, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Após a Segunda Guerra Mundial, Elvira Popesco foi co-diretora do Théâtre de Paris e depois do Théâtre Marigny, ao mesmo tempo que prosseguiu com a sua carreira de atriz, tendo entrado em cerca de trinta filmes. Participou em filmes como *Plein soleil*

¹⁷ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/lecointre-popescu>, consultado em 26 de Novembro 2017.

(1959) de René Clément, onde contracenou com Maurice Ronet e Alain Delon (figura 35), *Austerlitz* (1960) de Abel Gance, ao lado de Martine Carol e muitos outros.

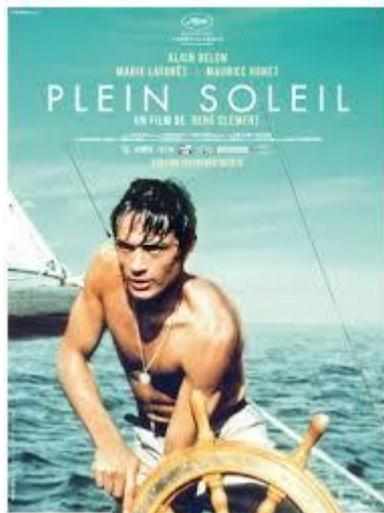


Figura 35 - Filme Plein Soleil (cortesia do Festival de Cannes).

No programa da televisão francesa, *Au théâtre ce soir*, entrou na peça *La voyante* (1972) de André Roussin, ao lado de Pauline Carton. Pela sua carreira, Elvira Popesco recebeu a distinção Molière d'Honneur em 1987 (Hanotte, 2018).

Elvira Popescu morreu a 11 de Dezembro de 1993, em Paris.

5.1.2. Magda Barcinska – Visto 1792 – 17 de Junho 1940

Maria Magdalena (Magda) Barcinska (figura 36) nasceu em Varsóvia, Polónia, provavelmente no ano de 1924.



Figura 36 - Magda Barcinska (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

A 17 de Junho de 1940 recebeu o visto 1792 (figura 37) de Aristides de Sousa Mendes, que lhe permitiu viajar com os pais até Portugal, para depois seguirem para o Brasil.



Figura 37 - Visto atribuído a Magda Barcinska, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Já naquele país, Maria Magdalena e Marcell Jacek Barcinska embarcaram em Santos, no navio *Argentina*, rumo a Nova Iorque, onde chegaram em Dezembro de 1941.¹⁸

Casou com Hugh Anthony Cregg, Jr., a 5 de Julho de 1950, com quem teve um filho, conhecido no mundo da música por Huey Lewis. Através de correspondência trocada com Huey Lewis, a sua mãe, Magda Barcinska, trabalhou em Nova Iorque como ilustradora de capas de álbuns e livros infantis até ao seu nascimento (anexo 4). A comprovar esta afirmação, foi encontrada uma referência sobre o seu trabalho que nos leva a 1946, quando ilustrou a capa do álbum de música de Haakon Behrg, *Sleeping Beauty*, mencionada no *Catalog of Copyrights Entries*, da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América (Copyright Office, 1946, p. 52).

Magda Cregg viveu com o poeta Lew Welch durante cerca de sete anos. Após a sua morte, numa homenagem a Lew Welch, Magda Cregg editou o livro *Hey Lew*, que contou com a participação de várias individualidades, incluindo o seu filho, Huey Lewis (Schwartz, 1997).

5.1.3. Marian Dabrowsky – Visto 1994 – 17 de Junho

Marian Dąbrowski (figura 38) nasceu a 27 de Setembro de 1878, em Mielec, Polónia. Foi jornalista, agente e editor, um dos nomes mais conceituados e influentes da imprensa polaca durante a Segunda República.



Figura 38 - Marian Dabrowsky (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Estudou Filologia Polaca na Universidade Jagiellonian, em Cracóvia, entre 1903 e 1907. Foi professor, carreira que abandonou para ir trabalhar na revista *Ilustracja Polska* e em 1908 tornou-se jornalista na revista *Głos Narodu*. Dois anos mais tarde

¹⁸ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/barcinski-elsner>, consultado em 28 de Agosto de 2018.

fundou o seu próprio jornal, o *Ilustrowany Kurier Codzienny* (Correio Diário Ilustrado). O primeiro número foi impresso a 18 de Dezembro de 1910 e poucos anos depois atingiu uma tiragem de 180 000 exemplares.

Após a Primeira Guerra Mundial, Marian Dabrowski aumentou o seu império ligado à imprensa, com vários escritórios em diferentes cidades da Polónia. Em 1927 comprou a revista *Nowa Reforma* e mudou a sua sede para o *Palac Prasy*, localizado no número 1 da Rua Wielopole, em Cracóvia. Em 1932 a sua empresa empregava cerca de 1400 pessoas e publicava 5 títulos, como o *Ilustrowany Kurier Codzienny*.

Entre 1921 e 1935, Dabrowski foi membro do Parlamento Polaco, dedicando-se a apoiar os mais necessitados. Criou e patrocinou prémios para jovens pintores, apoiou e organizou eventos desportivos e promoveu locais turísticos do seu país, como as Montanhas Tatra, pelo que foi nomeado Cidadão Honorário de Zakopane.

Financiou a construção de um novo edifício para o Museu Nacional da Polónia e criou o Teatro Bagatela. Membro da *Associação de Amigos das Belas Artes de Cracóvia*, chegou a ser diretor desta instituição de 1935 a 1939.

Recebeu inúmeras condecorações ao longo da sua vida: a de Alto-comissário da Ordem da Coroa de Itália e Roménia, a de Comandante da Ordem de S. *Sawy*, da Jugoslávia, e a Cruz de Prata de Mérito da Hungria.

Antes do início da Segunda Guerra Mundial, Dabrowski deixou a Polónia e foi viver para Paris. A 17 de Junho, Dabrowski recebeu de Aristides de Sousa Mendes o visto 1994 (figura 39), que lhe permitiu fugir com a mulher, Michalina Dabrowsky, para Lisboa, de onde seguiram para Nova Iorque a bordo do navio Excalibur em Outubro de 1941¹⁹.

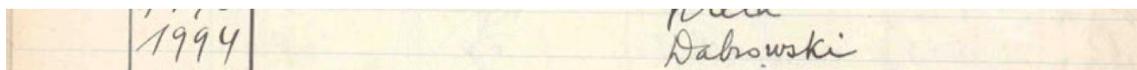


Figura 39 - Visto atribuído a Marian Dabrowsky, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Perdeu tudo com a guerra e morreu no dia do seu 80º aniversário, pobre e esquecido, na Florida, Estados Unidos da América. Mais tarde, as suas cinzas foram

¹⁹ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/dabrowski>, consultado em 26 de Novembro 2017.

transportadas para a Polónia, onde se encontra sepultado no cemitério de Rakowicki, em Cracóvia.²⁰

5.1.4. Simone Gallimard – Visto 2099

Simone Cornu, mais tarde Simone Gallimard, nasceu em Paris, a 5 de Dezembro de 1917, filha de Antoine e André Cornu, senador, que chegou a ser Secretário de Estado para as Belas Artes antes da Segunda Guerra Mundial.

Em 1939, Simone Cornu casou com Claude Gallimard, filho do fundador da Editora Gallimard, Gaston Gallimard. A 18 de Junho de 1940, Simone Gallimard recebeu de Aristides de Sousa Mendes o visto 2099 (figura 40) em Bordéus, conforme consta no Livro de Registos emitidos por Aristides de Sousa Mendes.



Figura 40 - Visto atribuído a Simone Gallimard, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Apesar da pesquisa realizada, não foi possível descobrir qualquer informação sobre este período da vida de Simone Gallimard. Foi encontrada apenas uma referência a este período na página do Senado Francês, onde é mencionado que André Cornu teve que aguardar pela Libertação de França para retomar a sua atividade política.²¹

Em 1957, Gaston Gallimard comprou a editora Mercure de France, que editara Marcel Proust e Guillaume Apollinaire, mas que se encontrava em declínio. Simone Gallimard é nomeada diretora, passando a presidente em 1969.

Simone Gallimard manteve-se à frente da editora durante 33 anos. Durante este período, a Mercure de France publicou obras de poetas como Reverdy, Michaux, Bonnefoy, Sэфэris, Adonis, du Bouchet e romancistas como Klossowski e Ionesco. Vários autores da Mercure de France receberam prémios, como o Prémio Renaudot para Salvat Etchart, o prémio Médicis para Michel Butel e François-Olivier Rousseau e o prémio Fémina para Claude Faraggi, Jocelyne François e Paula Jacques.

²⁰ Ver sítio <http://biblioteka.sejm.gov.pl/?lang=en>, consultado em 19 de Fevereiro 2018.

²¹ Ver sítio http://www.senat.fr/senateur-4eme-republique/cornu_andre000763.html, consultado em 10 de Dezembro de 2018.

Em 1975, Simone Gallimard publicou a obra *La vie devant soi*, de Emile Ajar (figura 41), que acabou por revelar ser um pseudónimo do escritor Romain Gary, que acabou por ganhar o Prémio Goncourt com esta sua obra, pela segunda vez.

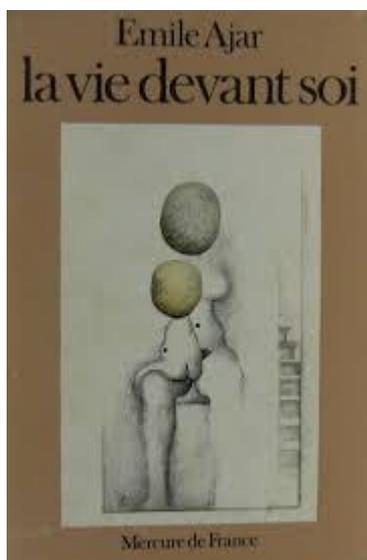


Figura 41 - *La vie devant soi*, de Émil Ajar (cortesia da Mercure de France).

O livro foi traduzido para mais de vinte línguas, vendeu mais de um milhão de cópias e foi levado ao cinema, com o título *Madame Rosa*.

Simone Gallimard morreu a 23 de Outubro de 1995 em Neuilly, vítima de cancro. A sua filha Isabelle Gallimard sucedeu-lhe na direção da editora Mercure de France (Mercure de France, 2018).

5.1.5. Paul Ringelheim – Visto 2162

Paul Ringelheim nasceu em 1933, em Viena, Áustria, filho de Rosalie e de Heinrich Ringelheim.

Em 1940, a 18 de Junho, Paul e os seus pais receberam vistos de Aristides de Sousa Mendes, viajando para Lisboa. Em Julho desse ano, Paul Ringelheim e a mãe, com o visto 2162 (figura 42), embarcaram no navio Nea Hellas, rumo a Nova Iorque. O seu pai, Dr. Heinrich Ringelheim, juntou-se-lhes em Fevereiro de 1941, a bordo do navio Excalibur.



Figura 42 - Visto atribuído a Paul Ringelheim, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Paul Ringelheim estudou na Universidade Fairleigh Dickinson de New Jersey, que financiou uma gigantesca escultura em bronze, que Ringelheim expôs na World's Fair em Nova Iorque, em 1964.

Muito reconhecido por artistas, como o pintor Pablo Picasso e o escultor Jacques Lipchitz, Paul Ringelheim tornou-se num escultor conhecido pela dimensão das suas obras. Ao longo da sua carreira, realizou várias exposições individuais nos Estados Unidos da América (Nova Iorque, Boston, New Jersey, Palm Beach), na Alemanha (Berlim, Munique e Hamburgo) e em Londres, e ainda em exposições coletivas nos Estados Unidos da América e no Canadá.

Para além da escultura, Paul Ringelheim dedicou-se à pintura, sendo bem conhecidas as suas variações sobre a bandeira norte-americana (figura 43), e à arquitetura, tendo projetado diversos edifícios em Colúmbia, Carolina do Sul, Worcester e Massachusetts.



Figura 43 - Quadro *Untitled - American Flag and Arrows*, de Paul Ringelheim (cortesia da RoGallery).

Paul Ringelheim faleceu em 2003. No entanto, as suas obras podem ser apreciadas na Universidade Fairleigh Dickenson, New Jersey; na Haus der Kunst, Munique; no Museum of Modern Art, em Nova Iorque; no Museum of Modern Art, em Tokyo; no Whitney Museum of American Art, em Nova Iorque; no Virginia Museum of Fine Arts, Richmond, Virginia; na Universidade Bryn Mawr, em Pensilvânia; e na Weatherspoon Art Gallery, da Universidade da Carolina do Norte.

5.1.6. Hendrik Marsmann – Visto 2210 – 18 de Junho de 1940

Hendrik Marsmann (figura 44) nasceu a 30 de Setembro de 1899, numa localidade perto de Utrecht, Holanda. Estudou Direito, chegando a praticar advocacia, mas em 1933 passou a dedicar-se à literatura.



Figura 44 - Hendrik Marsmann (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Em 1923, publicou um livro de versos livres, *Verzen*, que, segundo editores da *Encyclopaedia Britannica*, surpreendeu o mundo literário da época pelos seus versos livres:

“The collection *Verzen* (1923; “Verses”) expresses an antihumanist, anti-intellectual rebelliousness, which the poet called “vitalism.” (Bernlef, 2018).

Foi editor do *De Vrije Bladen*, tornando-se num crítico muito conceituado da sua geração. Em 1927 publicou a sua segunda antologia poética com o título *The Paradise Regained*, que recebeu elogios pelo seu valor literário, ganhando o prémio Prijs van Amsterdam desse ano. Em 1934, já num ciclo em que predomina a reflexão sobre a morte, publica o seu livro *Porta Nigra*, valendo-lhe o prémio Lucy B. en C.W. van der Hoogt, em 1936. O seu último livro, *Tempel en kruis*, editado em 1940, que reflete a sua evolução criativa é pautado pelo reforçar de ideais humanistas (Bernlef, 2018).

Em fuga desde a invasão da Holanda, a 18 de Junho de 1940, Hendrik Marsmann e a sua mulher, Rina, receberam o visto 2210 (figura 45), que lhes permitiu embarcar em Bordéus, no navio *Berenice*, com destino à Inglaterra, a 20 de Junho.



Figura 45 - Visto atribuído a Hendrik Marsmann, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Hendrik Marsmann morreu nesse dia, quando o navio em que seguiam se afundou no Canal da Mancha, sobrevivendo-lhe a sua mulher.

Em 2000, o seu poema *Herinnering aan Holland* (anexo 5) foi eleito o poema holandês do Século XX por um grupo de 3000 amantes da poesia.²²

²² Informação confirmada por correio electrónico, datado de 14 de Agosto, enviado por Arno Kuipers, da Koninklijke Bibliotheek.

5.1.7. Otto Eis – Visto 2227 – 18 de Junho 1940

Otto Eisler nasceu a 19 de Março de 1903, em Budapeste, no antigo Império Austro-Húngaro, atualmente Hungria, numa família de judeus.

Viveu na Alemanha, onde trabalhou na indústria cinematográfica, e na Áustria, para onde se mudou em 1933, após a subida ao poder do Partido Nazi. Com a anexação da Áustria pelos alemães, Otto Eisler fugiu para França, onde, a 18 de Junho, recebeu o visto 2227 (figura 46), que lhe permitiu viajar com a mulher até Portugal.

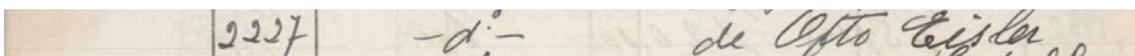


Figura 46 - Visto atribuído a Otto Eis, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Seguiriam depois para Cuba, onde permaneceram até Março de 1941, mês em que o navio Marques de Comillas os levou para Nova Iorque.

Adotou o nome de Osso Van Eyss, assinando também Otto Eis, e dedicou-se à escrita de argumentos para cinema. São da sua autoria os argumentos dos filmes *The Man with the Claw* (1931), *The Squeaker* (1931), *A Shot at Dawn* (1932), *The Star of Valencia* (1933), *Prison Without Bars* (1938), *Water for Canitoga* (1939, argumento), *I Was a Prisoner on Devil's Island* (1941) e *Big Jack* (1949). Estes dois últimos argumentos são dois dos seus trabalhos mais conhecidos.

Otto Eis morreu a 14 de Janeiro de 1952, na Califórnia, Estados Unidos da América.

5.1.8. Friedrich Torberg – Visto 2245 – 19 de Junho 1940

Friedrich Torberg (figura 47) nasceu a 16 de Setembro de 1908 em Viena, numa família de Judeus, naturais de Praga que se tinham mudado para Viena, Áustria.



Figura 47 - Friedrich Torberg (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Em 1921, a família voltou para Praga, e Friedrich Torberg começou a trabalhar para o jornal *Prager Tagblatt*, em 1928, escrevendo também para o *Leipziger Tagblatt*, mas, em 1933, os seus textos foram proibidos pelo Partido Nazi. Em 1938 Friedrich Torberg mudou-se para Zurique, seguindo depois em Junho de 1939 para Paris.

Com o início da guerra e a ameaça nazi, Friedrich Torberg saiu de Paris, dirigindo-se para Bordéus, onde, a 19 de Junho de 1940, recebeu de Aristides de Sousa Mendes o visto 2245 (figura 48), que lhe permitiu chegar a Lisboa. Porém, durante a fuga perdeu todos os seus manuscritos.

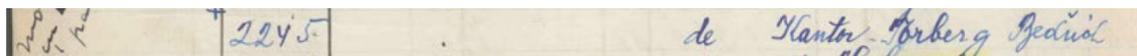


Figura 48 - Visto atribuído a Friedrich Torberg, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Em Outubro de 1941 chegou a Nova Iorque, mas seguiu para Los Angeles, Califórnia, onde trabalhou até 1944, como argumentista e jornalista. Em 1942, publicou o seu livro *Sehnsucht nach Alt-Aussee*.

Em 1944, mudou-se para Nova Iorque, recebendo aí a cidadania americana em 1945. Em 1951 voltou para a Áustria, onde trabalhou para o *Wiener Kurrier* até meados de 1953.

Nos anos setenta, publicou dois romances que lhe trouxeram notoriedade, *Süßkind von Trimberg* (1972), e *Die Tante Jolesch oder Der Untergang des Abendlandes in Anekdoten* (1975).

Em 1973, Friedrich Torberg recebeu a Medalha de Ouro de Honra da Cidade de Viena, em 1976, foi-lhe atribuída uma Condecoração pela Arte e Ciência, e em 1979 ganhou um prémio literário austríaco, o *Großer österreichischer Staatspreis für Literatur*.

Friedrich Torberg morreu a 10 de Novembro de 1979, em Viena, Áustria (Wurzinger, 2018).

5.1.9. Sonia Tomara – Visto 2306 – 19 Junho

Sonia Tomara (figura 49) nasceu a 26 de Fevereiro de 1897, em S. Petersburgo, Rússia. Licenciou-se em Engenharia Mecânica na Universidade das Mulheres. Durante a revolução russa, Sonia Tomara foi viver para França com a mãe, em 1920.



Figura 49 - Sonia Tomara, segunda da esquerda (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Aí encontrou trabalho como secretária do editor de assuntos internacionais do jornal *Le Matin*. Nas frequentes ausências do seu diretor, Sonia Tomara desempenhou as suas funções. Os seus conhecimentos adquiridos no desempenho das suas funções sobre política e finança internacionais permitiram-lhe conseguir uma crónica semanal no jornal *The New York Herald Tribune*. Nos anos 30, Sonia Tomara cobriu os principais acontecimentos internacionais, incluindo a subida ao poder de Hitler.

Em 1937, viajou para os Estados Unidos para integrar os quadros do jornal *New York Herald Tribune*, voltando à Europa onde foi fazer a cobertura da Blitzkrieg e da queda de Varsóvia.

Mudou-se depois para Paris e fez reportagens sobre a invasão da França pelas forças alemãs. Em Junho de 1940, foi obrigada a fugir de Paris. Recebeu o visto 2306 (figura 50) de Aristides de Sousa Mendes, que lhe permitiu entrar em Portugal.



Figura 50 - Visto atribuído a Sonia Tomara, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Em Julho de 1940, partiu para Nova Iorque, a bordo do navio *Nea Hellas*.²³

Em 1942, Sonia Tomara recebeu a sua acreditação como jornalista e fez a cobertura de diversos acontecimentos na China, Birmânia e Índia. Em Maio de 1943 mudou-se para a China, onde reportou as ações militares contra o Japão, no rio Yangtze. Seguiu depois para o Cairo e para Teerão, onde escreveu sobre diversos encontros das

²³ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/tomara>, consultado em 9 de Fevereiro 2018.

principais potências internacionais. Foi depois enviada para Argel, onde passou seis meses a reportar as ações das Forças Aliadas no Norte de África. No inverno de 1944, Sonia Tomara voltou a Paris para se despedir do *Herald Tribune*. Casou com William Clark, um juiz americano, que conheceu em Argel. (Crankshaft Publishing, 2018).

Sonia Tomara reformou-se em 1947 e viveu com o marido em Francoforte, Alemanha. Sonia Tomara morreu a 7 de Setembro de 1982 em New Jersey, EUA, na sequência de um ataque cardíaco (Redação, 1982).

5.1.10. Tereska Torrès

Tereska Szwarc, mais tarde Tereska Torrès (figura 51), nasceu a 3 de Setembro de 1920, em Paris, numa família de judeus, emigrantes da Polónia. O seu pai, Marek Szwarc era um pintor famoso e a sua mãe, Guina Pinkus, poetisa e romancista.



Figura 51 – George e Tereska Torrès (cortesia de Dominique Torrès, filha de Tereska Torrès).

Aos 19 anos de idade, Tereska e a mãe, Eugenia Szwarc, tiveram que deixar Paris, recebendo de Manuel Viera Braga, sob as ordens de Aristides de Sousa Mendes, o visto 2386 (figura 52), que lhes permitiu viajar até Portugal, onde ficaram a viver na Figueira da Foz.²⁴



Figura 52 - Visto atribuído à família de Tereska Torrès, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Sobre este acontecimento, Tereska Torrès escreveu no seu livro *Women's Barracks* (2011, p. 10), a seguinte passagem:

“On the twenty-fifth of June, 1940, I went with my mother to Biarritz, where there was a Portuguese consulate. We applied for visas for ourselves and my grandparents, and we were among the very last to receive them.”

²⁴ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/pinkus-szwarc>, consultado em 20 de Agosto 2018.

Seguindo o apelo de Charles de Gaulle para que a resistência continuasse, mesmo fora de França, Tereska Szwarc embarcou para Inglaterra, onde se alistou no Exército Livre Francês. Começou por desempenhar funções administrativas, passando depois a segundo-tenente.

Em 1944, conheceu George Torrès, também militar, com quem casou. Viveram juntos apenas cinco meses, pois George Torrès foi morto em combate em Lorraine, França. Deste casamento nasceu alguns meses mais tarde a sua filha, Dominique.

Após a guerra, Tereska Torrès regressou a Paris com a filha e publicou o seu primeiro romance, *Le sable et l'écume*, na editora Gallimard, que tinha começado a escrever aos 17 anos de idade. Este seu primeiro trabalho foi bem recebido pela crítica.

Em 1947, conheceu o escritor Meyer Levin durante as filmagens de um documentário sobre refugiados polacos, que tentavam chegar à Palestina. O diário que ela escreveu durante as filmagens do documentário foi publicado com o título *Unerschrocken. Auf dem Weg nach Palästina. Tereska Torres Filmtagebuch von 1947*, pela editora Du Mont Buchverlagen.

Tereska e Meyer Levin casaram em 1948 e tiveram dois filhos, Gabriel e Mikael. Encorajada pelo marido, Tereska decidiu publicar o diário, que manteve durante a sua passagem pelo exército durante a guerra. *Women's Barracks* foi publicado em 1950, em Nova Iorque, pela Gold Medal Book. Apesar de envolto inicialmente em polémica, o livro vendeu quatro milhões de cópias nos Estados Unidos da América e foi traduzido para mais de uma dúzia de línguas. Banido no seu país durante décadas, o livro *Women's Barracks* viria a ser publicado apenas em 2005 pela Feminist Press, na sua coleção *Femmes Fatales*, dedicada a romances escritos por mulheres nos anos 30, 40 e 50 do século XX (Foxsept, 2012).

Tereska Torrès escreveu dezasseis livros, entre os quais poderemos destacar *Not Yet...* (1957), pela editora Crown Publishers, Inc, *The Dangerous Games* (1957) pela editora Fawcett; *First Edition* e *The Golden Cage* (1959), pela editora Avon Books, *Les poupées de Cendre* (1979) e *Les années anglaises* (1979), ambos pela editora Seuil, *Le Pays des chuchotements* (1987), pela editora Séguir, *Les maisons hantées de Meyer Levin*, (1991), pela editora Denoel, *Une Française libre* (2000) pela editora Phébus e *Le choix – Mémoires à trois voix* (2002), pela editora Desclée de Brouwer. O último livro que escreveu, *Mission Secrète*, que consta das suas memórias durante a sua

campanha de quase duas décadas para ajudar os judeus da Etiópia a emigrarem para Israel (Lichfield, 2012), foi publicado pela Tallandier em Paris, no ano da sua morte.

Tereska Torrès morreu a 20 de Setembro de 2012, aos 92 anos de idade.

5.1.11. Lucien Grandgerard – Visto 2393 – 20 Junho 1940

Lucien Henri Grandgerard nasceu em Nancy, a 1 de Novembro de 1880. Estudou na Escola de Belas Artes de Nancy e, mais tarde, na Escola de Belas Artes em Paris, tendo sido aluno de Bonnat, Jules Lefèvre e Luc Olivier Merson. Frequentou a Academia Julian.

A partir de 1906 começou a expor no Salon des Artists Français com regularidade, tendo-se tornado mais tarde membro do Comité e do Júri. Pelos seus trabalhos em gravura, Lucien Grandgerard obteve uma medalha de prata no Salon des Artists Français em 1929, em 1932 recebeu a medalha de ouro e em 1933 recebeu o Grand Prix du Portrait (Leterrier, 2017).

A 20 de Junho de 1940, o casal Grandgerard recebeu o visto 2393 (figura 53), que lhe permitiu viajar até Lisboa. Dali partiram para Nova Iorque a bordo do navio Excambion, em Agosto de 1941.²⁵



Figura 53 - Visto atribuído a Lucien Grandgerard, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Durante a sua estadia nos Estados Unidos da América, Lucien Grandgerard realizou diversas palestras sobre a arte francesa e foi autor de inúmeros artigos sobre arte para diversas revistas (Beau, 1986, p. 54).

O quadro *Femme en tenue sur un divan* (figura 54), foi pintado em 1951.

²⁵ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/grandgerard>, acedida a 28 de Novembro 2017.



Figura 54 - Femme en tenue sur un divan (cortesia de <http://jcb1.pagesperso-orange.fr/>).

As suas obras poderão ser apreciadas em diversos museus de França, como Museu do Louvre, em Paris, no Museu Lorrain em Nancy, em Strasbourg e Cahors e ainda em museus no Luxemburgo e Glasgow.

Lucien Grandgerard continuou a pintar até à sua morte a 16 de Junho de 1970, em Perreux-sur-Marne, perto de Paris.

5.1.12. Léo Poldès – Visto 2406 – 20 Junho 1949

Leopold Szesszler ou Léo Poldès (figura 55) nasceu a 2 de Dezembro de 1891, em Paris.



Figura 55 - Léo Poldès (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Foi jornalista, escritor e fundador do Clube Faubourg em 1918, que manteve em atividade até 1940, altura em que se viu obrigado a deixar Paris. Recebeu o visto 2406 (figura 56) de Aristides de Sousa Mendes a 20 de Junho de 1940, que lhe permitiu viajar até Lisboa.

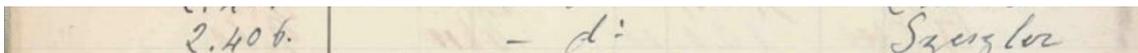


Figura 56 - Visto atribuído a Léo Poldès, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Dali seguiu para o Rio de Janeiro a bordo do navio Serpa Pinto em Agosto do mês ano.²⁶ Voltou a França no final da guerra, para retomar o seu trabalho no Clube Fauburg.

Léo Poldès morreu a 18 de Dezembro de 1970, em Paris (Printz, 2017).

5.2. Em Bayonne

Depois da verdadeira maratona a passar vistos, poucos eram os refugiados que ainda se mantinham em Bordéus. Perante as dificuldades expressas por Faria Machado face aos inúmeros pedidos de vistos, Aristides de Sousa Mendes decidiu seguir até Bayonne, onde continuou a passar vistos a quem deles necessitava. O Consulado português estava localizado na Rue du Pilon, num edifício antigo, que não apresentava grandes condições de segurança para albergar as centenas de pessoas que ocupavam as escadas à espera de um visto. Apesar disso, Aristides continuou a passar vistos sem parar, como atesta Sylvain Bromberger, citado no livro *Um Homem Bom* de Rui Afonso (1995, p. 134), e que se encontrava em Bayonne:

“A coisa que me lembro a seguir é que alguém trouxe um saco cheio de passaportes – provavelmente com os vistos carimbados – para a praça. Alguém tirava os passaportes do saco um a um e chamava pelos nomes.”

5.2.1. Michal Choromansky – Visto 2510 – 20 de Junho 1940

Michal Choromanski (figura 57) nasceu numa família de judeus, a 22 de Junho de 1904, em Jelizavetgrad, Ucrânia, hoje conhecida como Kirovograd.



Figura 57 - Michal Choromansky (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Em 1924, foi viver para a Polónia, onde se dedicou à tradução de poesia polaca para a língua russa, vendo os seus trabalhos publicados em edições periódicas

²⁶ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/sessler-szeszler>, consultado em 28 de Novembro 2017.

destinadas a emigrantes russos. Casou com Ruth Elly Abramovitsch, uma bailarina conhecida pelo nome de Ruth Sorel.

Obteve o seu primeiro êxito com o romance *Jealousy and Medicine*, publicado pela editora New Directions em 1933. Esta obra valeu-lhe um prémio atribuído pela Academia Literária Polaca e foi traduzido para 15 línguas.

A guerra levou Michal e Ruth Choromansky a Bordéus, onde obtiveram a 20 de Junho o visto 2510 (figura 58), emitido por Aristides de Sousa Mendes, que lhes permitiu prosseguirem diretamente para Inglaterra.²⁷



Figura 58 - Visto atribuído à família de Michal Choromansky, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Dali partiram para o Brasil, onde chegaram em Setembro de 1940. Depois de uma estadia de três anos, seguiram para o Canadá, onde viveram até 1955. Nesse ano, Michal regressa à Polónia, onde morreu a 24 de Maio de 1972.

Deixou vários livros publicados, sendo as suas últimas obras *Schodami w górę, schodami w dół* (1967), que, em 1988, viria a estar na origem do filme com o mesmo título, realizado por Andrzej Domalik, *W rzecz wstąpić* (1968) e *Słowacki wysptropikalnych* (1969) (Krzyzanowski, 2017).

5.2.2. Ruth Elly Abramovitsch Sorel

Ruth Elly Abramovitsch Sorel (figura 59) nasceu a 18 de Junho de 1907, em Halle, Alemanha. Estudou dança em Dresden e estreou-se a solo em 1926 no Essen Opera Ballet.



Figura 59 - Ruth Elly Abramovitsch Sorel (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

²⁷ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/choromanski>, consultado em 9 de Fevereiro 2018.

Em 1928, foi para Berlim, onde conheceu a fama no espetáculo *Josephslegende*, em 1931. Em Junho de 1933, Ruth Sorel foi para Varsóvia juntamente com o seu par, Georg Groke, para participar num concurso internacional de dança. Conquistou o primeiro lugar com o seu desempenho a solo em *Dance of the Seven Veils* da Ópera *Salome*, de Richard Strauss. Seguiu-se uma digressão por várias cidades polacas, acompanhada por Georg Groke. Nesse mesmo ano, adotou o nome de Ruth Sorel e ficou a viver em Varsóvia. Frequentou a escola de Janina Mieczynska e fundou a sua escola de dança, em 1937.

Ruth Sorel e Georg Groke, que tinham conquistado fama como par, trabalharam juntos até 1939. Nesse ano, a 6 de Setembro de 1939, já após a invasão da Polónia pelos alemães, Ruth Sorel casou com Michael Choromanski, que tinha conhecido em 1935.

O agravamento das condições de vida na Polónia e o facto de Michael Choromanski ter ascendência judia levaram o casal a deixar a Polónia. A 20 de Junho de 1940, Aristides de Sousa Mendes concede ao casal o visto 2510, o que lhes permitiu prosseguirem até Inglaterra. Dali partiram para o Brasil, onde chegaram em Setembro de 1940. Depois de uma estadia de três anos, seguiram para o Canadá, onde viveram em Montreal até 1957.

Durante a sua permanência no Canadá, Ruth Sorel prosseguiu a sua carreira de bailarina. Formou dois grupos de dança, *Les Ballets Ruth Sorel* e *The Ruth Sorel Modern Dance Group*, com os quais participou em festivais. Em 1949 conheceu o sucesso com o seu desempenho na coreografia *La Gaspésienne*, cujo libreto foi escrito pelo seu marido, espetáculo que foi apresentado depois em Toronto e Nova Iorque, e com *Mea Culpa Mea Culpa*, tendo algumas das sequências sido incluídas num documentário do National Film Board of Canada. Ruth Sorel manteve-se sempre em atividade até 1955, ano em que regressou com o marido, Michael Choromanski, à Polónia.

Ruth Sorel não conseguiu prosseguir com a sua carreira de dançarina na Polónia. Deu aulas de alemão e teve apenas uma aparição num evento a solo. Para poder ficar com o marido em Varsóvia, declinou um convite para um lugar de coreógrafa.

Ruth Sorel morreu a 1 de Abril de 1974, aos 66 anos de idade, em Varsóvia (Tembeck, 2013).

5.2.3. Gala e Salvador - Dalí Vistos 2519 e 2520 – 20 de Junho 1940

Gala

Elena Ivanovna Diakonova, mais tarde Gala (figura 60), nasceu em Kazan, Rússia, em 1894. Viveu a sua juventude em Moscovo, onde estudou e completou os seus estudos na Academia Brukhonenko, tendo sido professora primária com autorização do czar para leccionar em casas particulares.



Figura 60 - Salvador e Gala Dalí (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Por motivos de saúde, pois adoeceu com tuberculose, a família mudou-se para a Suíça em 1912, retornando à Rússia em 1914. Gala viria a casar com Eugène Grindel, que conheceu no sanatório onde esteve internada, de quem teve uma filha, Cécile.

Gala conheceu Salvador Dalí em 1929 e desse encontro nasceu um relacionamento intenso e estranho, que apenas acabou com a morte de Gala em 1982. Casaram em 1958, na capela de Angels, uma povoação perto de Girona. Gala foi a mulher e a musa do pintor (Fundacion Dalí, 2017).

Salvador Dalí

Salvador Dalí i Domènech (figura 60) nasceu em Figueres a 11 de Maio de 1904. Em 1910, o pai matriculou-o na Escola da Imaculada Conceição em Figueres, onde aprendeu francês. Através da coleção de arte de Ramon Pichot, cuja casa ele visitava com alguma frequência, Salvador Dalí teve o seu primeiro contacto com o Impressionismo.

Em 1919 participou numa exposição coletiva no Teatro Municipal de Figueres e, juntamente com outros colegas de estudo, fundou a revista *Stadium*, onde publicou os seus primeiros artigos.

Em 1920, foi para Madrid para estudar na Escola de Belas Artes. Em 1922, participou numa exposição dedicada a obras de alunos, obtendo um prémio com o seu trabalho Mercat.

Frequentou a Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, onde teve aulas de pintura e escultura, tendo privado com nomes que viriam a ser referências no mundo das artes, como Luis Buñuel e Frederico Garcia Llorca.

Em 1923, Salvador Dalí foi expulso da academia por ter liderado um protesto estudantil e voltou para Figueres. Voltou à academia em 1924, tendo que repetir o último ano que frequentara.

Após ter participado em várias exposições coletivas, em 1925 apresentou a sua primeira exposição individual nas Galerias Dalmau, em Barcelona.

Em 1927, teve a sua segunda exposição individual novamente nas Galerias Dalmau e participou no Segundo Salão de Outono, que teve lugar na galeria Sala Parés, ambas em Barcelona.

Em 1929, conheceu Gala, que viria a ser a sua musa e a sua mulher.

Em 1931, inaugurou a sua primeira exposição individual na Gallerie Pierre Colle em Paris e participou numa exposição em Nova Iorque, já na sua fase surrealista.

Em 1932, participou na exposição *Surrealism: Paintings, Drawings and Photographs*, organizada pela Galeria Julien Levy em Nova Iorque.

Em 1940, o casal teve que deixar França. Salvador Dalí poderia facilmente obter um visto, que seria autorizado pelo governo português. Mas Gala era russa, e, como tal, estava impedida de entrar no nosso país. Aristides de Sousa Mendes atribuiu-lhes os vistos 2519 e 2520 (figura 61) a 20 de Junho de 1940, com os quais puderam viajar para Lisboa. Dalí partiram para os Estados Unidos da América, a bordo do navio Excambion, chegando a Nova Iorque em Agosto desse ano (Fundacion Dalí, 2017).

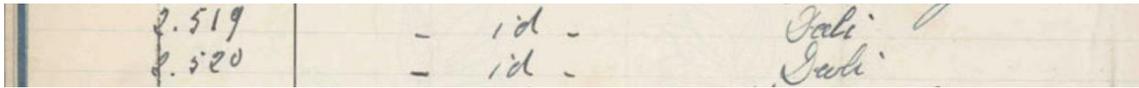


Figura 61 - Visto atribuído ao casal Dalí, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Em Nova Iorque, Salvador Dalí dedicou-se à joalheria, voltou a expor na Galeria Julien Levy, fez amizade com o fotógrafo Philippe Halsmann e criou o libreto, os cenários e o guarda-roupa para o espetáculo *Labyrinth* do Ballets Russes de Montecarlo, que teve lugar na Metropolitan Opera House em 1941. Nesse mesmo ano, o MOMA dedicou uma exposição a Miró e Salvador Dalí.

Para além de diversas exposições levadas a cabo durante o seu exílio em Nova Iorque, Salvador Dalí publicou dois livros, *Hidden Faces* (1944) e *50 Secrets of Magic* (1948), escreveu vários artigos, ilustrou diversos livros e participou na produção de um filme de Alfred Hitchcock, *Spellbound* (1945).

Em 1948, Gala e Salvador Dalí regressaram a Espanha. Dalí prosseguiu a sua carreira, que lhe valeu, em 1964, a Gran Cruz de Isabel La Católica. Nesse mesmo ano foi inaugurada uma exposição retrospectiva em Tóquio. Em 1965, a Gallery of Modern Art, em Nova Iorque, inaugurou a exposição *Salvador Dalí, 1910-1965*.

Em 1970, Salvador Dalí, numa conferência no Museu Gustave Moreau, anunciou a criação do Teatro-Museu Dalí em Figueres e, nesse mesmo ano, o Museu Boijmans van Beuningen de Roterdão organizou uma exposição retrospectiva do seu trabalho.

Em 1979 foi nomeado Membro da Academia de Belas Artes de França e foi inaugurada uma exposição retrospectiva no Centro Cultural Georges Pompidou. Em 1980, em Londres, a Tate Gallery inaugurou uma exposição sobre o trabalho de Dalí.

Em 1982, ano da morte de Gala, o rei espanhol nomeou-o Marques de Púbol e, em 1983, a exposição *400 Works of Salvador Dalí from 1914 to 1983* foi levada a cabo em Madrid, Barcelona e Figueres.

Salvador Dalí morreu a 23 de Janeiro de 1989, em Figueres. Nesse ano foi inaugurada a exposição *Salvador Dalí, 1904-1989* na Staatsgalerie em Estugarda, seguindo depois para a Kunsthaus em Zurique (Fundacion Dalí, 2017).

5.2.4. Jean-Michel Frank – Visto 2526 – 20 de Junho

Jean Michel Frank (figura 62) nasceu a 28 de Fevereiro de 1895 em Paris numa família judia, sendo primo de Anne Frank.



Figura 62 - Jean-Michel Frank (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Frequentou o Liceu Janson de Sailly em Paris e em 1911 iniciou os estudos em Direito. Em 1915, os seus dois irmãos mais velhos morreram na frente de batalha na Primeira Guerra e pouco depois o seu pai suicidou-se. Em 1919, perdeu a mãe e iniciou uma série de viagens pelo mundo. Durante uma dessas viagens, em Veneza, conheceu Stravinsky e Diaguilev. Em 1927, conheceu Eugenia Errázuziz, que se tornou a sua mentora, ficando seu discípulo.

Em 1932, abriu um escritório em Paris, juntamente com Adolphe Channaux, trabalhando em conjunto em diversos projetos de decoração. Foi neste período que Jean Michel Frank criou algumas das suas peças de mobiliário mais emblemáticas (figura 63).



Figura 63 - Conjunto de mesas de Jean Michel Frank (cortesia da Gallery BAC).

Em 1940, recebeu o visto 2526 (figura 64) de Aristides de Sousa Mendes, que lhe permitiu viajar até Lisboa, de onde seguiu para a Argentina.²⁸

²⁸ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/frank-lovett>, consultado em 26 de Novembro 2017.

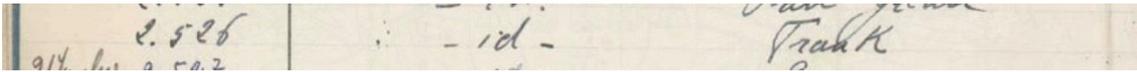


Figura 64 - Visto atribuído a Jean-Michel Frank, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Juntamente com Ignacio Pirovano, estabeleceu-se em Buenos Aires, participando em diversos projetos de decoração, tornando-se diretor artístico da empresa COMTE. Entre os seus trabalhos, destacam-se o projeto para o hotel Llao Llao na Patagónia e o projeto de decoração para a família Born (Valadas, 2010).

A 3 de Agosto de 1941, de visita a Nova Iorque, Jean Michel Frank, acometido de depressão, suicida-se, atirando-se de uma janela de um edifício em Manhattan.

Para a história ficaria a sua criatividade, que o levou a criar peças de mobiliárias únicas, que ainda hoje são muito procuradas por colecionadores, permanecendo o seu estilo e a sua obra uma fonte de inspiração que chegou até aos nossos dias (Ivry, 2017).

5.2.5. Hans e Margret Rey – 20 de Junho

Hans Augusto Rey

Hans Augusto Rey (figura 65) nasceu em Hamburgo, a 16 de Setembro de 1898, numa família de judeus. Conheceu Margarete Elisabeth Waldstein no Brasil, com quem casou em 1935. Foram, depois, viver para Paris, de onde fugiriam em bicicletas que o próprio Hans Rey montou, dias antes da chegada dos alemães àquela cidade.



Figura 65 - Margret e Hans Rey (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Após uma viagem atribulada, descrita no livro *The Journey that saved Curious George*, de Louise Borden e ilustrado por Allan Drummond (2005), editado pela Houghton Mifflin Harcourt, de Boston, EUA, receberam os vistos necessários para seguirem viagem até Lisboa em Bayonne, onde chegaram a 23 de Junho de 1940.

A 21 de Julho, seguiram viagem no navio Angola até ao Brasil e daí depois para Nova Iorque, onde chegaram a 14 de Outubro de 1940, levando na bagagem os manuscritos do livro *Curious George* (figura 66), que tinha como personagem principal um macaco e que viria a ser publicado pela primeira vez em 1941, pela Houghton Mifflin, em Nova Iorque (Borden, 2005).

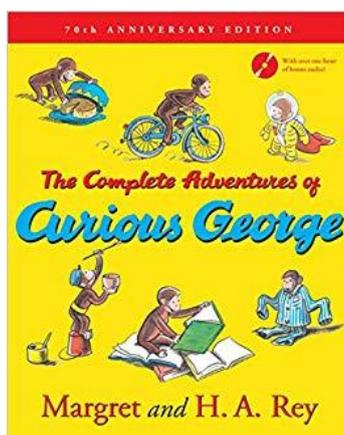


Figura 66 - Livro comemorativo dos 70 anos da criação de Curious George (foto da autora).

Seguiram-se mais aventuras do pequeno macaco endiabrado, sendo as ilustrações da autoria de Hans Rey e os textos escritos principalmente por Margret Rey. Em 1960, o livro *Curious George takes a job*, foi nomeado para a lista de finalistas ao prémio Lewis Carol Shelf Award.

Os Rey mudaram-se de Nova Iorque para Cambridge, Massachusetts, onde viveram até à morte de Hans Augusto Rey, a 26 de Agosto de 1977.

Paralelamente à criação de novas aventuras para crianças, Hans Rey tinha um grande interesse pela astronomia, que o levou a escrever um livro onde redesenhava as constelações, dando-lhes uma forma mais óbvia e fácil de memorizar para os mais novos, o *The Stars: A New Way to see Them*, que viria a ser publicado em 1952 pela Houghton Mifflin, de Boston.

A série *Curious George* vendeu mais de 27 milhões de cópias e encontra-se traduzida em mais de 14 línguas (Borden, 2005).

Margret Rey

Margarete Elisabeth Waldstein (figura 52) nasceu em 1906, em Hamburgo. Desde muito nova que demonstrou aptidão para as artes, chegando a frequentar a Escola

de Artes Bauhaus. De origem judia, Margarete viu-se obrigada a fugir da perseguição nazi, seguindo para Inglaterra, onde trabalhou como fotógrafa. Dali seguiu para o Brasil, onde se encontrou com Hans Augusto Rey, acabando por se casar com ele em 1935.

Juntamente com o marido, deu vida à personagem *Curious George*, sendo coautora dos livros, participando, principalmente, na criação dos textos. Após a morte do marido, Margret continuou o trabalho na divulgação da obra de ambos.

Margret Rey faleceu a 21 de Dezembro de 1926, em Cambridge, Estados Unidos da América (Borden, 2005).

5.2.6. Roger Deleplanque – Visto 2532 – 21 de Junho 1940

Roger Deleplanque, jornalista e escritor, autor do livro *Un crime au quai d'Orsay* (1931), recebeu o visto 2532 (figura 67) de Aristides de Sousa Mendes que lhe permitiu viajar para Portugal, juntamente com o filho.



Figura 67 - Visto atribuído a Roger Deleplanque, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Partiram depois para Marrocos, a bordo do navio Massilia a 21 de Junho de 1940.²⁹ Foi fundador da revista *France Univers* em 1950.

5.2.7. Hélène Gordon Lazareff – Visto 2549 – 21 de Junho de 1940

Hélène Gordon Lazareff nasceu a 21 de Setembro de 1909 em Rostov-sobre-o-Don, Rússia. Após a revolução, a sua família mudou-se para Paris, onde estudou Letras e Etnologia, chegando a participar numa missão ao Congo, organizada por Marcel Griaule. Teve uma filha do seu casamento com M. Raudnitz, Michele, que nasceu em 1930. Depois de se divorciar, casou com Pierre Lazareff. Iniciou-se como jornalista na rubrica infantil do *Paris Soir*, então dirigido por Jean Provoust, indo depois trabalhar para a revista *Marie Claire*, fundada por Jean Provoust.

A 21 de Junho de 1940, Hélène, o marido, Pierre Lazareff, Simone e Roger Lazareff, receberam um visto de Aristides de Sousa Mendes (figura 68), que permitiu à

²⁹ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/deleplanque>, consultado em 26 de Novembro 2017.

família viajar para Lisboa. Daí, seguiram para Nova Iorque, a bordo do navio Quanza em Agosto de 1940.³⁰



Figura 68 - Visto atribuído a Hélène Gordon Lazareff, retirado do Livro de Registos de Vistos do Consulado de Bordéus (cortesia do Instituto Diplomático de Portugal).

Em Nova Iorque, Hélène Lazareff trabalhou para as revistas *Harper's Bazar* e *Vogue*, chegando a ser editora da rubrica *Women's page* do *New York Times*.

O casal Lazareff regressou a Paris poucas semanas após a libertação desta cidade, em 1944.

Tendo descoberto a sua vocação na área do jornalismo da moda, Hélène fundou a revista *Elle* em 1945, tendo-se mantido na sua direção até 1973, altura em que teve que abandonar o cargo devido à doença que a atingiu, alzheimer.

Hélène Gordon Lazareff morreu a 16 de Fevereiro de 1988.

Durante a sua direção, a revista *Elle* promoveu nomes como Coco Chanel e André Corrièges. Tentou sempre dar uma imagem de uma mulher independente, moderna e ativa. Chegou ao milhão de exemplares nos anos 60.

5.3. A denúncia e a reação do Ministério

Aristides de Sousa Mendes tinha já transgredido inúmeras vezes as instruções recebidas pelos seus superiores, que o instavam a parar. Mas foi uma denúncia de um cidadão inglês, a 20 de Junho de 1940, que apresentou uma queixa à Embaixada Britânica em Lisboa contra o Cônsul de Bordéus, alegando que este fazia prolongar a passagem de vistos até fora das horas de expediente, para depois cobrar taxas mais elevadas, que levou o Ministério a tomar medidas mais drásticas (Fevereiro e Franco, 2000).

Em 22 de Junho, foi enviado um telegrama do Ministério dos Negócios Estrangeiros em que era solicitada à Legação de Portugal, em França (Bordéus), que fosse comunicado a Aristides de Sousa Mendes a proibição de emitir vistos. Em 23 de Junho, Lopo Simeão advertiu o Ministério dos Negócios Estrangeiros da situação

³⁰ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/lazareff-raudnitz>, consultado em 31 de Julho 2018.

caótica relativamente à emissão de vistos, insinuando que Aristides de Sousa Mendes deveria estar louco (Fevereiro e Franco, 2000).

Em 24 de Junho, o Ministério dos Negócios Estrangeiros enviou um telegrama, ordenando o regresso a Portugal de Aristides de Sousa Mendes. No dia seguinte, o embaixador Teotónio Pereira enviou um telegrama para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, dando conta da situação caótica na fronteira entre França e Espanha e que tinha informado as autoridades espanholas de que os vistos passados por Aristides de Sousa Mendes deveriam ser considerados nulos (Fevereiro e Franco, 2000).

Nas palavras de Teotónio Pereira, Aristides de Sousa Mendes estava a passar vistos a “massa estrangeira de refugiados existentes em França... que se esforçavam com ou sem motivo... por fugir França a todo custo.” Continuava, dizendo que as autoridades espanholas estavam a acusar o nosso país de “dar acolhimento à escória dos regimes democráticos” (Fevereiro e Franco, 2000).

Mas o facto de as autoridades fronteiriças terem conhecimento de que os vistos passados por Aristides de Sousa Mendes eram nulos, não o impediu de encaminhar um grupo de refugiados, a quem tinha sido negada a entrada em Espanha, a um outro posto fronteiriço que ele calculava não ter recebido ainda essa informação, conseguindo que todos prosseguissem viagem (Afonso, 1995, p. 152).

5.3.1. Sylvain Bromberger

Sylvain Bromberger (figura 69) nasceu a 7 de Julho de 1924, em Antuérpia, no seio de uma família de judeus.



Figura 69 - Família Bromberger (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Com os pais, recebeu o visto de Manuel Vieira Braga, por indicação do seu superior, Aristides de Sousa Mendes em Junho de 1940, seguindo para Portugal.

Viveram na Figueira da Foz e, tal como muitos outros refugiados, integraram-se na comunidade, participando em diversas atividades culturais. A prova disso é que da documentação constante na página da Sousa Mendes Foundation, faz parte um programa de uma peça de teatro, *Le Petit Chinois*, uma comédia em um ato de Frank Nohain, que conta com a participação de Sylvain Bromberger no papel de Zourye.

A família Bromberger partiu para Nova Iorque em Dezembro de 1940, a bordo do navio Niassa.

Sylvain Bromberger estudou na École Libre des Hautes Études, na George Washington High School e, em 1942, foi admitido na Columbia University. Interrompeu os estudos para se alistar no exército, onde ficaria a prestar serviço até 1945, altura em que um ferimento o fez regressar a casa. Retomou os estudos e obteve o bacharelato em 1948.

Em 1961 obteve o doutoramento pela Harvard, ingressando no MIT, como professor em 1966, cargo que ocupou até à sua reforma em 1993. Escreveu o livro *On What We Know We Don't Know: Explanation, Theory, Linguistics, and How Questions Shape Them*, publicado pela CSLI em 1992, onde estão reunidos os seus ensaios, escritos ao longo da sua vida sobre a natureza da explicação, teoria e fundamentos da Linguística. Sylvain Bromberger dedicou este livro a Aristides de Sousa Mendes, o responsável pela passagem do visto que lhe permitiu fugir da guerra, juntamente com a família (Egré, O'Neill, 2018). Nesse mesmo ano, Sylvain Bromberger e o irmão, David, participaram no documentário da Diana Andringa, onde recordaram aqueles dias de Junho de 1940, em que as suas vidas dependeram de uma assinatura nos seus passaportes.

Sylvain Bromberger morreu a 16 de Setembro de 2018, em Cambridge (Egré, O'Neill, 2018).

5.3.2. Alex Grig

Alexandra Onisimovna von Grinkrug (figura 70) nasceu em Paris em 1938, numa família de emigrantes russos judeus. Desde muito nova que demonstrou queda para o desenho.



Figura 70 - Alex Grig (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

A 25 de Junho de 1940, os seus pais receberam um visto de Aristides de Sousa Mendes em Bayonne, França, o que lhes permitiu viajar para Portugal. Viveram no Luso e no Estoril até embarcarem no navio Nea Hellas, em Outubro de 1940, com rumo a Nova Iorque.³¹ Mais tarde, Alex Grig regressou a Paris, onde recebeu a sua educação e influências artísticas.

Teve como professores André Lhote, Ossip Zadkine, Edouard Mac-Avoy e Claude Schurr. Deu aulas de desenho em Roma, Veneza e Nova Iorque e realizou diversos retratos de personalidades ligadas às artes um pouco por todo o mundo (Nova Iorque, Washington, Chicago, Hollywood, Atenas, Roma e Moscovo).

Dedicou-se à pintura, à ilustração de revistas e de livros infantis, à pintura de cenários, azulejaria, gravuras e litografias (figura 71).

³¹ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/davidovsky-grinkrug-zolotnitzky>, consultado em 19 de Abril 2018.



Figura 71 - Auto-retrato de 1963 (cortesia da Art of the Russias).

Presença regular em exposições em Paris, desde 1979 que participou na FIAC e nas feiras internacionais de Basileia e Colónia. Em 1988 inaugurou uma exposição individual em Nice, sob o título *Acropolis* e, em 1996, em Evian, a exposição *La Grange au Lac*.

Recebeu inúmeras distinções, como a *La Clef d'Or* do *Carnegie Institute* de Filadélfia, a *Médaille d'Argent des Arts Décoratifs*, uma Menção Honorária da Academia Juillian e *Prix du Salon des Artistes Français* (Grigg, 2017).

Em 2013 Alex Grig dedicou-se a trabalhos de pintura de murais e retratos para o Rei de Marrocos (Feanor, 2012).

5.3.3. Salomon Dembitzer

Salomon Dembitzer (figura 72) nasceu em Cracóvia, a 29 de Dezembro de 1888, onde viveu numa pequena aldeia, Lancut, até partir, aos 15 anos, para a Alemanha, primeiro para Frankfurt, depois para Kassel, onde foi editor do *Kasseler Volksblatt*.



Figura 72 - Salomon Dembitzer (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Em 1916, Dembitzer foi para a Holanda, onde escreveu para o *Algemeen Handelsblad* e *Het Volk*, dois jornais de Amsterdão. Foi também colaborador de diversos jornais alemães durante um período em que repartiu a sua vida entre a Alemanha e a Holanda.

Em 1930 publicou o seu primeiro romance, *Bummler and Bettler*, pela editora Axia, de Berlim e uma peça em três atos, *Wohlfahrtsamt*, pela editora S. Wulkan, de Berlim.

Com a subida de Hitler ao poder, Salomon Dembitzer passou os anos seguintes a viajar pela Europa em fuga. Da Holanda foi para a Bélgica e daí para França, onde recebeu um visto que lhe permitiu entrar em Portugal, juntamente com a sua noiva, Maria Bambust, a 28 de Junho de 1940. Salomon Dembitzer partiu para Nova Iorque em Fevereiro de 1941, a bordo do navio Lourenço Marques. A sua noiva, Maria Bambust, seguiu mais tarde ao seu encontro no Navio Serpa Pinto, em Junho de 1941.³²

Em 1947, Salomon Dembitzer e Maria Bambust foram para Sydney, Austrália, onde ficaram a viver até 1958. Durante a sua permanência naquela cidade, publicou vários livros. Em 1950 surgiu o seu romance *Drama in Ostende* (1950), editado pela *Villon Press*, Sydney. Em 1952 seria editado *Visas for America*, um relato da sua fuga durante a Segunda Guerra Mundial, e em 1955 surgiu uma antologia de contos, *Adventure in Prague*, ambos também publicados pela editora Voillon Press, de Sydney.

Salomon Dembitzer regressou à Europa em 1958. Não voltou à Alemanha, mas foi viver para Lugano, onde acabou por falecer a 11 de Outubro de 1964 (Turnheim, 2010).

5.3.4. Marcel Dalio

Ismael Moshe Blauschild, mais tarde Marcel Dalio, (figura 73) nasceu a 17 de Junho de 1900 em Paris.

³² Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/bambust-dembitzer>, consultado em 26 de Novembro 2017.



Figura 73 - Marcel Dalío (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Estreou-se como ator numa peça de teatro, *Les temps difficiles* (1935), de Édouard Bourdet, mas rapidamente conquistou um lugar no cinema. Participou nos filmes *Cargaison de Blanche* (1936), de Robert Siodmak, e *Pépé le Moko* (1937), de Julien Duvivier. Ainda em 1937, participou no filme *La grande Illusion*, e em 1939, no filme *La règle du jeu*, ambos de Jean Renoir. Em 1938 desempenhou um papel importante no filme *La maison du Maltais*, de Pierre Chenal.

Com a iminente invasão das tropas alemãs, Marcel Dalio viu-se obrigado a deixar Paris com a mulher, Madeleine Lebeau, também ela atriz, chegando a Portugal em Junho de 1940, presumivelmente após terem recebido vistos de Aristides de Sousa Mendes.³³

O percurso que os levou a Hollywood não é muito claro. Segundo a Sousa Mendes Foundation, o casal partiu no navio *Quanza* para os Estados Unidos da América em Agosto de 1940. Após uma viagem atribulada devido a vistos falsificados, que os obriga a ficar no México até conseguirem passaportes canadianos provisórios, que lhes permitiriam entrar nos Estados Unidos, chegaram a Hollywood em 1941.

Marcel Dalio participou em filmes como *One Night in Lisbon* (1941), Edward H. Griffith, *Shanghai Gesture* (1941), de Josef von Sternberg, *Casablanca* (1942), de Michael Curtiz, um filme sobre refugiados, onde desempenha o papel de *Croupier*, e onde Madeleine Lebeau também participa, *The Song of Bernadette* (1943), de Henry King, e *To Have and Have Not* (1944), de Howard Hawks, onde contracenou com Lauren Bacall, e Humphrey Bogart.

Marcel Dalio e Madeleine Lebeau divorciaram-se em 1943, e no final da guerra Marcel Dalio regressou a Paris. Aí prosseguiu a sua carreira como ator, participando nos

³³ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/dalio-lebeau>, consultado em 26 de Novembro 2017.

filmes *Son dernier Role*, de Jean Gourguet, 1946, *Captain Blackjack*, de Julien Duvivier, 1950.

Nos Estados Unidos da América participou em filmes como *Gentlemen Prefer Blondes* (1943), de Howard Hawks, contracenando com Jane Russell e Marilyn Monroe, *Flight to Tangier* (1953), de Charles Marquis Warren, *Lucky Me* (1954), de Jack Honohue, onde contracenou com Doris Day, e *Sabrina* (1954), de Billy Wilder, com Humphrey Bogart e Audrey Hepburn, *Ten Thousand Bedrooms* (1957), de Richard Thorpe, com Dean Martin, *China Gate* (1957), de Samuel Fuller, com a participação de Nat King Cole (1957), *The Sun Also Rises* de Henry King, com Tyrone Power e Ava Gardner, *The Man Who Understood Women* (1959), de Nunnally Johnson, com Henry Fonda, *Pillow Talk* (1959), de Michael Gordon, com Rock Hudson e Doris Day, *Can-Can* (1960), de Walter Lang, com Frank Sinatra e *The Devil at 4 O'Clock* (1961), de Mervyn LeRoy, com Frank Sinatra e Spencer Tracy.

No filme *The List of Adrian Messenger* (1963), de John Huston (figura 74), Marcel Dalio teve um importante papel secundário, contracenando com atores como Tony Curtis, Frank Sinatra, Kirk Douglas e Burt Lancaster.

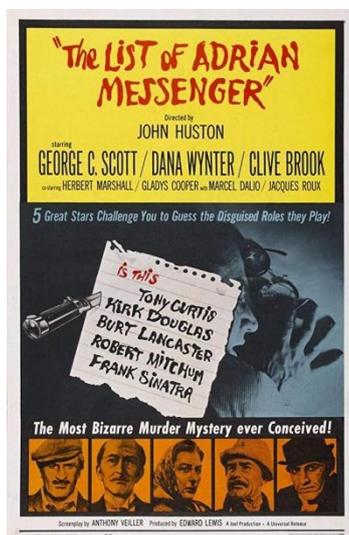


Figura 74 - The List of Adrian Messenger (cortesia de IMDB).

Depois do filme *Wild and Wonderful* (1964), de Michael Anderson, Marcel Dalio regressou a Paris, onde participou em vários filmes de produção francesa, voltando depois para os Estados Unidos da América, onde participou nos filmes *Lady L* (1965), de Peter Ustinov, com Sophia Loren e Paul Newman, *How to Steal a Million* (1966), de William Wyler, com Audrey Hepburn e Peter O'Toole, *How Sweet It Is!*

(1968), de Jerry Paris, com Debbie Reynolds e James Garner, *Catch-22* (1970), de Mike Nichols, e *Great White Hope* (1970), de Martin Ritt, com James Earl Jones.

Marcel Dalio participou ainda em filmes franceses, como *Les Aventures de Rabbi Jacob* (1973), de Gérard Oury, e *La Bête* (1975), de Walerian Borowczyk.

Marcel Dalio morreu em Paris, a 18 de Novembro de 1983, aos 83 anos (Cohen, 2017, Ryerson, 2017).

5.3.5. Madeleine Lebeau

Madeleine Lebeau (figura 75) nasceu a 10 de Junho de 1923, em Antony, França.



Figura 75 - Madeleine Lebeau (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Iniciou a sua carreira no filme *Jeunes filles en détresse* (1939), de Georg Wilhelm Pabst, com Marcelle Chantal, Micheline Presle e André Lugue. Casada com Marcel Dalio, fugiu na sua companhia para os Estados Unidos da América. Após uma viagem atribulada devido a vistos falsificados, que os obrigou a ficar no México até conseguirem passaportes canadianos provisórios, que lhes permitiriam entrar nos Estados Unidos, chegaram a Hollywood em 1941.

Madeleine Lebeau participou em filmes como *Hold Back the Dawn* (1941), de Mitchel Leisen, *Gentleman Jim* (1942), de Raoul Walsh, com Errol Flinn e *Casablanca* (1942), de Tony Curtiz, contracenando com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e o seu marido, Marcel Dalio. Foi neste filme que Madeleine Lebeau protagonizou uma das mais emotivas cenas do filme. O seu rosto aparece em destaque quando, em lágrimas, após escutar *A Marselhesa*, Madeleine grita “*Vive La France*” (Bahr, D’Emilio, 2016).

Madeleine Lebeau e Marcel Dalio divorciaram-se em 1943. Mais tarde, Madeleine casou com o escritor Tullio Pinelli.

Madeleine Lebeau regressou a França após a guerra e participou em vários filmes de produção francesa, italiana, inglesa e espanhola. Em 1960, desempenhou o papel de uma atriz francesa no filme *8 ½*, de Federico Fellini (figura 76), e em 1970 retirou-se dos palcos, após ter participado na série da televisão francesa *Allô Police*.



Figura 76 - Filme *8 ½*, com a participação de Madeleine Lebeau (cortesia da IMDb).

Madeleine Lebeau morreu a 1 de Maio de 2016 em Estepona, Málaga, Espanha (Barnes, 2016).

5.3.6. Egon Hostovsky

Egon Hostovsky (figura 77) nasceu a 23 de Abril de 1908 em Hronov, Checoslováquia, sendo o filho mais novo de uma família de Judeus. Estudou na Universidade Charles, em Praga e na Universität Wien, em Viena, não chegando a completar os estudos.



Figura 77 - Egon Hostovsky (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Nos anos trinta, trabalhou na Editora Melantrich, altura em que escreveu alguns dos seus livros, que foram depois traduzidos para várias línguas, tornando-o num dos mais conhecidos escritores checos da sua geração. Em 1935 escreveu *ŽháĜ*, que lhe valeu um prémio literário nacional, o State Prize for Literature, em 1936.

Em Fevereiro de 1939, Egon Hostovsky ausentou-se do país para uma digressão literária em Bruxelas. Com a invasão da Checoslováquia pelos alemães, Egon viu-se impossibilitado de voltar ao seu país, ficando a viver em Paris.

Em Junho de 1940, Egon Hostovsky, portador de um visto emitido por Aristides de Sousa Mendes, chegou a Lisboa, onde embarcou no navio Serpa Pinto para Nova Iorque, em Dezembro de 1940.³⁴

Durante o exílio, escreveu os livros *Letters from Exile* (1942), *The Czech Novel between the Two World Wars* (1943), *The Hideout* (1945) e *Seven Times the Leading Man* (1945).

Em 1946 voltou para a Checoslováquia, onde trabalhou no Ministério dos Negócios estrangeiros até 1949. Regressou aos Estados Unidos da América em 1950, onde foi professor de checo, correspondente de vários jornais americanos e editor na rádio Free Europe. Escreveu o livro *Hide and Seek: Two Tales of Escape the Hideout and the Black Band* (1954). Morreu em Montclair, New Jersey, a 7 de Maio de 1973 (Forbes, 2017).

5.3.7. Julien Green

Julien Green (figura 78) nasceu a 6 de Setembro de 1900, em Paris, o mais novo de uma família já de sete filhos. Os pais, americanos de nascença, tinham-se mudado para Paris em 1897. O nome foi-lhe dado em honra do avô materno, o congressista Julian Hartridge do estado norte-americano da Geórgia.

³⁴ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/hostovsky>, consultado em 28 de Novembro 2017.



Figura 78 - Julian Green (cortesia da Sousa Mendes Foudation).

Estudou no Liceu Janson, aprendendo ao mesmo tempo inglês e francês. Em 1914 a sua mãe morreu, perdendo, assim, uma pessoa que foi uma grande influência na sua vida. Sulista de coração, passou-lhe todas as histórias do Sul, todo o gosto por Savannah, a sua terra natal. Apesar de viver em França, a sua mãe tinha nacionalidade americana.

Na Primeira Guerra, Julien Green alistou-se no exército e aos 19 anos mudou-se para os Estados Unidos da América, onde frequentou a Universidade da Virginia. Estudou Latim, Grego, Literatura Inglesa, História, Alemão e Espanhol. Durante a sua estadia nos Estados Unidos da América estabeleceu contacto com a sua família americana em Savannah e estudou na Universidade de Virginia. Green regressou a França em 1922, voltando, por várias vezes, à América nos anos 30.

Julien Green publicou o seu primeiro trabalho literário, um conto com o título *The Apprentice Psychiatrist*, em Maio de 1920, na revista *University of Virginia Magazine*. Seguiram-se outros contos e em Maio de 1924 publicou um importante artigo sobre *Ulisses* de James Joyce na revista *Philosophies*.

Com o seu primeiro romance, *Mont-Cinère* (1926), publicado pela editora Plon-Nourrit, de Paris, Julien Green obteve o reconhecimento de escritores como Georges Bernanos. Seguiram-se *Adrienne Mesurat* (1927) e *Léviathan* (1929), obras consideradas por Stefan Zweig como estando imbuídas de um realismo mágico. Em 1928, Julian Green começou a escrever os seus diários, trabalho que iria durar toda a sua vida.

Em Junho de 1940, Julien Green recebeu um visto que lhe permitiu chegar a Lisboa e daí viajar para os Estados Unidos da América a bordo do navio Excambion em Julho desse ano, onde ficaria até ao final da guerra,³⁵ voltando depois para Paris.

Escreveu teatro, publicando as obras *Sud* (1953), *L'Ennemi* (1954) e *L'Ombre* (1956), obras autobiográficas, como *Partir avant le jour* (1963), *Mille chemins ouverts* (1964) e *Terre Lointaine* (1966).

Julian Green foi admitido na Academia Francesa em 1971. Depois do reconhecimento da sua obra, Julian publicou *Après le mauvais lieu* (1977), *Frère François* (1983), *Paris* (1986), editado em português pela editora Tinta da China em 2008, e aos oitenta anos iniciou uma trilogia sobre a vida sulista da terra natal da sua mãe, *Les pays lointains* (1987), *Les Étoiles du Sud* (1989) e *Dixie* (1995).

De todas as obras de Julian Green, destacam-se *Moira* (1950), traduzido para português por António de Sousa para a Ulisseia, considerado o seu melhor romance, *The Dixie Trilogy*, escrito entre 1980 e 1990, onde está bem patente o seu amor sulista, e os seus *Diários*, escritos entre 1928 e 2006, em 18 volumes, sendo que os dois últimos foram publicados postumamente.

Julian Green morreu a 13 de Agosto de 1998, em Paris. Está sepultado em Klagenfurt, Áustria, local onde passava férias com frequência (O'Dwyer, 2002, Raclot, 2009).

5.3.8. Mosco Galimir

Mosco Galimir (figura 79) nasceu em 1873, em Bucareste numa família judia.

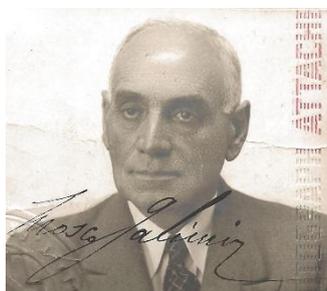


Figura 79 - Mosco Galimir (Sousa Mendes Foundation).

³⁵ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/de-saint-jean-green>, consultado em 20 de Agosto 2018.

Foi escritor, autor de livros como *Half a Century of World Travel: Impressions and Reflections* (1945) e *Cristobal Colon: the Discover of America, His Origin, Other Explorers* (1950), durante o seu exílio em Nova Iorque.³⁶ Mosco Galimir foi um dos refugiados, juntamente com a sua filha, Clara Marguerite Galimir, que ficaram a residir no consulado português em Bordéus (Afonso, 1995, p. 165). Os vistos atribuídos por Aristides de Sousa Mendes permitiram-lhes viver em segurança em França. Mosco Galimir partiu para Portugal em Junho de 1940, onde viveu até à sua partida para Nova Iorque, a 23 de Maio de 1941, a bordo do navio Excalibur.³⁷

5.3.9. Clara Marguerite Galimir

Clara Marguerite Galimir (figura 80) nasceu a 18 de Maio de 1905, em Viena, Áustria. Filha de Mosco e Elisa Rifka Galimir, judeus, Clara estudou música no Conservatório de Música em Viena. Pertenceu, juntamente com as irmãs, ao Quarteto Galimir, onde tocava violoncelo.



Figura 80 - Clara Galimir (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Em 1934, a sua mãe morreu e em 1935, com a subida de Hitler ao poder, Clara e o pai, Mosco Galimir, fugiram para Paris.

Em Junho de 1940, chegaram a Bordéus, onde foram acolhidos pela família de Aristides de Sousa Mendes. Passaram duas semanas na casa do Cônsul. Para tentar protegê-los, Aristides emitiu dois passaportes portugueses, o que lhes permitiu ficarem a salvo da perseguição por parte da polícia francesa, que, na altura, encarcerava todos os judeus que se encontravam na França ocupada, em campos (Afonso, 1995, p. 165).

Com os passaportes portugueses conseguiram vistos para os Estados Unidos da América. Clara Marguerite Galimir partiu para Nova Iorque a bordo do navio Excalibur,

³⁶ Ver sítio <https://www.abebooks.com/book-search/author/mosco-galimir/>, consultado a 28 de Novembro 2017.

³⁷ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/galimir>, consultado em 27 de Novembro 2017.

a 21 de Junho de 1941.³⁸ Foi naquele país que Clara Marguerite Galimir prosseguiu a sua carreira na música.

Mais tarde, Clara Marguerite Galimir enviou uma carta ao Yad Vashem (anexo 6), onde descreve a ajuda que Aristides de Sousa Mendes prestou a si e ao seu pai. O seguinte parágrafo é disso demonstrativo:

“When all these helpless families, waiting and begging for visas to save their lives, found nothing but closed doors, he alone opened the doors of the Consulate in Bordeaux and with the help of his sons worked day and night giving thousands of visas, ignoring the orders of his government to apply to the Ministère de l'Etranger, because he knew that there was no time to lose. My late father, Mosco Galimir, and myself were amongst the fortunate ones to get passports and to stay in the Consulate for two weeks.”³⁹

Esteve presente na cerimónia de atribuição da mais alta condecoração atribuída pela autoridade judaica a um não judeu, juntamente com alguns membros da família de Aristides de Sousa Mendes.⁴⁰



Figura 81 - Marguerite Rollin, nascida Galimir (quinta a contar da esquerda), na cerimónia de entrega da medalha atribuída pelo Yad Vashem a Aristides de Sousa Mendes (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

³⁸ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/galimir>, consultado em 27 de Novembro 2017

³⁹ Ibid

⁴⁰ Ver sítio http://altneu.han-solo.net/osfia/tng_wordpress//getperson.php?personID=I5277&tree=Hohenems, consultado em 9 de Agosto 2018.

5.3.10. Lilian Mowrer

Lilian Thomson Mowrer (figura 82) nasceu a 2 de Setembro de 1889, em Londres. Ingressou na Universidade de Sorbonne em Paris, em 1907, e mais tarde, na Universidade de Liverpool, onde estudou de 1911 a 1913.



Figura 82 - Lilian Mowrer (Sousa Mendes Foundation).

Em 1916, casou com Edgar Ansel Mowrer. Em 1937, publicou o livro *Journalist's Wife* em Nova Iorque, pela editora W. Morrow.

Em 1940, o seu destino cruzou-se com o de Aristides de Sousa Mendes, de quem terá recebido um visto que lhe permitiu seguir para Portugal e daí viajar para Nova Iorque em Agosto de 1940, a bordo do hidroavião Dixie Clipper.⁴¹

Em 1941, escreveu *Arrest and Exile* e, em 1942, *Rip Tide of Agression*. Em 1943, foi nomeada Presidente da Women's Action Committee for Lasting Peace pelo distrito de Columbia. Em 1952, publicou, juntamente com o marido, Edgar Ansel Mowrer, o livro *Umano and the Price of Lasting Peace* e, em 1961, publicou o seu último livro, *The Indomitable John Scott: Citizen of Long Island*. (Lacy, Mcguire, 2010, p. 5).

Trabalhou para a *Vanity Fair* como crítica teatral nos anos 40 e 50. Lilian Thomson Mowrer morreu a 30 de Setembro de 1990, em Chicago (Redação, 1990).

5.3.11. Edgar Ansel Mowrer

Edgar Ansel Mowrer (figura 83) nasceu em Bloomington, Illinois a 8 de Março de 1892.

⁴¹ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/mowrer>, consultado em 4 de Dezembro 2017.



Figura 83 - Edgar Ansel Mowrer (Sousa Mendes Foundation).

Frequentou a Universidade de Michigan e foi correspondente de Guerra em França e na Bélgica para o *Chicago Daily News*. Em 1916 casou com Lilian Thomson.

Em 1933, o seu livro *Germany Puts the Clock Back*, publicado pela editora W. Morrow & Company, valeu-lhe o Prémio Pulitzer para jornalismo. Foi eleito presidente da Foreign Press Association. Entre 1937 e 1940 foi responsável pela delegação do *Chicago Daily News* em Paris.

Em 1940, juntamente com a mulher, Lilian Mowrer, terá recebido um visto que lhe permitiu seguir para Portugal e daí viajar para Nova Iorque em Agosto de 1940, a bordo do hidroavião Dixie Clipper.⁴²

Colaborou com o US Office of War Information e, em 1948, publicou *The nightmare of American Foreign Policy*, pela editora Victor Gollancz. Em 1952, Edgar Mowrer iniciou a sua segunda coluna intitulada *What's Your Question on World Affairs* e foi editor da revista *Western World* entre 1956 e 1960. Em 1968, editou *Triumph and Turmoil: a Personal History of our Time*.

Em 1969, mudou-se para Wonalancet, New Hampshire, onde viveu até 1976. Durante este período foi columnista no *Manchester Union Leader* e escreveu "*Freedom Diary (A Crucial Year)*". Foi em 1973 que escreveu com a mulher, Lilian Mowrer, o livro *Umano and the Price of Lasting Peace*, pela editora Philosophical Library.

Edgar Ansel Mowrer morreu a 2 de Março de 1977, na Ilha da Madeira, Portugal (Lacy, Mcguire, 2010, p. 4).

⁴² Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/mowrer>, consultado em 4 de Dezembro 2017.

5.3.12. Naum Aronson

Naum Aronson Lvovich (figura 84) nasceu a 25 de Dezembro de 1872, em Kreslavka, Bielorrússia.

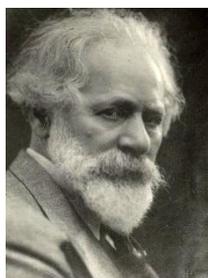


Figura 84 - Naum Aronson (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Desde muito cedo que demonstrou interesse pela escultura em madeira. Estudou na Escola de Arte de Vilna e, apesar de lhe ter sido oferecida a possibilidade de estudar numa escola de arte em S. Petersburgo, Naum Aronson preferiu mudar-se para Paris em 1891, onde estudou por um breve período na École des Arts Décoratifs. Frequentou o estúdio do Professor H. Lemaire e a Academia Colarossi.

Naum Aronson dedicou o seu trabalho ao estudo do rosto humano, tendo realizado diversos bustos de figuras conhecidas, como Leon Tolstoy, Louis Pasteur e Rasputine (figura 85), que apenas aceitou posar para ele.



Figura 85 - Busto de Rasputine (cortesia da Smithsonian Libraries).

Em 1937, Aronson recebeu a Cruz da Legião de Honra do Estado Francês pelo seu trabalho exposto durante a Paris World Exhibition. A peça em questão, um baixo-relevo de cinco metros de comprimento, tinha por título *França e as suas Colónias*.

Com a invasão nazi, Aronson deixou Paris, conseguiu um visto de entrada em Portugal, presumivelmente passado por Aristides de Sousa Mendes, em Junho de 1940. Viveu na Figueira da Foz até Março de 1941, altura em que deixou o país rumo a Nova

Iorque, no navio Serpa Pinto.⁴³ Na data da sua partida, o Jornal *Reclamo*, da Figueira da Foz, na sua edição de 15 de Março de 1941, dava conta, na página 4, de um texto publicado pelo Diário de Lisboa sobre Naoum Aronson:

“Encontra-se em Lisboa e segue brevemente para a América do Norte, o famoso escultor Naoum Aronson. Pelo seu “atelier” de Paris passaram todos os grandes escritores, desde Anatole até Paul Gerdard. Ganhou a sua primeira medalha de ouro na Exposição Universal de Paris em 1900, e o seu baixo-relevo de Pasteur foi considerado oficial e adotado pelo governo francês. Em Lisboa existe outra obra consagrada de Naoum Aronson - o baixo-relevo de Beethoven que se encontra no átrio do Conservatório Nacional de Música. Do seu escopro saiu toda a galeria de celeridades mundiais: Choupin, Berlioz, Tolstoi, Wagner, Washington e Bolívar, e tantas outras, em obras espalhadas pelos museus do Luxemburgo, do “Petit Palais”, da Biblioteca Nacional de Paris e por outros de Londres, Liverpool e Dublin, e também pelos da América do Norte.”

Acrescenta ainda que Naoum Aronson deixou Portugal muito grato pelo acolhimento de que foi alvo na Figueira da Foz e em Lisboa, elogiando a hospitalidade do povo português:

“Deixa Portugal profundamente reconhecido ao acolhimento que entre nós lhe dispensaram – diz-nos – e recorda a sua passagem pela Figueira da Foz, onde viu uma exposição de obras de artistas regionais.

- Impressionaram-me pela originalidade dois artistas já formados: Mário Augusto e José Santa Maria Fernandes – e dois ainda em formação – João Côrte Real Santiago e Hélia Estrêla, e também Celeste de Melo Mendes.

- De Lisboa – diz-nos ainda o ilustre escultor – levo belas recordações. E sinto tê-la visto tão pouco tempo. Lisboa é uma das mais belas cidades que conheço. Tem fisionomia própria, tem carácter.”

Quando chegou aos Estados Unidos, tinha consigo apenas fotografias dos seus trabalhos. Em Paris deixou seis galerias de arte.

⁴³ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/aronson-komisarow>, consultado em 26 de Novembro 2017.

Naum Aronson morreu a 30 de Setembro de 1943, em Nova Iorque. Os seus trabalhos encontram-se no Museu de Arte Petach Tikva. Um dos seus bustos, o de Beethoven, pode ver-se em frente da casa daquele músico em Bona, Alemanha.

É também da sua autoria a fonte que podemos admirar na Place de La Concorde, em Paris (Redação, 1943).

5.3.13. Vera Korène

Rebecca Véra Koretzky, mais tarde Véra Korène (figura 86), nasceu a 17 de Julho de 1901, em Bakhmut, Rússia.



Figura 86 - Vera Korène (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Durante a revolução russa, Vera Korène mudou-se para Paris. Começou a sua carreira no teatro, tendo participado em vários filmes nos anos trinta como *La voix sans visage* (1933), de Leo Mitler, *Belle de nuit* (1933), de Louis Valray, *Sept hommes, une femme* (1936), de Yves Mirande, *Café de Paris* (1938), de Yves Mirande e Georges Lacombe, e *La Brigade sauvage* (1939), de Marcel L'Herbier.

Com a iminente invasão alemã, Vera Korène deixou Paris, encontrando-se em Bordéus a 15 de Junho, onde terá recebido um visto de Aristides de Sousa Mendes, que lhe permitiu viajar para Portugal. Em Agosto de 1940, na companhia de Henri Torrès, partiu no navio Santa Elena para o Rio de Janeiro.⁴⁴ Pouco tempo depois, o governo de Vichy anulou a cidadania francesa a Vera Korène, deixando de pertencer à Société des Comédiens-Français.

Após a guerra, Vera Korène voltou para Paris, onde passou a ser presença regular nos palcos parisienses. No início dos anos cinquenta, fundou a sua companhia de teatro, levando à cena várias peças na Comédie Française, tais como *Athalie* de Jean Racine, em 1955. Em 1956, foi nomeada diretora artística do Théâtre de la

⁴⁴ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/korene>, consultado em 26 de Novembro 2017.

Renaissance, cargo que ocupou até 1978. Vera Korène morreu a 19 de Novembro de 1996, aos 95 anos, em Louvencienne, França (BnF, 2017).

5.3.14. Hugo Haas

Hugo Haas (figura 87) nasceu a 18 de Fevereiro de 1901, em Brünn, Moravia, Império Austro-Húngaro.



Figura 87 - Hugo Haas (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Durante a década de 1930, foi um ator dos mais aclamados no Teatro Nacional de Praga e um argumentista, ator e realizador bem conhecido do público. Com o filme *Bílá nemoc* (1937), uma fábula sobre uma ditadura implacável que ameaçava a Europa, e que foi lançado no estrangeiro, conseguiu reconhecimento internacional.

Com a invasão alemã, Hugo Haas e a mulher, Marie Bibikoff, filha do embaixador do Czar na Suíça, tiveram que abandonar o país. Viveram em Paris até que a invasão daquele país pelos Nazis os levou à fuga até Bordéus. Um visto de Aristides de Sousa Mendes permitiu-lhes seguirem até Lisboa, de onde partiram em Outubro de 1940 para Nova Iorque, a bordo do navio *Excambion*.⁴⁵

Nos Estados Unidos da América, Hugo Haas teve que começar de novo a sua carreira de ator. Começou por ser comentador de rádio e a trabalhar num teatro no bairro checo em Chicago. Conseguiu o seu primeiro papel em Hollywood em 1944, no filme *Days of Glory*, de Jacques Tourneur (figura 88), onde a mulher, Marie Bibikoff, conhecida por Bibi, desempenhou um papel secundário.

⁴⁵ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/haas>, consultado em 28 de Novembro 2017.

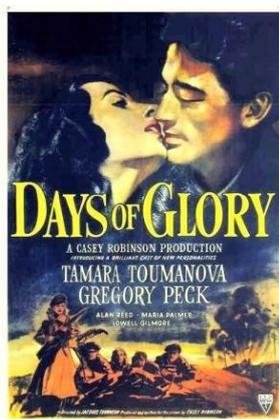


Figura 88 - Filme *Days of Glory* (cortesia da IMDb).

Participou nos filmes *Jealousy* (1945), de Gustav Machatý, *Bel Ami* (1947), de Albert Lewin, *My Girl Tisa* (1948), de Elliott Nugent, e na curta-metragem *Galileo* (1947), de Joseph Losey. Mas foi a sua participação em *As Minas de Salomão* (1950), de H. Rider Haggard, que lhe granjeou maior reconhecimento, tendo chegado a ser professor de atores como Gregory Peck (Cohn, 2017). Com o dinheiro conseguido com a sua carreira como ator, Hugo Haas dedicou-se à produção dos seus próprios filmes, participando também como ator em *Pickup* (1951), *Strange Fascination* (1952), *One Girl's Confession* (1953), *Thy Neighbor's Wife* (1953), *Bait* (1954), *The Other Woman* (1954), *Edge of Hell* (1956), *Hit and Run* (1957), *Lizzie* (1957), *Born to Be Loved* (1959) e *Paradise Alley* (1962).

Contrariamente ao que acontecera com os filmes que realizou no seu país, Hugo Haas não conseguiu o reconhecimento que gostaria com o trabalho desenvolvido nos Estados Unidos da América. O seu filme *In Your Backyard* (1959), não conseguiu mesmo obter distribuição, acabando por ser estreado apenas em 1962, com o título *Paradise Alley*.

Em 1961, Hugo Haas regressou à Europa, indo viver para Viena, Áustria, onde trabalhou para a televisão austríaca. Faleceu a 1 de Dezembro de 1968, devido a graves problemas de asma. Apesar de se terem divorciado amigavelmente em 1952, Bibi e Hugo Haas permaneceram amigos até ao fim (Johnson, 2012).

5.3.15. Bibi Haasová

Maria Bibikov (figura 89) nasceu a 25 de Abril de 1917, em Berna, filha de mãe checa e do aristocrata russo Michail Bibikoff, o último embaixador do Czar da Rússia.



Figura 89 - Bibi Haasová (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Estudou na escola de dança de Isadora Duncan, em Salzburg, e foi atriz de cinema, tendo participado em filmes como *Co se septá* (1938), de Hugo Haas, *Svet kde se zebra* (1938), de Miroslav Cikán, e em *The Girl on the Bridge* (1951), de Hugo Haas.

Em Junho de 1940, um visto de Aristides de Sousa Mendes permitiu-lhe fugir à guerra, viajando com o marido para os Estados Unidos da América em Outubro de 1940. Maria Bibikov morreu a 9 de Maio de 2009 em Laxenburg, Áustria (IMDb, 2017).

5.3.16. Ivan Sors

Ivan Sors nasceu em 1895, em Reka, Hungria, mas viveu a maior parte da sua vida na Checoslováquia. Começou os seus estudos em Budapeste, mudando-se depois para Praga, onde se tornou colaborador de vários jornais e editoras como cartoonista e ilustrador. O seu primeiro trabalho foi conseguido graças ao retrato que fez do diretor de um dos principais jornais da época.

Trabalhou para o jornal *Marianne* durante dois anos e esteve presente na Primeira Assembleia de Genebra em 1922. Dessa sua presença surgiu um álbum de retratos de alguns dos participantes nesse encontro. Editou também *Figures Parisiennes* (1933) e um álbum com 300 retratos de deputados do parlamento da Checoslováquia. Numa visita a Nova Iorque, em 1928, Ivan Sors desenhou os retratos de vários membros do Partido Democrático, incluindo o presidente Franklin Roosevelt e a sua mulher. Estes trabalhos foram, depois, reunidos num álbum. Em 1929, ilustrou o livro de Isaac Landmann, *Christian and Jew- A Symposium for Better Understanding*, editado em Nova Iorque por Horace Liveright (Museum of The Jewish People, 1996).

Em Junho de 1940, presume-se que recebeu um visto de Aristides de Sousa Mendes, que lhe permitiu viajar para Portugal. Viveu na Figueira da Foz, onde deixou

três quadros no Museu Municipal Santos Rocha e em casa de particulares. Sobre a sua permanência naquela localidade, Fausto de Almeida escreveu no *Jornal Reclamo* de 12 de Outubro de 1940, na página 7:

“Continua entre nós, como refugiado de guerra, este grande Artista Checo. Desenhador de invulgar categoria, caricaturista de guerra, mestre no fixar dos aspetos típicos e dos caracteres etnográficos, que quási instantaneamente apreende e transmite ao papel, Ivan Sors, graças ao seu privilegiado talento, integrou-se no ambiente piscatório local e possui já uma boa coleção de tipos de gente do mar, de gente de Buarcos, que o afirmam como um Artista de excepcionais faculdades artísticas.”

As obras *Mulher de Buarcos* (figura 90), *Pescador* (figura 91) e *Lobo do Mar* (figura 92), foram adquiridos pelo Museu Municipal Santos Rocha em 1940 (anexo 7).



Figura 90 – *Mulher de Buarcos* (cortesia do Museu Municipal Santos Rocha).

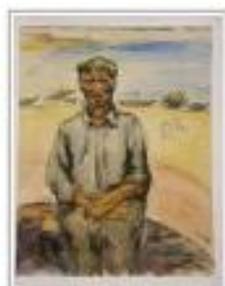


Figura 91 – *Pescador* (cortesia do Museu Municipal Santos Rocha).

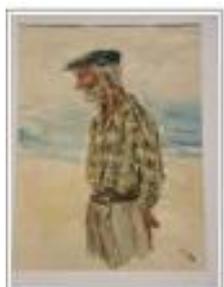


Figura 92 – *Lobo do Mar* (cortesia do Museu Municipal Santos Rocha).

Os quadros *Mulher de Buarcos* e *Lobo do Mar* fizeram parte da exposição intitulada *Rostos da Pesca*, levada a cabo pelo Museu Marítimo de Ílhavo de 18 de Maio a 27 de Setembro de 2008.

O escritor Afonso Cruz, numa entrevista ao jornal *Público*, contou que Ivan Sors esteve na base da criação da personagem do seu livro *O Pintor debaixo do Lava-Loiça*, pois foi acolhido pelos seus avós:

“É essa construção a partir do verídico que acontece em *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças*, baseado num pintor eslovaco que os avós de Afonso Cruz albergaram de veras em 1940. Com medo da PIDE (ainda PVDE, na altura), o pintor dormia debaixo do lava-loiças. No entanto, a maior parte do livro é a história prévia da vida de Jozef Sors (o nome do homem real era Ivan Sors), de tudo aquilo que o levou até ao refúgio na casa de uma família da Figueira da Foz.” (Madalena, 2012).

Ivan Sors partiu para Nova Iorque em Novembro de 1940, a bordo do navio Niassa.⁴⁶ Continuou a sua carreira nos Estados Unidos da América, onde foi professor de arte e colaborador da *Universal Jewish Encyclopedia*. Criou medalhas para a coleção de Samuel Friedenberg. Foi escultor, pintor e caricaturista, tendo continuado a retratar diversas personalidades mundiais, como Thomas Masaryk, fundador da República Checa, Chaim Weizman, presidente de Israel e Mohandas K. Gandhi. Ivan Sors morreu em Março de 1950, em Nova Iorque (Redação, 1950).

5.3.17. Jules Romains

Jules Romains (figura 93) nasceu a 26 de agosto de 1885, em Saint-Julien-en-Chapteuil, Haute-Loire, França. Terminados os estudos secundários, foi admitido na École Normale Supérieure em 1906, onde se formou em Filosofia. Em 1914 foi mobilizado para os serviços auxiliares do exército.

⁴⁶Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/sors>, consultado em 4 de Janeiro 2019.



Figura 93 - Jules Romains (cortesia da Sousa Mendes Foundation).

Publicou os seus primeiros poemas aos 18 anos, num livro intitulado *L'Âme des hommes*, em 1904. Foi o mentor do movimento literário designado por Unanimismo, uma corrente virada para o coletivo, patente no seu livro de poemas *La Vie unanime* (1908), nos seus romances *Mort de quelqu'un* (1911), *Les Copains* (1913) e na sua obra em vinte e sete volumes, intitulada *Les Hommes de bonne volonté*, publicados entre 1932 e 1946. O seu livro *Mort de quelqu'un* (1911) foi editado em português com o título *Morte de Alguém*, com tradução de Virgínia Motta. *Les Copains* (1913), publicado em português com o título *Os Pândegos*, conta a história de um grupo de amigos, amantes da bebida, que engendra um plano para se vingarem de duas localidades vizinhas, com tradução de Ersílio Cardoso, ambos publicados pela “*Livros do Brasil*” Lisboa, em 1955,

Mas foi no teatro que Jules Romains mais se notabilizou. Obras como *Knock ou le Triomphe de la médecine* (1923), uma sátira social que se desenrola numa localidade onde um médico sem doentes é substituído por um charlatão tão convincente, ao ponto de ter por clientes praticamente toda a comuna onde se instala, foi levada a cena em 1924. Seguiram-se *Amédée ou les Messieurs en rang* (1923), *Le Mariage de monsieur Le Trouhadec* (1926), *Le Déjeuner marocain* (1926), *Démétrios* (1926), *Jean le Maufranc* (1926), *Le Dictateur* (1926), *Boën ou la Possession des biens* (1930) tornaram-no, juntamente com Pirandello e George Bernard Shaw, num dos autores mais encenados do mundo no final dos anos 20. Foi presidente do Pen Club Internacional de 1936 a 1941 (Académie Française, 2017).

Com o advento da guerra, Jules Romains e a mulher, Lise Romains, tiveram que abandonar Paris. Em Junho de 1940 receberam vistos em Bayonne, sob a autoridade de Aristides de Sousa Mendes, que lhes permitiu seguirem para Lisboa de onde partiram

para Nova Iorque, em Julho do mesmo ano, a bordo do navio *Excambion*.⁴⁷ Esteve exilado nos Estados Unidos e no México até ao final da guerra. Em 1946, foi nomeado para a Academia Francesa, mesmo estando ausente no México. Entre 1953 e 1971, escreveu crónicas para o jornal *L'Aurore*, fundado em 1943. Jules Romains morreu a 14 de Agosto de 1972, em Paris (Tikannen, 2018).

Em 1986, Lise Jules-Romains escreveu um livro de memórias intitulado *Les vies inimitables: souvenirs*, editado pela Flammarion, Paris. Numa passagem do livro, referindo-se aos tempos conturbados da guerra e da fuga para Portugal, ela escreveu:

“En fait, ce que nous recherchions surtout, c'était les visas espagnol et portugais. Et des consulats des deux pays étaient installés à Biarritz, tout près donc de Bayonne. Le visa portugais, nous l'avons eu, mais je ne sais absolument plus dans quelles conditions. En tout cas, elles n'étaient pas pittoresques.”⁴⁸

Esta passagem demonstra bem o ambiente de caos vivido nos dias em que Aristides de Sousa Mendes, desobedecendo a ordens, emitiu os vistos ao casal Romains.

Lise Jules-Romains morreu a 10 de Abril de 1997, aos 87 anos.

5.3.18. Eugene Bagger

Eugene Bagger, escritor e crítico literário, nasceu em 1892, na Hungria. Viveu em Nova Iorque, onde escreveu para jornais como *New York Times*, *Century*, e *The New Republic*.

A 19 de Junho de 1940, Eugene e a sua mulher, Esther Bagger, encontravam-se em Bordéus, onde Aristides de Sousa Mendes lhes emitiu os vistos no *Hotel Splendide*, como referenciado no seu testemunho escrito, prestado à Sousa Mendes Foundation. Seguiram para Portugal e de Lisboa partiram para Nova Iorque, a bordo do navio *Manhattan*, em Julho de 1940.⁴⁹

Em Nova York, Eugene Bagger publicou *For the Heathen are Wrong: An Impersonal Autobiography* (1941), pela editora Little, Brown and Co (Cournos, 1941). Segundo Rui Afonso, Eugene Bagger menciona as circunstâncias em que recebeu o

⁴⁷ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/romains>, consultado em 9 de Fevereiro 2018.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ver sítio <http://sousamendesfoundation.org/family/bagger>, consultado em 4 de Janeiro 2019.

visto de Aristides de Sousa Mendes neste seu livro (Afonso, 1995, p. 104). Foi também autor da obra *Portugal: Anti-Totalitarian Outpost*, editado em Lisboa pela Edições S.N. I., em 1947, mencionado no Catálogo da National Library of Australia.

5.3.19. Witold Małcużyński e Collette Małcużyński

Witold Małcużyński nasceu em 10 de Agosto de 1914 em Koziczyn, Polónia. Em 1929, frequentou o Conservatório de Varsóvia, onde se formou em 1932 e teve como professor de piano, o Prof. Jerzy Lefeld. Prosseguiu os seus estudos de música com o Prof. Józef Turczyński, ao mesmo tempo que estudou Direito e Filosofia na Universidade de Varsóvia. Concluiu os seus estudos em 1936 e teve a sua estreia na Filarmónica de Varsóvia em 1937, com uma peça de Liszt, *Concerto para piano n.º 2 em lá maior*. Foi aluno de Paderewski durante alguns meses, entre 1936 e 1937. Seguiu depois para Paris, onde teve aulas com Marguerite Long e Isidore Philippe. Em 1938 regressou à Polónia, onde deu vários concertos em várias cidades da Polónia. Nesse mesmo ano, em Paris, casou com Colette Gaveau, também ela pianista. Em Janeiro de 1940, estreou-se em Paris com uma peça de Chopin, *Concerto para piano n.º 2 em fá menor*, tendo recebido calorosas críticas pela sua interpretação.

Em Junho de 1940, Witold e Colette receberam um visto que lhes permitiu seguir para Portugal, onde viveram na Figueira da Foz. Nessa cidade deram dois concertos no Casino Peninsular.

Seguiram, depois para a Argentina, onde deu vários concertos que lhe granjearam um convite para tocar no Carnegie Hall, em Nova Iorque. Em Abril de 1942, Małcużyński deu um concerto que contou com a presença de vários músicos na audiência, Ignacy Jan Paderewski, Józef Hofmann, Ignacy Friedman and Maurycy Rosenthal. O crítico musical Olin Downes escreveu: “Małcużyński masterfully controls all the faculties of piano playing... He declares Liszt’s famous Sonata with great verve, in terrific style..., on the other hand, he plays Chopin with great simplicity, yet dramatically. He knows how to be simultaneously natural and great.” (Narodowy Instytut Fryderyka Chopina, 2019).

Seguiram-se vários concertos nos Estados Unidos da América, onde tocou com maestros como Koussewitzky, Monteux, Paray, Mitropoulos, Reiner and Szell. No final da Guerra, Witold voltou à Europa, onde deu concertos em Londres e Paris. Foi o início

de uma carreira internacional, que o levou a vários continentes. Gravou vários discos pela Columbia, Angel, EMI, das suas interpretações de Chopin, Liszt, Brahms, Franck, Tchaikovsky e Rachmaninov. Foi membro do Júri da *Frederick Chopin International Piano Competition* em 1960 e 1970 (Niewiarowska, 2019) e da *Queen Elisabeth Music Competition* da Bélgica, em 1960. Recebeu uma condecoração da *Order Odrodzenia Polski*.

Witold Małcużyński morreu em 17 de Julho de 1977, em Palma de Maiorca e está sepultado no Cemitério de Powązki. (Narodowy Instytut Fryderyka Chopina, 2019).

6. O legado

Os vistos de Aristides de Sousa Mendes deram, àqueles os que os receberam, um futuro e a possibilidade de prosseguirem com as suas vidas, com os seus trabalhos. Da lista de nomes apresentada neste trabalho, apenas Hendrik Marsmann teve a infelicidade de falecer, na viagem para Inglaterra.

Nos seus países de origem ou no estrangeiro, escritores, pintores, jornalistas, músicos, bailarinos e estilistas prosseguiram com as suas carreiras, deixando para o futuro um legado acessível a todos nós. Na sua passagem por Portugal, pintores como Hélène de Beauvoir e Ivan Sors, deixaram quadros em Aveiro e Figueira da Foz, respectivamente. Os tecidos portugueses inspiraram Nelly de Grab, estilista, Julia Sazonova deixou um livro sobre a dança em Portugal e Naoum Aronson deixou um baixo-relevo de Beethoven no Conservatório Nacional de Música.

6.1. Le Portugal – Voyage Choreographique de Julia Sazonova

Durante o tempo em que viveu em Portugal, após receber o visto de Aristides de Sousa Mendes, Julia Sazonova escreveu um livro, fruto das viagens que fez pelo país, de norte a sul. Nesta obra, Julia Sazonova fala sobre a dança em Portugal.

O livro encontra-se arquivado na Torre do Tombo, juntamente com alguma correspondência, em que estão patentes as tentativas levadas a cabo por Julia Sazonova para que o seu livro fosse publicado, sem qualquer sucesso.

A obra é composta por três partes: *Premières Impressions*, *Les Origines* e *Les Ballets Portugais*, distribuídas por 237 folhas dactilografadas apenas num só lado.

Na primeira parte, *Premières Impressions*, Julia Sazonova começa por dizer, logo na primeira página:

“Pour décrire un pays, il faut commencer pour l’aimer. Regarder d’un œil indifférent les villes, le paysage, ne suffit pas: il faut acquérir l’âme de celui qui, née dans cette bourgade, ne l’a jamais quittée: on découvre alors derrière chaque fenêtre un visage amical, le décor paraît aussitôt familier: dans les rues, chaque pierre évoque des souvenirs.”

Ao longo desta primeira parte, Julia Sazonova começa por descrever a viagem de comboio que a levou até Lisboa, os diferentes lugares por onde passou e, finalmente, Lisboa e Cascais. Escreve sobre a arquitetura, os monumentos, as pessoas e caracteriza a maneira de estar portuguesa pelas seguintes palavras:

“La discrétion est l’un des traits les plus caractéristiques de la vie portugaise. Aussi, les églises sont elles d’un austerité monastique.” (1940, p. 5)

E sobre o país, Julia Sazonova escreve:

“Le Portugal est comme un beau navire amarré à la terre par de gigantesques chaînes.” (1940, p. 10).

Sobre a música popular, Julia Sazonova escreve na página 12:

“La chanson portugaise conserve la notion du réel, jusque dans les contes fantastiques. L’histoire de la douce et belle carochinha est très révélatrice à cet égard.”

E sobre o folclore, na página 16, Julia Sazonova escreveu que:

“Le folklore portugais reste toujours en contact avec le monde réel et s’inspire de la vie quotidienne.”

Mas considera que o povo português não rejeita o fantástico, como o prova a existência de lendas, como a da Moura Encantada do Algarve.

Neste capítulo, Julia Sazonova fala ainda sobre a Exposição do Mundo Português, das diferenças de paisagem nas diferentes regiões do país, terminando com algumas considerações sobre a música e a dança tradicionais portuguesas:

“Le peuple portugais ne se répand pas en chansons de rue comme l’oiseau sur la branche: il en possède un nombre infini qui se transmettent depuis des siècles de génération en génération; mais il ne chante que pendant les heures de travail et à telle ou telle fête. La danse elle aussi est réservée aux romarias, aux réjouissances dominicales.” (1940, p. 29).

Julia Sazonova termina este capítulo, afirmando, ainda na página 29, o seguinte sobre o folclore português:

“Aussi le folklore musical et coreographique est-il peut connu à l'étranger; à l'intérieur même du pays des diverses régions s'ignorent entre eux; sur ce rapport: un habitant de Trás-Os-Montes, par exemple, ne connaît la Corridinha de l'Algarve.”

No capítulo seguinte, “Les Origines”, Julia Sazonova discorre sobre as origens da dança na antiguidade clássica e a sua influência na dança em Portugal. Como exemplo disso, Julia Sazonova diz que o estudo da dança em Portugal deve “débuter par l'étude de son aïeule, la Terpsychore grecque.” (1940, p. 33).

Como justificação para esta afirmação, Julia Sazonova menciona os pescadores de Aveiro:

“Les pêcheurs d'Aveiro, fils de la mer eaux-aussi, suivent la tradition de Prothée, lorsqu'ils font revivre dans leur danse le frémissement des arbres sous la brise et le mouvement impétueux des vagues.” (1940, p. 33).

Julia Sazonova prossegue a sua comparação entre a dança em Portugal e a dança na antiguidade grega, mencionando a dança dos Ferreiros, de Penafiel, comparando os seus movimentos.

“La danse des Ferreiros exécutée aux fêtes de Penafiel et qui reproduit la lutte de chrétienté contre les maures me parut une réplique de l'antique *prilis* du combat contre les Titans.” (1940, p. 34).

Segue-se um capítulo dedicado ao Algarve, onde fala sobre Albufeira, Loulé, Tavira, Lagos, Monchique, a arquitetura, paisagem e hábitos dos habitantes da região, com destaque para Alte, onde descreve com pormenor a *Marcha*:

“Les couples sautillent à trois temps, les filles et cavaliers tournant les uns devant les autres et la marche reprend.” (1940, p. 92).

Escreve depois sobre o Minho: Valença e as suas muralhas, Ponte de Lima, Serra do Gerês, Póvoa do Lanhoso, Braga, Monção e Viana do Castelo. Aborda danças populares como o *Fandango*, a *Xula*, o *Vira da Cruz*, o *Verde Gaio*, o *Malhão*, *Cana Verde*, entre outros. E descreve o traje minhoto como o mais alegre de “couleurs vives, presque scintillantes au soleil.” (1940, p. 122).

Sobre o Minho, Julia Sazonova demonstra a sua predileção por Viana nas seguintes palavras:

“Braga est un centre religieux. La danse et le chant sont tenus en respect par les nombreuses églises sous les porches desquelles on passe tête couverte de dentèle noire. Guimarães est le berceau de la gloire portugaise, les souvenirs historiques y priment tout. Comblée d’hommages, Viana - la belle Viana – capitale du folklore minhota s’abandonne à l’insouciance, à la joie de vivre.” (1940, p. 147).

O texto prossegue com descrições de outras cidades, como Afife, Coimbra, Buarcos, Porto, Póvoa do Varzim, Penafiel, Nazaré e Vila Franca de Xira e as danças que conheceu durante as suas deslocações a estas cidades. Termina este capítulo com a menção a Gil Vicente.

No último capítulo, *Les Ballets Portugais*, Julia Sazonova refere alguns bailados a que assistiu, como *A Lenda das Amendoeiras em Flor*, de Jorge Croner Vasconcelos, *O Homem de Cravo na Boca*, de Francisco Lage, *O Muro do Derrete*, de Carlos Queiroz, música de Frederico Freitas e guarda-roupa de Bernardo Marques e *A Dança da Menina Tonta*, de Paulo Ferreira, música de Frederico de Freitas e cenários e guarda-roupa de Paulo Ferreira. Prossegue depois, abordando a dança noutros países, referindo-se, nomeadamente, a Isadora Duncan e aos Ballets Russes.

Julia Sazonova termina o seu texto, falando sobre o ballet em Portugal, referindo que “Le jeune ballet portugais élève sa voix claire et fraîche en l’honneur de Terpsichore, la muse toute puissante.” (1940, p. 273).

Julia Sazonova morreu em 1957, sem conseguir publicar este seu livro, existindo apenas uma cópia escrita à máquina na Torre do Tombo.

6.2. Os Quadros de Hélène de Beauvoir

Durante o período em que viveu em Portugal, de 1940 a 1945, Hélène de Beauvoir criou um conjunto de obras, que representam os locais por onde passou e as pessoas que conheceu.

Viveu em Faro e em Lisboa e viajou pelo país, passando por Lousã, Tomar, Nazaré, São Pedro de Moel, Leiria e Coimbra, locais que estão presentes nos seus

trabalhos. Além das paisagens, as figuras humanas também ocupam um lugar de relevo na sua obra.

Em 1942, a convite da Comissão de Turismo, Hélène passou um mês em Leiria, tendo exposto o seu trabalho naquela cidade. Desta estadia, surgiram vários quadros que representam Leiria (figura 94) e S. Pedro de Moel (figura 95).

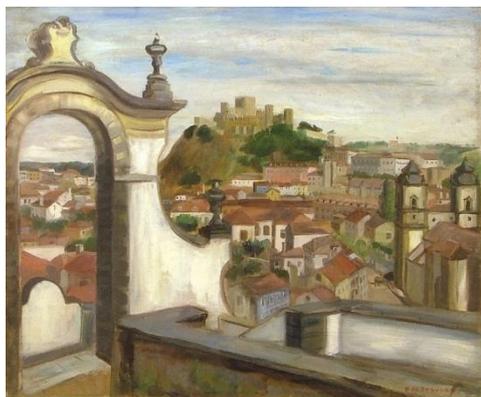


Figura 94 - *Le Château vu de Nossa Senhora da Encarnação* (cortesia do Museu da Universidade de Aveiro).



Figura 95 - S. Pedro de Moel (cortesia do Museu da Universidade de Aveiro).

O conjunto de mais de oitenta obras, executadas em Portugal, foram oferecidas à Universidade de Aveiro, que inaugurou a exposição dedicada a Hélène de Beauvoir em 1995, contando com a presença da autora (figura 96).



Figura 96 - Hélène de Beauvoir, no Dia Aberto da Universidade de Aveiro, por altura da inauguração da sua exposição (cortesia da universidade de Aveiro).

Em sua homenagem, foi atribuído o seu nome à sala de exposições existente na Biblioteca da Universidade de Aveiro (figura 97).



Figura 97 - Sala de Exposições Hélène de Beauvoir (imagem da autora).

Atualmente, podem ser encontradas diversas obras de Hélène de Beauvoir expostas em vários espaços da Universidade de Aveiro.

6.3. Jazz

Em 1959 foi coautor de um livro sobre o jazz, juntamente com Bernard Heuvelmans e Jean Tarse, *De la Bamboula au Be-bop... le Jazz*, editado pela Marabout. Carlos de Radzitzky foi coautor do livro

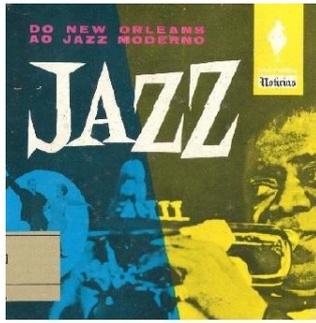


Figura 98 - Livro *Jazz – Do New Orleans ao Jazz moderno* (cortesia da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos).

Este livro foi publicado em Portugal, em 1967, pela editora Marabu-Notícias, com o título *Jazz – do New Orleans ao Jazz moderno*, escrito por Bernard Heuvelmans, Jean Tarse e Carlos de Radzitzky (figura 20).

A história do Jazz está dividida em nove capítulos. No primeiro, “Porquê o Jazz?”, os autores referem-se ao jazz como “música de uma humanidade ainda ligada às fontes ancestrais.” (1967, p. 9). Segue-se um capítulo intitulado “Palavras-chave” (1967, p. 12) onde apresentam uma breve explicação do significado de palavras ligadas ao género musical, desde *Bateria* a *West Coast*, um estilo musical que deve o seu nome ao local de origem, a costa oeste dos Estados Unidos. O capítulo intitulado “New Orleans” começa com uma referência às melopeias cantadas pelos escravos africanos no século XVII (1967, p. 18). Menciona ainda o nome de Buffy Bolden, “o primeiro *King*” (1967, p. 34), e de Louis Armstrong, considerado pelos autores como o verdadeiro “Messias da música” (1967, p. 35).

Segue-se “Chicago” e uma referência ao “pai do jazz branco, Papa Laine” (1967, p. 41) e à “imperatriz do *blues*”, Ma Rainey” (1967, p. 49). Mencionam ainda Louis Armstrong de quem dizem que “pela beleza desataviada dos seus improvisos, pela sua sumptuosa sonoridade, pela riqueza da sua inspiração, deu à música de jazz a mais perfeita expressão.” (1967, p. 55). De Duke Ellington, que consideram o “aristocrata do jazz” (1967, p. 66) referem que a sua arte é “feita de um misto subtil de cerebral idade e de sensualidade, em que se uniam as tradições musicais europeias e os ritmos e os acentos vindos de África.” (1967, p. 67). Seguem-se os capítulos “Harlem”, “San Francisco” e de como o “be-bop deu origem ao jazz moderno” (1967, p. 96), “Em Resumo”, “Os Grandes Nomes”, onde são mencionados alguns dos grandes nomes do Jazz, como Louis Armstrong, Count Basie, Buffy Bolden, Ray Charles, Duke Ellington, Ella Fitzgerald, Miles Davies, Bud Powell, Billie Holiday, entre muitos outros. O livro

termina com uma série de recomendações, num capítulo intitulado “A vossa Discoteca Base”.

Na opinião de Leonel Santos, da página *Jazzlogical.net*, “Jazz – do New Orleans ao Jazz moderno, um curioso livro de divulgação, nos longínquos anos da década de cinquenta.” (Santos, 2005).

6.4. Os tecidos portugueses nas criações de Nelly de Grab

Nelly de Grab viveu em Portugal, de Junho a Dezembro de 1940, altura em que partiu para Nova Iorque com o marido, Leo de Grab, e o filho, Richard. Viveram em Lisboa até à data da partida para os Estados Unidos da América. Durante esse tempo, Nelly de Grab descobriu os tecidos estampados que eram fabricados em Portugal e encantou-se pelos padrões. Já na América, Nelly de Grab desenhou vários conjuntos de duas peças, compostos por saia e blusa do mesmo tecido. Apresentou-os à empresa *Peck & Peck* e conseguiu a sua primeira encomenda. A firma criou um catálogo para divulgar o trabalho de Nelly de Grab, do qual faz parte o modelo da figura 99 (Jessica, 2008).



Figura 99 - Conjunto de Nelly de Grab (cortesia da Couture Allure).

As criações de Nelly de Grab apareceram em várias revistas e jornais. Em 1953, a revista *Life* publicava uma fotografia de um modelo de Nelly de Grab (*Life*, 1953). No mesmo ano, o *New York Times* publicava um texto sobre o seu trabalho, intitulado “Flowers adorn Dresses – Painted Blooms trim blouses and skirts of Nelly de Grab” (*Redação*, 1953). O fotógrafo Horst P. Horst fotografou vários modelos de Nelly de Grab, que apareceram nas páginas das edições da *Vogue* de Junho e Agosto de 1953 e de Janeiro de 1954 (anexo 8).

Em 1955, Nelly e Leo de Grab eram donos da empresa Nelly de Grab. Nos anos seguintes, as suas criações voltaram a aparecer nas páginas da revista *Life*, como foi o

caso da edição de Setembro de 1958 (*Life*, 1958). Nelly de Grab esteve à frente da empresa até ao fim da sua vida.

6.5. Le choix – Mémoires a trois voix de Tereska Torrès

Depois de deixar Portugal, Tereska Torrès ingressou no exército francês em Inglaterra. Da sua vivência nesses tempos de guerra, Tereska escreveu *Womens Barracks*, um livro muito polémico, pelo seu eventual cariz erótico, tendo sido fortemente criticado em França. O livro foi publicado nos Estados Unidos da América, tendo sido vendidos milhares de exemplares. Em França, o livro foi apenas publicado, por vontade da autora, apenas em 2005.

Mas Tereska Torrès foi autora de outros títulos. A obra que iremos abordar, *Le Choix – Mémoires à trois voix*, um livro que ela escreveu por incentivo do marido, Meyer Levin, e onde se cruzam as memórias do pai, Marek Szwarc e da mãe, Guina Szwarc, com as suas próprias memórias, começa com a sua primeira recordação do grande segredo de família e termina com o regresso a Heas, com o seu marido Vahn, lugar de recordações de infância.

O livro começa com uma memória de infância, quando ela tinha sete anos, altura em que o pai, Marek Szwarc, pintor e escultor polaco, lhe pede para guardar um segredo. Foi nessa altura que Tereska descobriu que Marek e Guina Szwarc tinham decidido abandonar a religião que professavam, o judaísmo, para se converterem ao catolicismo. Este acontecimento ocupa a parte inicial do livro, em que a autora nos dá conta das reações da família e conhecidos, ao descobrirem a mudança que se operou nas suas vidas. Esta decisão dos pais acompanhou-a ao longo dos tempos, questionando-se, com frequência, sobre as razões que estariam na base desta mudança levada a cabo antes do seu nascimento.

Ao longo das páginas deste livro, Tereska Torrès fala da sua juventude, da decisão de começar a escrever, do seu casamento com Georges Torrès e da sua morte em combate. Escreve sobre o nascimento da sua filha, Dominique, meses depois da morte do marido, da vida em casa dos sogros, do peso que representava ser nora de

Leon Blum, que ocupava, na altura, o cargo de presidente do Conselho de Ministros francês.

Ao longo das páginas deste livro somos levados numa viagem aos locais que marcaram a sua vida, como a casa dos Avós, em Lodz, a aldeia perdida nos Pirinéus, Héas, onde passou férias por várias vezes e o quartel onde prestou serviço no exército, em Londres. Escreveu sobre Portugal e Figueira da Foz, onde ficou a residir, após ter recebido, em Junho de 1940, o visto do Vice-cônsul Manuel Vieira Braga, sob as ordens de Aristides de Sousa Mendes. Foi em Lisboa que reencontrou o tio Samuel, que nunca aceitou a conversão do irmão.

Sobre Aristides de Sousa Mendes, e as circunstâncias em que receberam os vistos, que lhes permitiram viajar para Portugal, Tereska Torrès escreveu:

“Je rentre à la maison. Norek est revenu de Bayonne avec tous les visas. Il nous raconte qu’il y avait une telle foule au désespoir, se présent devant la porte, qu’il a failli perdre son pantalon en s’y engouffrant de force. Personne ne savait alors que le consul s’appelait Aristide de Sousa Mendes et qu’il risquait sa carrière en prenant une décision contraire aux ordres qu’il avait reçus de Salazar.

...Un jour, je serai en Californie et le fils de ce consul viendra déjeuner. Je lui raconterai ces journées de juin 40 et que son père nous a tout sauvés. Il me racontera que son père avait été rappelé à Lisbonne, renvoyé du service diplomatique, que ce père de douze enfants est mort ruiné. Son fils se battait pour réhabiliter le non d’un héros...” (2002, p. 136).

Ao longo das páginas seguintes, Torrès escreve ainda sobre a sua vida ao lado de Meyer Levin, da sua participação num documentário, realizado pelo marido, sobre a viagem dos sobreviventes do Holocausto até à Palestina, e termina o seu livro com a descrição do regresso a Héas, que ela sempre considerou como sendo o seu paraíso (2002, p. 264).

Tereska Torrès continuou a escrever até ao final dos seus dias. O seu último livro, *Mission Secrète*, foi publicado no ano da sua morte, em 2012, aos noventa e dois anos de idade.

6.6. Cristo de São João da Cruz de Salvador Dalí

Depois da sua passagem por Portugal, Salvador Dalí e a sua esposa, Gala, seguiram para Nova Iorque. Foi um período de muita atividade, em que Salvador Dalí, além de continuar a pintar e a expor, escreveu um livro, projetou a casa de Helena Rubinstein, pintando-lhe o retrato, e colaborou com Alfred Hitchcock no filme *Spellbound*. Em 1948, o casal regressa à Europa e começa aqui uma nova fase na pintura de Salvador Dalí.

É dessa fase mais mística do pintor que se enquadra um dos seus quadros de índole religiosa mais populares, *Cristo de São João da Cruz* (figura 99) e que foi pintado em 1951.



Figura 100 - Cristo de São João da Cruz, cortesia da Fundacion Dalí.

Segundo Eric Shanes, a inspiração para este quadro terá surgido de um desenho que, supostamente, terá sido feito por São João da Cruz e serão de Salvador Dalí, as seguintes palavras:

“Quando... vi o Cristo desenhado por São João da Cruz, decidi-me geometricamente por um triângulo e um círculo, o que do ponto de vista estético resumia todas as minhas experiências anteriores... E pus o meu Cristo neste triângulo” (Shanes, 1994, p. 124).

Esta obra surgiu numa fase de misticismo religioso em que ele pintou quadros como *Nossa Senhora de Port Lligat* (1949), *A tentação de Santo António* e *A última Ceia* (1955).

O quadro esteve exposto na *I Bienal Hispanoamericana de Arte*, que decorreu em Março de 1952, no Museo de Arte Moderno, em Barcelona. A obra foi comprada ao artista durante essa exposição e encontra-se, desde então, na *Kelvingrove Art Gallery*, em Glasgow.

A obra de Salvador Dalí é imensa e encontra-se espalhada pelo mundo. Foi um dos grandes pintores do século XX e um grande contributo para o mundo das artes.

6.7. O Mobiliário de Jean Michel Frank

Após deixar Paris, onde tinha um gabinete de decoração, Jean-Michel Frank estabeleceu-se na Argentina, onde continuou a trabalhar para a empresa COMTE.

Esta relação profissional vinha já desde 1928, altura em que, em Paris, conheceu Ignatio Pirovano, o fundador da empresa. Em 1936, COMTE ganhou o concurso para decorar o Hotel Llao Llao no Parque Nacional Nahuel Huapiem, Argentina. Para este projeto, Jean Michel Frank criou um mobiliário num estilo moderno, que misturava o clássico e o rústico.

Inaugurado a 9 de Janeiro de 1938, estava decorado com peças criadas por Jean-Michel Frank para a Comte (figura 100), que eram já produzidas na Argentina.



Figura 101 – Hall de entrada do Hotel Llao Llao (cortesia do Hotel Llao Llao).

Mas um incêndio, a 26 de Outubro de 1939, reduziu a cinzas todo o seu interior. Já na Argentina, Jean-Michel Frank colaborou com a empresa COMTE na criação de novas peças de mobiliário para a reabilitação daquele hotel. Um dos seus primeiros trabalhos foi a criação de novo mobiliário para decorar o Hotel Llao Llao, em Bariloche, Argentina (figura 102).



Figura 102 - Hotel Llao Llao (cortesia do Hotel).

No Hotel Llao Llao ainda se mantêm algumas peças criadas por Jean Michel Frank, como o demonstram as figuras 103, 104 e 105, que representam respectivamente, um escritório, transformado em espaço museológico, e o hall de entrada do Hotel Llao Llao.



Figura 103 - Biblioteca (cortesia do Hotel Llao Llao).



Figura 104 - Pormenor da secretária (cortesia do Hotel Llao Llao).



Figura 105 - Hall de entrada (cortesia do Hotel Llao Llao).

As peças de mobiliário, criadas por Jean-Michel Frank, estiveram expostas na Gallery BAC, no Soho, Nova Iorque, de 20 de Outubro a 19 de Novembro de 2010 (figura 106).



Figura 106 - Catálogo da exposição (cortesia da BAC Gallery).

As criações de Jean-Michel Frank no ramo do mobiliário valeram-lhe um reconhecimento que ainda hoje se mantém. Em 2016, um artigo da Vogue intitulado *7 Legendary Interior Designers Everyone should know*, de Elysabeth Brownfield, colocava-o a par de outros nomes, como Elsie de Wolfe e David Hicks, entre outros, considerando-o como uma referência no ramo da decoração de interiores. Quanto ao seu estilo, a autora refere:

“But Frank’s style is hard to describe. He’s known as a minimalist, but it’s his layer of maximalism that makes his work so interesting and complex. He was understated and restrained in the shapes of furniture he designed, but often dressed them in opulent materials: ornate mica screens, bronze doors, lamps made of quartz, as well as the shagreen-covered vanity and cubic sheepskin club chair he created for Hermès.”(Brownfield, 2016).

A sua obra serviu de inspiração a muitos outros *designers*, ao longo dos tempos.

6.8. *Curious George* de Hans e Margret Rey

Segundo Louise Borden, a personagem *Curious George*, que então tinha por nome *Fifi*, acompanhou Hans e Margret Rey na sua fuga em bicicleta, de Paris até à fronteira com Espanha. Na bagagem seguiam os primeiros esboços do livro de aventuras de um macaco, *Fifi* e um pinguim, *Whiteblack*, que começaram a ser criados no seu refúgio, em Saint Mézard, França, no Château Feuga. O primeiro livro, com o título *Curious George*, foi publicado em 1941, pela editora Houghton Mifflin, Nova Iorque. Seguiram-se mais seis títulos, assinados por Hans e Margret Rey: *Curious George takes a Job*, *Curious George Rides a Bike*, *Curious George Gets a Medal*, *Curious George flies a Kite*, *Curious George Learns the Alphabet* e *Curious George Goes to the Hospital*. Este último livro foi escrito por sugestão dos administradores do Hospital Pediátrico de Boston, no sentido de criarem uma história que preparasse as crianças para um eventual internamento.

Mais tarde, a personagem saiu dos livros e passou a figurar nas lojas em formato de bonecos de peluche, podendo o seu rosto ser visto também numa grande variedade de produtos para as crianças, como peluches, lancheiras, camisolas e diversos jogos para crianças (figura 107).



Figura 107 - Peluche do Curious George (cortesia da Barnes and Nobel).

E finalmente chegou à televisão em 2006, nos Estados Unidos da América, numa produção de Joe Fallon. Não tardou a chegar a outros países, como Reino Unido (2006), Japão (2007), e Uruguai (2017).

Em Portugal, encontram-se à venda os livros *George o Curioso*, *George, o Curioso sai de Bicicleta* e *George, o Curioso Arranja Emprego*, edições de 1998, da Editora Martins Fortes, São Paulo, Brasil. Na televisão portuguesa, a 4 de Junho de 2012, o canal *SIC Kids* estreou o programa *George o Curioso*.⁵⁰

6.9. A revista *Elle* de Hélène Gordon-Lazareff

Segundo a jornalista Françoise Tournier, num artigo publicado na revista *Elle* portuguesa de Outubro de 1990 sobre a fundadora da revista, foi em Nova Iorque, enquanto passeava pelas lojas das grandes avenidas daquela cidade, que surgiu a Hélène Gordon-Lazareff, a ideia de criar uma revista dedicada às mulheres francesas, martirizadas pela guerra. Quando regressou a França, em 1945, depois de ter deixado o país em Junho de 1940, com um visto de Aristides de Sousa Mendes no passaporte, Hélène criou a revista *Elle* no seu apartamento da Rue Kleber. O primeiro volume saiu a 21 de Novembro de 1945 (Tournier, 2018).

Atualmente, a revista francesa de Hélène Gordon-Lazareff tem edições em diversos países, como Portugal, Espanha, Inglaterra, Itália, Suécia, Alemanha, Grécia, Holanda, Brasil, Estados Unidos da América, Hong Kong, Austrália, Japão e China.

Em Portugal, a edição de Outubro de 2018 comemorou os trinta anos em que a revista chegou ao nosso país (figura 108). O artigo “Foi assim que aconteceu”, de Lígia Gonçalves (p. 34), dá-nos uma visão da evolução da moda em Portugal, através do olhar de quatro estilistas. O artigo “São 39”, de Lígia Gonçalves e Carolina Pereira, passa em revista, através de imagens, a história da revista, que se funde com a história no nosso país:

A história que, nas últimas três décadas, se contou nas páginas da *Elle* é também a história do país.” (2018, p. 82).

⁵⁰ Ver sítio <https://sickapa.pt/pesquisa?domain=sickapa&q=george+o+curioso>, consultado em 12 de Março de 2019.



Figura 108 - Capa da revista *Elle* (cortesia da *Elle* Portugal).

Em França, a revista *Elle* conta com uma fundação, a *Fondation Elle*, que se dedica à educação das mulheres por todo o mundo e à luta contra práticas que atentam contra a dignidade e segurança das mulheres, como a incisão feminina e o casamento precoce (*Elle*, 2016).

O apoio à *Association Sourires d'Enfants*, em Lang Khan, na República Democrática Popular do Laos, e à *Association Gamissa*, em Gawani, na Etiópia, são apenas dois exemplos do esforço que a *Fondation Elle* tem desenvolvido em prol da educação e de melhores condições de vida para as jovens e mulheres de todo o mundo (*Elle*, 2018).

6.10. Casablanca com Marcel Dalio e Madeleine Lebeau

Depois de receberem os vistos passados por Aristides de Sousa Mendes, Marcel Dalio e Madeleine Lebeau passaram por Lisboa onde viveram até Agosto desse ano. Segundo o jornal *O Século*, na sua edição de 23 de Julho de 1940, o casal participou num espetáculo de beneficência, com o nome *Noite de Estrelas*, tal como é referido num artigo intitulado “*Os artistas mais conhecidos da Europa são os organizadores da Noite de Estrelas*”, na página 3:

“No Teatro da Exposição do Mundo Português efectua-se no Sábado, como dissemos, um espetáculo Único, a favor dos pobres do Ministério do Interior intitulado *Noite de Estrelas*.

Eva Barczinska, maga do harmónio, Dalio, artista de cinema francês, que interpretou filmes inesquecíveis como *A Casa do Maltês*, Madeleine Lebeau, figura gentil de Paris(...).”

Mas seria no filme *Casablanca* (1942), que o casal iria ficar para a história do cinema. Realizado por Michael Curtiz, o filme fala sobre as dificuldades por que passaram os refugiados que, em Marrocos, aguardavam por uma forma de deixarem um país onde as suas vidas se mantinham suspensas.

Madeleine Lebeau representava a personagem Yvonne, quando a sua imagem ficou gravada ao cantar, em lágrimas, *A Marselhesa* numa das cenas do filme (figura 109).



Figura 109 - Cena em que Yvonne canta a *Marselhesa*, em *Casablanca* (excerto retirado do filme *Casablanca*, da Warner Brothers).

Marcel Dalio, que representa a personagem Emil, croupier no Casino de Rick, aparece aqui nesta cena em que Rick ajuda um casal de refugiados húngaros (figura 110).



Figura 110 - Marcel Dalio, no papel de Emil, ao lado de Humphrey Bogart (excerto retirado do filme *Casablanca* da Warner Brothers).

Casablanca é um filme sobre refugiados, interpretado por dois refugiados que receberam vistos de Aristides de Sousa Mendes.

6.11. *Moira* de Julien Green

Autor de inúmeras obras, Julien Green escreveu *Moira* em 1950. É a história de um jovem protestante, Joseph Day, que, saindo da sua zona de conforto, parte para uma

universidade de um estado do sul dos Estados Unidos da América. Aí vai ser confrontado com uma maneira de viver completamente diferente da que estava habituado e que lhe vai ser difícil de aceitar. Joseph Day, um jovem ruivo, oriundo de uma família pobre, vem de uma localidade que não é identificada no livro, sendo apenas referida como “as colinas”, onde todos os que ele conhece comungam da sua maneira de estar na vida, da sua religião, um protestantismo rigoroso, austero.

Ao longo do livro surgem várias referências a uma fé austera, que torna pecado os gestos mais inocentes, os actos mais naturais do ser humano, como admirar uma estátua despida que qualquer traje que cubra as partes mais íntimas do corpo humano. Numa ocasião em que Simon o acompanha até à Universidade, onde iriam ter aulas juntos, Simon chama-lhe a atenção para duas estátuas que decoram o vestíbulo do edifício. São elas Apolo, de Fídias, e Hermes, de Praxíteles. Questionado por Simon sobre a sua beleza, Joseph responde:

“- Belos? – disse em voz baixa. – Estão nus em pêlo.” (1950, p. 61).

O primeiro embate surgiu logo no encontro com Mrs. Dare, a dona da casa onde ele iria ficar. O aspeto da mulher chocou-o de tal modo que hesitou em mencionar o facto de ela fumar e usar *rouge* na carta que iria escrever aos pais. Conheceu depois Simon Demuth, seu vizinho de quarto, um jovem do norte, conversador demais para o seu gosto.

Mas é o seu encontro com Bruce Praileau que vai deixar uma marca bem mais forte em Joseph. Autor de críticas não muito lisonjeiras ao aspeto de Joseph, ruivo, de pele muito clara, irá colocar em causa toda a sua crença, a sua fé, ao afirmar que há nele algo de assassino, depois de se confrontarem fisicamente.

“-Sim, há outra coisa – disse [Bruce Praileau] com voz mais surda. – Tu és um assassino.

- Que estás a dizer? – increpou Joseph, avançando contra ele.

Praileau não se mexeu, mas a mão que segurava a camisa parou entre os peitorais.

- Quiseste matar-me há bocado – disse ele -. – Não tiveste coragem; mas há em ti um assassino.” (1950, p. 43).

Ao longo do livro, Joseph Day vai travar uma luta interior para conseguir prosseguir no caminho da fé e da religião que sempre pautou a sua existência. Decide tentar salvar todos os que o rodeiam que, segundo a sua opinião, se encontram fora dos caminhos de Deus. Acreditando que encontrara no seu amigo David Laird a mesma fé, a mesma devoção, partilha com ele essa determinação:

“É preciso uma pessoa abandonar-se ao Espírito quando o Espírito a arrebata! – exclamou Joseph, com os olhos a brilharem. – Aqui mesmo nesta cidade da planície que é a nossa Universidade, há milhares de almas sob o perigo do fogo eterno. Deus quer que as advirtam. Se for mister, serei eu quem lhes falará.” (1950, p. 231).

Até que conhece Moïra, a filha da senhoria e todos os seus esforços para seguir as pisadas de Deus se desmoronam, acabando por cometer o maior pecado de todos.

A edição da editora Ulisseia tem prefácio de Vitorino Nemésio. Nas suas palavras, este romance:

“...- porque o caso de Joseph Day, o herói do romance de Julien Green, não é tão estranho à nossa lusitaníssima humanidade como poderia parecer tratando-se de um ruivo protestante, estudante pobre de uma Universidade do Sul dos Estados Unidos da América, metido numa teia de costumes e sentimentos anglo-saxões.” (1950, p. 5)

Sobre esta obra e sobre o autor, em geral, Richard Nichols, jornalista do *New York Times*, escreveu:

“He was one of the few modern writers to have his collected works published in Gallimard's Pleiade library during his lifetime. Although he knew many of the century's leading French writers, and was an amused observer of their internecine battles, his own novels, like "Moira" and "Each Man in His Darkness," owed more to Dickens, Balzac, Hawthorne and Poe.”(Nichols, 1998).

Julien Green deixou muitas outras obras, onde o seu amor pela terra natal da sua mãe, Savannah, perpassa pelas suas páginas, nomeadamente na trilogia que ele escreveu no final da sua vida, *Les pays lointains* (1987), *Les Étoiles du Sud* (1989) e *Dixie* (1995).

6.12. Os concertos de Colette Gaveau e Witold Małcużyński

Durante a sua estadia na Figueira da Foz, Colette Gaveau e Witold Małcużyński levaram a cabo dois recitais de piano no Salão Nobre do Casino Peninsular. Segundo notícias publicadas no jornal *O Figueirense* nos dias 20 e 24 de Julho de 1940, os dois pianistas levaram a cabo dois concertos em benefício da assistência local, como reconhecimento pela forma como foram recebidos pela população da Figueira da Foz.

O primeiro concerto teve lugar no dia 17 de Julho de 1940. Na primeira parte, Collette Gaveau executou ao piano as obras *Ballade en la bem. maj.*, a) *Grave – Doppio Movimentato*, b) *Cherzo*, c) *Marche Funébre e d) Finale*, e *Deux études*, de Chopin; *Clair de Lune*, de Débussey; *Impromptu*, de Fauré e *Tocata*, de Ravel. Na segunda parte, Witold Małcużyński tocou a *Sonate N° 2 en si bemol minor*, *Mazurca*, *Nocturne e Polonaise en La bemol major*, de Chopin.

O segundo concerto teve lugar no dia 29 de Julho de 1940, no Salão Nobre do Casino Peninsular da Figueira da Foz. Na primeira parte, Colette Gaveau tocou *Novelettes nr.1 e nr. 2*, *Au Soir* e *Études Symphoniques* de Schumann. Na segunda parte, Witold Małcużyński executou as peças *Balade sol mineur*, *Étude*, *Mazurka* e *Scherzo in dièse mineur*, de Chopin. Num segundo momento, Małcużyński tocou *Leggerezza* e *Rapsodie Espagnole* de Liszt.

O casal deixou a Figueira da Foz e partiu para o Uruguai. Witold Małcużyński prosseguiu com a sua carreira de pianista, tendo sido reconhecido mundialmente como um exímio executante de Chopin. Collette Gaveau deixou os palcos logo após o casamento. Mas a Figueira da Foz teve o privilégio de escutar a sua música, antes de se retirar.

7. Salazar e a invisibilidade do gesto de Aristides de Sousa Mendes

Em Portugal, o nome de Aristides de Sousa Mendes foi votado ao esquecimento durante anos, muito pelo peso do regime autocrático de Salazar. Numa sessão sobre Aristides de Sousa Mendes, levada a cabo pela autora deste trabalho, em Carregal do Sal, em 2016, um dos presentes, natural de Cabanas de Viriato, confessou que, apesar de, em criança, ter brincado nas ruínas da Casa do Passal, só em adulto, muitos anos depois do 25 de Abril, é que descobriu a quem tinha pertencido a casa onde brincara em criança.

Como é do conhecimento geral, Portugal não entrou na Segunda Guerra Mundial. Já desde 1935 que Salazar tinha sido muito claro quanto à política externa. Numa nota publicada na imprensa a 20 de Janeiro de 1935, declarava:

“A linha tradicional da nossa política externa, coincidente com os verdadeiros interesses da pátria portuguesa, está em não nos envolvermos, podendo ser, nas desordens europeias, em manter a amizade peninsular, e desenvolver as possibilidades do nosso poderio atlântico.” (Ninhos, 2017, p. 177).

Em 1938, Salazar assinava a revisão da Constituição, que proibia a discriminação de pessoas baseadas na sua religião ou raça, tal como consta na *Nova Publicação da Constituição Política da República Portuguesa*, publicada no Diário da República número 185, de 11 de Agosto de 1938, Parte I, Título II:

“Artigo 8º Constituem direitos e garantias individuais dos cidadãos portugueses:

3º A liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas, não podendo ninguém por causa delas ser perseguido, privado de um direito, ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico.”

Já em pleno conflito, logo após a invasão da Polónia, numa nota de imprensa, publicada a 1 de Setembro de 1939, Salazar reafirmava a linha de neutralidade, já antes assumida:

“Felizmente, os deveres da nossa aliança com a Inglaterra, que não queremos eximir-nos a confirmar em momento tão grave, não nos obrigam, a abandonar nesta emergência a situação da neutralidade. O governo considerará como o mais alto serviço ou a maior graça da providência poder manter a paz

para o povo português, e espera que nem os interesses do país, nem a sua dignidade, nem as suas obrigações lhes imponham comprometê-la.” (Ninhos, 2017, p. 179).

Na linha desta política de neutralidade surgiu, a 11 de Novembro de 1939, a Circular 14, que restringia a entrada de estrangeiros em Portugal, e que iria visar os refugiados, entre outros, os judeus, que procuravam fugir à guerra e a um destino incerto. A passagem de vistos por parte de Aristides de Sousa Mendes provocou algum mal-estar nas autoridades portuguesas, patente no telegrama enviado por Teotónio Pereira a Salazar, aquando da sua deslocação a Bayonne:

“Tal desorientação causou grande impressão lado espanhol esboçando-se logo campanha política contra Portugal acusando-se nosso país dar acolhimento à escória dos regimes democráticos e elementos vencidos em fuga perante vitória alemã.” (Fevereiro e Franco, 2000).

Apesar de o conteúdo da Circular 14 contradizer a Constituição, ela foi enviada para todos os postos consulares portugueses, sendo os seus detratores, como Aristides de Sousa Mendes, punidos, mais tarde, por não terem acatado o disposto neste documento. Aristides de Sousa Mendes iria fazer uma vaga alusão à inconstitucionalidade deste documento na sua defesa, por se dirigir aos judeus, sem qualquer resultado (Afonso, 1990, p. 99).

A 4 de Julho de 1940, o Ministério dos Negócios Estrangeiros determinou que fosse instaurado um processo disciplinar a Aristides de Sousa Mendes. Em 9 de Julho, Aristides de Sousa Mendes enviou um telegrama ao Ministério a comunicar o seu regresso a Portugal, conforme ordens recebidas (Fevereiro e Franco, 2000).

A 1 de Agosto de 1940, foi apresentada a Nota de Culpa de Aristides de Sousa Mendes pelo instrutor do processo, Francisco de Paula Brito. A 30 de Outubro, por despacho de Oliveira Salazar, Aristides de Sousa Mendes foi condenado a um ano de inatividade, recebendo metade do vencimento, devendo depois passar à situação de aposentado. Este despacho foi publicado no *Diário da República* a 20 de Março de 1941 (Fevereiro e Franco, 2000). Em telegrama enviado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros para a Delegação em Londres, a 2 de Julho de 1940, sobre o problema dos refugiados e as dificuldades provocados pelo crescente número de estrangeiros que entraram no país, é informado o afastamento de Aristides de Sousa Mendes:

“A questão dos refugiados estrangeiros em Portugal complicar-se-á facilmente e vai já sendo problema sério, que não podemos deixar agravar, apesar de toda a nossa boa vontade. (...) Vistos concedidos em Bordéus, foram-no em contravenção de instruções expressas do MNE por Cônsul que já afastei do serviço.” (Fevereiro e Franco, 2000).

Em Novembro de 1940, Aristides de Sousa Mendes recorreu ao advogado Adelino de Palma Carlos, que enviou um recurso ao Tribunal Administrativo de Lisboa. Segundo José-Alain Fralon, Palma Carlos, na defesa do seu cliente, fez o seguinte apelo:

“Pedia ao Presidente do Tribunal que tivesse em consideração os poderosos imperativos da solidariedade humana que tinham estado por detrás dos seus actos.” (Fralon, 1999, p. 89).

Enquanto Aristides de Sousa Mendes recorria, juntamente com a família, à cantina da comunidade judaica em Lisboa (Fralon, 1999, p. 89), e apesar de todos os entraves do governo à entrada de refugiados em Portugal, Salazar era alvo de louvores e elogios pela atuação de Portugal, perante o problema dos refugiados, enquanto Aristides de Sousa Mendes se via a braços com um processo disciplinar. Muitas são as referências a artigos elogiosos à atuação das autoridades portuguesas.

A 3 de Julho de 1940, um artigo publicado no jornal *O Figueirense*, intitulado “Os Refugiados da Guerra”, dava conta da chegada de novos refugiados à Figueira da Foz. Nele, o jornalista Eugène Tilliger manifestava o seu apreço pela forma como tinham sido recebidos no nosso país, pretendendo “realizar, através da imprensa norte-americana, uma propaganda de Portugal com uma série de reportagens ilustradas.”

No seu livro “*Um Homem Bom*”, Rui Afonso menciona um artigo da revista *Life Magazine*, de 29 de Julho de 1940, que se refere a Salazar como “um governante benevolente” e “o maior português desde o Infante D. Henrique.” (Afonso, 1995, p. 221). A referência a este artigo pode ser lida em *Heritage Florida Jewish News*, num artigo sobre a eleição, em Portugal, do *Melhor Português de Sempre*, cujo resultado acabaria por colocar Oliveira Salazar em primeiro e Aristides de Sousa Mendes em terceiro lugar:

“Salazar demanded an enquiry and that "appropriate punishment" be meted out, but before a decision could be taken, *Life magazine* featured a headline story on July 29, 1940 calling Salazar "The greatest Portuguese since Henry the Navigator!" The naïve *Life* reporters could not accept the explanation that a minor Portuguese consular official had acted on the basis of his own conscience.”(Berdichevsky, 2015).

Numa outra edição do mesmo jornal, de 7 de Setembro de 1940, um artigo intitulado “Portugal conquista a Europa”, é mencionada uma carta escrita por Pierre Lazarreff, jornalista do *Paris Soir*, agradecendo o acolhimento de que foi alvo em Portugal. Nenhum destes artigos trazia uma menção ao Cônsul de Bordéus, apesar de os dois jornalistas terem recebido de Aristides de Sousa Mendes os vistos que lhes permitiram chegar a Portugal.

Apenas Giselle Quittner, no *Jornal Reclamo* de 5 de Outubro de 1940, no artigo “Portugal e a nossa Terra aos olhos de uma escritora estrangeira”, manifestou a sua gratidão a Aristides de Sousa Mendes, explicitamente:

“O Cônsul Geral Sousa Mendes é um grande homem e um verdadeiro patriota, pois graças à sua atuação criou-se no estrangeiro uma magnífica fama dos seus patrícios. Assim é, para todos nos uma consolação no desastre que nos prostrou e caiu sobre a França, conhecer Portugal e portugueses e encontrar em vós, ricos e pobres, tanta generosidade e grandeza de alma.” (1940, p. 6)

Ao longo de toda a pesquisa levada a cabo para este trabalho, poucas foram as referências encontradas a Aristides de Sousa Mendes nas diversas biografias consultadas. Este facto poderá justificar-se pelo clima de insegurança e caos em que se vivia naqueles dias de Junho de 1940, em que milhares de refugiados tentavam desesperadamente fugir das tropas nazis. A grande preocupação das pessoas era a sobrevivência e aceitavam de bom grado, sem perguntas, a alternativa que o Cônsul em Bordéus lhes oferecia: a fuga para Portugal.

Como afirma Tereska Torrès no seu livro *Le choix – Mémoires à Trois Voix*, já referido, a grande maioria das pessoas que recebeu os vistos no consulado, na rua ou numa esplanada em Bayonne, não chegou a saber o nome da pessoa que lhes estava a oferecer uma possibilidade de fuga.

Em entrevista dada pela sua filha, Dominique Torrès, por telefone, a 19 de Março de 2019, a mesma confirmou que a mãe, Tereska Torrès não teve conhecimento, na altura, de que fora Aristides de Sousa Mendes a passar-lhe o visto que lhe permitiu viajar para Portugal, juntamente com a família, e seguir depois para Inglaterra.

Dominique Torrès contou que a mãe lhe falava, muitas vezes, desses tempos conturbados, sem nunca ter referido o nome de Aristides de Sousa Mendes. Dominique Torrès informou ainda que, durante os tempos em que viveu com os avós, nunca ouviu falar sobre o Cônsul.

Ainda segundo a filha, só no início do século XXI, através de um telefonema de um neto do Cônsul, que a inquiriu sobre a sua passagem por Portugal, é que Tereska Torrès tomou conhecimento de que fora, efetivamente, Aristides que lhe passara o visto e o que lhe custou esse gesto. A partir desse momento, Tereska Torrès comentou várias vezes, com imensa gratidão e admiração, o assunto com a filha, acabando por mencionar este gesto e o seu reconhecimento no seu livro *Le Choix – Mémoires à trois voix*.

Maria Bauer, que, em 1984, escreveu um livro de memórias intitulado *Beyond the Chestnut Trees*, refere o caos que se vivia na altura em Bordéus. Sem mencionar o nome do Cônsul, e após ter obtido os vistos no consulado português, o marido, Robert contou o que viu:

“The lines in front of the consulate were endless but when I showed a policeman my passes, he escorted me through the dense crowds to the building. The people immediately stepped aside – they must have taken me for an important official. But then an old orthodox Jew, (...) threw himself in front of me, sobbing and imploring me to help him. Others joined begging for help. How could anyone help these desperate people? What will become of them?” (Bauer, 1984, p. 94).

Este desconhecimento do gesto de Aristides de Sousa Mendes, na altura da passagem de vistos, é também referido por Irene Pimentel, em relação a Ian Lustig, que recebeu um visto de Aristides de Sousa Mendes, na seguinte passagem:

“Chegado a 24 de Junho de 1940, com a mulher Charllotte, o argumentista Ian Lustig contou só ter sabido em Portugal do destino do cônsul-

geral, Aristides de Sousa Mendes, à frente de cuja porta permanecera, numa enorme fila, desde as três horas da tarde até à meia-noite, para obter o visto salvador.” (Pimentel, 2006, p. 120).

Na página de Charles Oulmont, *Fondation Charles Oulmont*, que recebeu o visto número 2000 de Aristides de Sousa Mendes, devidamente autorizado por Salazar, não existe uma referência ao Cônsul, apesar de este lhe ter dado apoio em Junho de 1940, ao recebê-lo na sua casa e ao guardar no cofre do consulado no Crédit Lyonnais, em Bordéus, os valores de que Oulmont era portador (Afonso, 1995, p. 101). Contactada a Fundação, numa tentativa de obter um testemunho sobre a atuação de Aristides de Sousa Mendes, a resposta não poderia ter sido mais lacónica, remetendo para uma consulta na própria página.

No documentário de Diana Andringa, *Aristides de Sousa Mendes, O Cônsul Injustiçado*, de 1992, Sylvain Bromberger confessou que passou toda a sua vida sem saber o nome da pessoa a quem devia o visto, que lhe permitiu fugir para Portugal com a família.

Na *Fundació Gala e Salvador Dalí* desconheciam, até há relativamente pouco tempo, o facto de Aristides de Sousa Mendes ter passado vistos ao casal. Este facto não foi encontrado nas diferentes biografias consultadas sobre o pintor. O mesmo aconteceu com Hélène de Beauvoir, podendo apenas ler-se na sua biografia a indicação de que ela, num mês de Junho, viajou para Portugal, onde, por causa da guerra, permaneceu até 1945 (Kienberger, 2017).

O reconhecimento do seu gesto viria apenas a acontecer a 16 de Outubro de 1966, pelo Yad Vashem (Yad Vashem, 2017). Em 9 de Outubro de 1967, foi atribuída a *Medalha de Ouro dos Justos*, do Yad Vashem a Aristides de Sousa Mendes, entregue em Nova Iorque a Joana de Sousa Mendes, filha de Aristides de Sousa Mendes. Para este reconhecimento, muito valeram os esforços da família e a carta escrita por Marguerite Rollin.

Viria a ser reabilitado apenas a 9 de Março de 1988, catorze anos depois do final da ditadura, com a aprovação do projeto de Lei proposto pelo deputado Jaime Gama, do Partido Socialista. A 16 de Abril desse ano, Aristides de Sousa Mendes foi reintegrado postumamente na carreira diplomática, com promoção a Embaixador (Fevereiro e Franco, 2000).

A 20 de Junho de 2013, numa homenagem internacional a Aristides de Sousa Mendes, levada a cabo em Cabanas de Viriato, foi inaugurada uma exposição nas ruínas da Casa do Passal. O autor deste museu provisório foi Eric Moed, neto de Leon Moed, que, em Junho de 1940, tinha apenas sete anos de idade e recebeu, juntamente com os pais, o visto número 1001 passado por Aristides de Sousa Mendes a 28 de Maio, em Bordéus.

As obras de recuperação da estrutura da Casa do Passal, edifício classificado, desde 2011, como Monumento Nacional, começaram a 28 de Maio de 2014 e foram concluídas em 2015.

Mas dir-se-ia que ainda há muito a fazer pela memória de Aristides de Sousa Mendes, ou não tivesse a família que recorrer aos tribunais para defender o seu bom nome (Henriques, 2019, p 14).

8. Conclusão

Aristides de Sousa Mendes foi castigado pelo facto de ter desobedecido a ordens superiores. Morreu praticamente sozinho, a 3 de Abril de 1954, na Santa Casa da Misericórdia em Lisboa, sem ter conseguido obter justiça em vida, mas sem nunca se arrepender do seu gesto, pois, como ele sempre afirmou, era mesmo sua intenção salvar todas aquelas pessoas.

Mas para a História fica o gesto de Aristides de Sousa Mendes, que permitiu a fuga a milhares de pessoas que puderam, assim, escapar a um destino incerto, que equivaleria, em muitos casos, à prisão, ao encarceramento em campos de concentração ou até mesmo à morte.

No meio de milhares de anónimos que se cruzaram com Aristides de Sousa Mendes, havia nomes conhecidos, como Otto Von Habsburg, Maurice de Rothschild, Carlota Aldegundes Elisa Maria Guilhermina, grã-duquesa de Luxemburgo, ou ainda nomes de pessoas que viriam a ter influência na sociedade, como foi o caso de Ludwik Rajchman, que seria o cofundador da Unicef, em 1946.

E havia, também, nomes ligados às artes. Tal como para todos os outros refugiados, Portugal foi um ponto de passagem para outros destinos, onde permaneceram até ao final da guerra, ou onde recomeçaram as suas vidas. Mas antes de partirem, alguns destes artistas deixaram um legado em Portugal.

Julia Sazonova teve a oportunidade de viajar até ao nosso país, por ter recebido um visto de Aristides de Sousa Mendes. Durante a sua permanência em Lisboa, escreveu um livro sobre a dança em Portugal, cujo único exemplar está arquivado na Torre do Tombo, sem nunca ter sido publicado, a aguardar uma edição para memória futura.

O escultor Naoum Aronson, antes de partir para os Estados Unidos da América, deixou um baixo-relevo de Beethoven, que decorou o átrio do Conservatório Nacional de Música, durante anos.

O visto que Hélène de Beauvoir recebeu, permitiu-lhe encontrar, em Portugal, uma nova vida e prosseguir com a sua carreira. Das viagens que fez pelo centro e sul do país, resultou um conjunto de obras, que se encontram, atualmente, na Universidade de Aveiro. Não tivesse ela recebido o visto, e as suas obras não estariam, agora, expostas

em diversas salas da Biblioteca e da Reitoria daquela Universidade. A Sala de Exposições Hélène de Beauvoir teria, certamente, outro nome.

O visto cedido a Ivan Sors permitiu-lhe encontrar refúgio na Figueira da Foz, onde retratou algumas das figuras mais típicas daquela cidade. Os seus quadros fazem parte do espólio do Museu Municipal Santos Rocha. Tivesse a sua vida sido diferente, e Afonso Cruz não teria escrito o livro *O Pintor debaixo do Lava-loiça*, obra inspirada na vida de Ivan Sors, que um dia se refugiou em casa dos seus avós.

E a Figueira da Foz teve o privilégio de ouvir Chopin, Fauré, Liszt, Débussy, Rachmann e Ravel, interpretados por Colette Gaveau e Witold Małcużyński no mês de Julho de 1940.

Mas o gesto de Aristides de Sousa Mendes não está, apenas presente nas obras que estes artistas deixaram em Portugal e nas que criaram ao longo das suas vidas. Está, também, presente nas palavras de escritores e jornalistas como Hamilton Fish Armstrong, Roger Deleplanque, Marcel Fodor, Giselle Quittner, Carlos de Raditzky, Hermann Grab, Friedrich Torberg, Sonia Tomara, Michal Choromanski e Ruth Choromanska, Albert e Marguerite Rey, Léo Poldès, Salomon Dembitzer, Egon Hostovsky, Julian Green, Edgar Ansel e Lilian Mowrer, Tereska Torres e Eugene Bagger. Está presente nas ilustrações de Magda Barcinska, na voz do seu filho, o cantor Huey Lewis, e nas fotografias de Richard de Grab.

O gesto de Aristides de Sousa Mendes está também presente nas telas de Salvador Dali, de Lucien Grandgerard, de Alex Grig e Ivan Sors e nas esculturas de Paul Ringelheim. Está presente na tela do cinema, nas interpretações de Hugo Haas, Bibi Haasová, Robert Montgomery, Marcel Dalio e Madeleine Lebeau. Está na música de Norbert Gingold, Oskar Morawetz e nas interpretações de Clara Marguerite Galimir. Está nos passos de dança e coreografias de Ruth Sorel e nas criações de Jean Michel Frank. Está nas páginas da revista *Elle*, fundada por Hélène Gordon Lazareff e nos livros publicados pela *Mercure de France*, sob a direção de Simone Gallimard.

A Acção de Aristides de Sousa Mendes não se limita a esta lista de personalidades ligadas à cultura, que, certamente, estará incompleta. O gesto de Aristides de Sousa Mendes mantém-se vivo na memória coletiva, que ultrapassa as fronteiras do país onde nasceu. Num artigo de opinião intitulado “Aristides de Sousa Mendes: desafiar a las dictaduras”, publicado no jornal *Clarín* de 3 de Abril de 2019, na

Argentina, Baruj Tenenbaum, presidente da Fundação Raoul Wallenberg, escrevia as seguintes palavras:

“El 3 de abril de 1954 moría Aristides de Sousa Mendes, diplomático portugués y héroe de la segunda guerra mundial, responsable directo de haber salvado las vidas de decenas de miles de perseguidos por el nazismo.

Su acción de rescate a comienzos de la Segunda Guerra Mundial fue imitada por diplomáticos de distintas partes del mundo. Entre otros, el sueco Raoul Wallenberg en Budapest, la chilena María Edwards de Errázuriz en Francia y el Delegado Apostólico en Estambul, Angelo Roncalli, en 1958 elegido Papa Juan XXIII. Prefiero estar con Dios contra los hombres que con los hombres en contra de Dios, solía decir en su condición de ferviente católico.” (Tenenbaum, 2019).

O gesto de Aristides de Sousa Mendes está nas vidas que foram poupadas a um destino incerto, vidas essas que deram lugar a outras vidas, perpetuando, assim, um gesto nobre que lhe valeu um lugar entre os Justos de todas as Nações, para a posteridade.

Bibliografia

- AFONSO, Rui (1990). *Injustiça: O Caso Sousa Mendes*. Lisboa: Caminho.
- AFONSO, Rui (1995). *Um Homem Bom*. Lisboa: Caminho.
- AMERICAN FILM INSTITUTE (1999). The American Film Institute Catalog of Motion Pictures produced in the United States. F4, 1, Feature Films, 1941-1950, Film Entries, A-L, Volumes 1-2; Volume 4. Berkeley: University of California Press.
- ASSOR, Miriam (2009). *Aristides de Sousa Mendes: Um Justo Contra a Corrente*. Lisboa: Guerra e Paz Editores.
- ASSOR, Miriam (2014). *Judeus Ilustres de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- BAHR, Lindsey; e D'EMILIO, Frances (2016). “Madeleine LeBeau: French actress had big moment in Casablanca”, *The Globe and Mail*, 16 de Maio. Disponível em <https://www.theglobeandmail.com/arts/film/madeleine-lebeau-french-actress-had-big-moment-in-casablanca/article30049529/> (acedido em 26-11-2018).
- BARNES, Mike (2016). “Madeleine Lebeau, Rick's Discarded Lover in 'Casablanca,' Dies at 92”. *The Hollywood Reporter*, 14 de Maio. Disponível em <https://www.hollywoodreporter.com/news/madeleine-lebeau-dead-casablanca-actress-894113> (acedido em 26-11-2017).
- BAUER, Maria (1984). *Beyond the Chestnut Trees*. New York: Overlook Books.
- BERDICHEVSKY, Norman (2015). “Who was the greatest Portuguese? (and why?)”. *Heritage Florida Jewish News*, 11 de Dezembro. Disponível em <https://www.heritagefl.com/story/2015/12/11/features/who-was-the-greatest-ortuguese-and-why/5438.html> (acedido em 9-03-2019).
- BERNLEF, J. (2018). “Hendrik Marsman - Dutch Poet and Critic”. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Hendrik-Marsman> (acedido em 9-02-2018).
- BORDEN, Louise (2010). *The Journey that Saved Curious George: The True Wartime Escape of Margret and H.A. Rey*. New York: HMH Books.

BRANQUINHO, Duarte (2015). “A verdade sobre Aristides Sousa Mendes”. *Jornal O DIABO*, 24 de Setembro. Disponível em <https://jornaldiabo.com/cultura/aristides-sousa-mendes/> (acedido em 22-02-2019).

BROWNFIELD, Elysabeth (2016). “7 Legendary interior designers everyone should know”, *Vogue*, 4 de Abril. Disponível em <https://www.vogue.com/article/legendary-interior-designers-decorators-everyone-should-know> (acedido em 9-03-2019).

CALHEIROS, Pedro (1995). *O Belo Ver de Hélène de Beauvoir*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro e Universidade de Aveiro/Fundação João Jacinto de Magalhães.

CAPDEVILLE, Henri (1986). “Un grand peintre lorrain: Lucien Grandgérard 1880-1970.” *Le Pays Lorrain: Journal de la Société D’Archéologie Lorraine et du Musée Historique Lorrain*, 1, 54-59.

CASTANHEIRA, José Pedro (2018). “Aristides de Sousa Mendes é um mito criado por judeus”. *Jornal Expresso*, 11 de Novembro. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/actualidade/aristides-de-sousa-mendes-e-um-mito-criado-por-judeus=f440770> (acedido em 27-02-2018).

CASTRO, Maria João (2013) *A Dança e o Poder ou o Poder da Dança: Diálogos e Confrontos no século XX*. Tese doutoramento, Universidade Nova, Lisboa. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/13093/1/Tese%20Maria%20Joao%20Castro.pdf> (acedido em 9-02-2018).

CLEMENTE, Maria João; MARGARIDO, Manuel (2011). *Chamo-me... Aristides de Sousa Mendes*. Lisboa: Didáctica Editora.

COHEN, André-Charles (2017) “DALIO Marcel”. *Encyclopædia Universalis*. Disponível em <https://www.universalis.fr/encyclopedie/marcel-dalio> (acedido em 28-11-2018).

COPYRIGHT OFFICE (1946). *Catalog of Copyright Entries, Third Series: Pamphlets, Serials, and Contributions to Periodicals. Part 1B*. Washington DC: Library of Congress.

COURNOS, John (1941). “An Autobiography marking the end of an Era”. *The New York Times*, 22 de Junho. Disponível em <https://www.nytimes.com/1941/06/22/>

archives/an-autobiography-marking-the-end-of-an-era-when-not-confessional-or.html (acedido em 4-01-2019).

DUKE, David Gordon (2017). “The Legacy Series: Oskar Morawetz Remembered”. *Vancouver Classical Music*. Disponível em <https://www.vanclassicalmusic.com/the-legacy-series-oskar-morawetz-remembered> (acedido em 21-01-2018).

DURNING, Dan (2011). *Biographical Sketch Marcel W. Fodor Foreign Correspondent*. Budapeste: Andrassy Universitat.

EGRÉ, Paul; e O’Neill, Kathryn (2018). “Professor Emeritus Sylvain Bromberger, philosopher of language and science, dies at 94”, MIT News on Campus and around the World, October 22. Disponível em <http://news.mit.edu/2018/mit-professor-emeritus-sylvain-bromberger-philosopher-of-language-and-science-dies-1022> (acedido em 27-11-2018).

FERNANDES, Carlos [Embaixador] (2013). *O Cônsul Aristides de Sousa Mendes: A Verdade e a Mentira*. 3ª Ed., com alterações e nova documentação. Lisboa: edição do autor.

FEVEREIRO, Isabel; e FRANCO, Manuela (2000). *Vidas Pougadas*. Disponível em <http://vidaspougadas.idiplomatico.pt/aristides-de-sousa-mendes//documentos/> (acedido em 18-11-2017).

FORBES, Malcom (2017). “Book review - The-Hideout by Egon Hostovsky”. *The Herald*, 19 de Fevereiro. Disponível em https://www.heraldscotland.com/arts_ents/15102305.book-review-the-hideout-by-egon-hostovsky/ (acedido em 28-11-2017).

FOUQUE, Antoinette; CALLE-GRUBER, Mireille; e DIDIER, Béatrice (2013). *Le Dictionnaire universel des créatrices*. Paris: Éditions des femmes.

FOXSEPT, Margalit (2012). "Tereska Torrès, 92, Writer of Lesbian Fiction, Dies.", *New York Times*, 25 de Setembro. Disponível em <https://www.nytimes.com/2012/09/25/books/tereska-torres-writer-of-lesbian-fiction-dies-at-92.html> (acedido em 27-07-2018).

FRALON, José-Alain (1999). *Aristides de Sousa Mendes: Um Herói Português* (Saul Barata, trad.). Lisboa: Presença.

FUITÓS, Adrià; MARTÍN, Carme (2009). *Eu... Salvador Dalí* (Virgínia Blac de Sousa, trad.). Lisboa: Didáctica Editora.

GERVAIS, André (2000). “The Inventor of Gratuitous Time”. *Tout-Fait: The Marcel Duchamp Studies Online Journal*. 1(2). Disponível em https://www.toutfait.com/issues/issue_2/Art_&_Literature/lebel.html (acedido em 31-07-2018).

GONÇALVES, Lígia; e PEREIRA Carolina (2018, Outubro). “São 30”. *Elle*, 361, p. 82.

GOUVERNEUR, Fabienne (2013). *The Fodor-Fulbright Correspondence, Congress, and Public Diplomacy 1952-53*. Tese de Doutoramento, Andrassy Universitat, Budapeste. Disponível em <https://www.andrassyuni.eu/pubfile/de-63-22-di-wp-gouverneur-the-fodor-fullbright-correspondence-final.pdf> (acedido em 8-12-2017).

GREEN, Julien (1950). *Moïra* (António de Sousa, trad). Lisboa: Editora Ulisseia.

HALPERIN, Joan Harnay (2017). *My Sister's Eyes*. Huntington, Nova Iorque: Sousa Mendes Foundation.

HENRIQUES, João Pedro (2019, Fevereiro 9). “Aristides e Salazar voltam a encontrar-se em Tribunal”. *Diário de Notícias*, 2019, 54716, 9 de Fevereiro de 2019, p.14.

HEUVELMANS, Bernard; RADZITZKY, Carlos de; e TARSE, Jean (1967). *Jazz – do New Orleans ao Jazz moderno* (Maria Amélia Bárcia, trad.). Lisboa: Notícias.

IVRY, Benjamin (2017). “The Tragic Story of Anne Frank’s Brilliant Cousin”. *Forward*, 11 de Fevereiro. Disponível em <https://forward.com/culture/362755/the-tragic-story-of-anne-franks-brilliant-cousin/> (acedido em 28-11-2017).

JOHNSON, Steve (2012). “Life of Human Loss: Hugo Haas’s Strange Fascination.” *Bright Lights: Film Journal*, 30 de Abril. Disponível em <https://brightlightsfilm.com/wp-content/cache/all/life-of-human-loss-hugo-haas-strange-fascination/> (acedido em 27-11-2017).

JONES, Dee; MARCUS, Leonard; e SILVEY, Anita (2001). *The Complete Adventures of Curious George – 70th Anniversary Edition*. Boston: Houghton Mifflin.

KENEALLY, Thomas (2003). *A Lista de Schindler* (Artur Lopes Cardoso, trad.). Porto: Público Comunicação Social.

LEBRETON, Eric (2010). *Des visas pour la vie*. Paris: Le cherche Midi.

LICHFIELD, John (2012). "Tereska Torrès: War heroine and reluctant queen of lesbian pulp fiction." *Independent*, 25 de Setembro. Disponível em <https://www.independent.co.uk/news/obituaries/tereska-torr-s-war-heroine-and-reluctant-queen-of-lesbian-pulp-fiction-8168097.html> (acedido em 20-08-2018).

LITOFF, Judy Barrett; MCDONNELL, Judith (1994). *European Immigrant Women in the United States: A Biographical Dictionary*. Nova Iorque: Garland Publishing.

MADALENA, Emanuel (2011). A forma como ilustramos a memória." *Público*, 22 de Dezembro. Disponível em <https://www.publico.pt/2011/12/22/p3/cronica/a-forma-como-ilustramos-a-memoria-1812562> (acedido em 2-01-2019).

MASCARENHAS, Teresa (2008). *Aristides de Sousa Mendes - Trinta Mil Vidas Humanas*. Lisboa: Edições Esgotadas.

MORDECAI, Paldiel (2007). *Diplomat Heroes of the Holocaust*. Nova Iorque: Ktav Publishing House.

MOYNAHAN, Bryan (2018). "Maria Lani Was the Muse of Modernist Masters—Then She Vanished Without a Trace." *Vanity Fair*, Setembro. Disponível em <https://www.vanityfair.com/style/2018/08/maria-lani-was-the-muse-of-modernist-masters> (acedido em 5-09-2018).

NICHOLS, Richard E. (1998). "Julian Green, an Expatriate American Lionized as a French Literary Figure, Dies at 97." *New York Times*, 18 de Agosto. Disponível em <https://www.nytimes.com/1998/08/18/arts/julian-green-expatriate-american-lionized-french-literary-figure-dies-97.html> (acedido em 22-02-2019).

NINHOS, Cláudia (2017). *Portugal e os Nazis – Histórias e Segredos de uma Aliança*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

O'DONOHUE, Benedict (2005). *Sartre's Theatre: Acts for Life*. Berna: Peter Lang.

O'DWYER, Michael (2002). "Julien Green (1900-1998)." *New Georgia Encyclopedia*, 18 de Julho. Disponível em <http://www.georgiaencyclopedia.org/articles/arts-culture/julien-green-1900-1998> (acedido em 9-02-2018).

PIMENTEL, Irene (2006). *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros.

PRITCHARD, Jane (2010). *Diaghilev and the Golden Age of the Ballets Russes 1909-1929*. Nova Iorque: Harry N. Abrams.

QUITTNER, Giselle (1940). “Portugal e a nossa Terra aos olhos de uma Escritora Estrangeira” (José Joaquim Pacheco, trad.). *Jornal Reclamo*, 249, 26 de Outubro, p. 1.

QUITTNER, Giselle (1941). “Figueira da Foz” (José Joaquim Pacheco, trad.). *Jornal Reclamo*, 1941, 262, 25 de Janeiro, p.1-4.

RECHCIGL JR, Miloslav (2018). *Czechs Won't Get Lost in the World, Let Alone in America: Portraits and Vignettes from the Life of Czech Immigrants in America*. Bloomington, IN: AuthorHouse.

Redacção (1943). “Naoum Aronson, Russian Sculptor - Refugee from Nazis, dies at 71 – Executed only Bust of Monk Rasputine.” *New York Times*, 1 de Outubro. Disponível em <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1943/10/01/88567991.pdf> (acedido em 26-11-2017).

Redacção (1950). “Ivan Sors, Painter and Caricaturist - Sculptor and Artist Who Did Sketches of World Leaders Dies Hers at Age of 54.” *New York Times*, 17 de Março. Disponível em <https://www.nytimes.com/1950/03/17/archives/ivan-sors-painter-and-caricaturist-sculptor-and-artist-who-did.html> (acedido em 9-02-2018).

Redacção (1953). “Flowers adorn Dresses – Painted Blooms trim blouses and skirts of nelly de Grab.” *New York Times*, 26 de Março. Disponível em <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1953/03/26/92695179.html?action=click&contentCollection=Archives&module=ArticleEndCTA®ion=ArchiveBody&pgttype=article&pageNumber=38> (acedido em 12-03-2019).

Redacção (1982). “Sonia Tomara Clarck.” *New York Times*, 9 de Setembro. Disponível em <https://www.nytimes.com/1982/09/09/obituaries/sonia-tomara-clark.html> (acedido em 7-09-2018).

Redacção (1990). “Lilian T. Mowrer: Writer Was 101.” *New York Times*, 6 de Outubro. Disponível em <https://www.nytimes.com/1990/10/06/obituaries/lilian-t-mowrer-writer-was-101.html> (acedido em 4-12-2017).

Redacção (2016). “ETHIOPIE: Pour en finir avec l’excision et le mariage précoce des petites filles afars”. *ELLE Fondation D’Entreprise*, 22 de Junho. Disponível em

<https://www.ellefondation.org/action/ethiopie-pour-en-finir-avec-l-excision-et-le-mariage-precoce-des-petites-filles-afars> (acedido em 12-03-2019).

Redacção (2018). “LAOS - Éducation et formation pour les filles et les femmes de Lang Khang”. *ELLE Fondation D’Entreprise*, 13 de Setembro. Disponível em <https://www.ellefondation.org/action/laos-education-et-formation-pour-les-filles-et-les-femmes-de-lang-khang> (acedido em 12-03-2019).

ROMAINS, Jules (1923). *Knock ou le Triomphe de la médecine*. Paris: Gallimard.

ROMAINS, Jules (1955). *Morte de Alguém* (Virginia Motta, trad.). Lisboa : Livros do Brasil.

ROMAINS, Jules (1955). *Os Pândegos* (Ersílio Cardoso, trad.). Lisboa : Livros do Brasil.

Redacção (1981). “Heddy Gingold – Children’s Opera Founder”. San Francisco: The San Francisco Examiner, 27 de Fevereiro. Disponível em https://www.newspapers.com/clip/23271669/the_san_francisco_examiner/ (acedido em 12-03-2018).

SHANES, Eric (1994). *Dalí* (Isabel Teresa Santos, trad.) Lisboa: Editorial Estampa, Círculo de Leitores.

SORLOT, Marc (2011). *Jacques Copeau, A la recherche du théâtre perdu*. Paris: Editions Imago.

TEMBECK, Iro Valaskakis (2013). “Ruth Abramovitsch Sorel”. *Canadian Encyclopedia*, 15 de Dezembro. Disponível em <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/ruth-ramovitschn-sorel/> (acedido em 31-07-2018).

Tenembaum, Baruj (2019). “Aristides de Sousa Mendes: desafiar a las dictaduras”. *Clarín*, 3 de Abril. Disponível em https://www.clarin.com/opinion/aristides-sousa-mendes-desafiar-dictaduras_0_IDjoeI9hu.html (acedido em 13-04-2019).

THEMIDO, João Hall (2008). *Uma Autobiografia Disfarçada*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.

THORRES, Tereska (2002). *Le Choix – Mémoires à trois voix*. Paris: Desclée de Brouwer.

THORRES, Tereska (2011). *Womens's Barracks*. San Francisco: She Winked Press.

TIKANNEN, Amy (2018). "Jules Romains – French Author". *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Jules-Romains> (acedido em 9-02-2018).

TOURNIER, Françoise (2018). "Elle 30 Anos: A História da Fundadora da ELLE, Hélène Gordon-Lazareff". *Elle*, 16 de Setembro. Disponível em <https://www.elle.pt/sem-categoria/elle30anos> (acedido em 12-03-2019).

VALADAS, Pilar (2010). "Now Showing Jean-Michel Frank in Argentina". *T Magazine*, 20 de Outubro. Disponível em <http://tmagazine.blogs.nytimes.com/2010/10/20/now-showing-jean-michel-frank-in-argentina> (acedido em 28-11-2017).

Filmografia

8 ½, produção de Angelo Rizzoli, realização de Federico Fellini, 1963, da Cineriz, com Marcello Mastroianni, Claudia Cardinale e Anouk Aimée.

Bait, produção e realização de Hugo Haas, 1954, da Hugo Haas Productions, com Cleo Moore, Hugo Haas e John Agar.

Bel Ami, produção de David L. Loew, realização de Albert Lewin, 1947, da Franco London Films, United Artists, com George Sanders, Angela Lansbury e Ann Dvorak.

Belle de nuit, produção de Jean Laffitte, realização de Louis Valray, 1933, da Metropa Films, com Aimé Clariond, Paul Bernard, Véra Korène e Nicole Marté.

Born to Be Loved, produção de Hugo Haas e Robert Erlik, realização de Hugo Haas, 1959, da Hugo Haas Productions, com Carol Morris, Barbara Jo Allen, Hugo Haas e Dick Kallmanuced.

Café de Paris, produção de Arys Nissotti e Pierre O'Connell, realização de Yves Mirande e Georges Lacombe, 1938, da Regina Films, com Véra Korène, Jules Berry e Simone Berriau.

Can-Can, produção de Jack Cummings e Saul Chaplin, realização de Walter Lang, 1960, da Suffolte-Cummings Productions, com Frank Sinatra, Shirley MacLaine, Maurice Chevalier e Louis Jourdan.

Captain Blackjack, produção e realização de Julien Duvivier 1950, da Films, com George Sanders, Herbert Marshall, Patricia Roc, Dennis Wyndham.

Cargaison blanche, produção de Seymour Nebenzal, realização de Robert Siodmak, 1937, da Nero Film, com Käthe von Nagy e Jules Berry.

Casablanca, produção de Hall B. Wallis, realização de Michael Curtiz, 1942, da Warner <brothers, com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman.

Catch-22, produção de John Calley e Martin Ransohoff, realização de Mike Nichols, 1970, da Filmways Paramount Pictures, com Alan Arkin, Martin Balsam e Richard Benjamin.

China Gate, produção e realização de Samuel Fuller, 1957, da Globe Enterprises, com Gene Barry, Angie Dickinson, Nat King Cole e Lee Van Cleef.

Co se septá, produção e realização de Hugo Haas, 1938, com Jirina Stepnicková, Hugo Haas e Karel Veverka.

Days of Glory, produção de Casey Robinson, realização de Jacques Tourneur, 1944, da RKO Radio Pictures, com Tamara Tomanova, Gregory Peck, Alan Reed e Maria Palmer.

Désobéir, produção de Martine Chicot, realização de Joël Santoni, 2008, da Panama Productions, com Bernard Le Coq, Nanou Garcia e Roger Souza.

Edge of Hell, produção e realização de Hugo Haas, 1956, da Hugo Haas Productions, com Francesca De Scaffa, June Shelley, Jeffrey Stone, Ken Carlton e Syra Marty.

Flight to Tangier, produção de Nat Holt, realização de Charles Marquis Warren, 1953, da Paramount Pictures, com Charles Marquis Warren, Joan Fontaine e Jack Palance.

Galileo, produção de Ely Landau, realização de Joseph Losey, 1947, da American Film Theatre, com Topol, Georgia Brown, Edward Fox, John Gielgud e Margaret Leighton.

Gentleman Jim, produção de Robert Bucknerde, realização de Raoul Walsh, 1942, da Warner Brothers, com Errol Flynn e Alexis Smith.

Gentlemen Prefer Blondes produção de Sol C. Siegel, realização de Howard Hawks, 1943, da 20th Century Fox, com Jane Russell e Marilyn Monroe.

Great White Hope, produção de Lawrence Turmande, realização de Martin Ritt, 1970, da 20th Century Fox, com James Earl Jones, Jane Alexander e Lou Gilbert.

Here Comes Mr. Jordan, produção de Everett Riskin, realização de Alexander Hall, 1941, da Columbia Pictures, com Robert Montgomery, Evelyn Keyes, Claude Rains, Rita Johnson e Edward Everett Horton.

Hit and Run, produção e realização de Hugo Haas, 1957, da Hugo Haas Productions, com Cleo Moore, Hugo Haas e Vince Edwards.

Hold Back the Dawn, produção de Arthur Hornblow Jr., realização de Mitchel Leisen, 1941, da Paramount Pictures, com Charles Boyer, Olivia de Havilland e Paulette Goddard.

How to Steal a Million, produção de William Wyler, realização de Fred Kohlmarde, 1966, da 20th Century Fox, com Audrey Hepburn, Peter O'Toole, Eli Wallach, Hugh Griffith e Charles Boyer.

Jealousy, produção e realização de Gustav Machatý, 1945, da Republic Pictures, com John Loder, Jane Randolph, Karen Morley e Nils Asther.

Jeunes filles en détresse, produção de Charles-Georges Horset e Arnold Misrach, realização de Georg Wilhelm Pabst, 1939, da Globe Film International, com Marcelle Chantal, Jacqueline Delubac e André Luguet.

King Solomon's Mines, produção de Sam Zimbalist, realização de Compton Bennett e Andrew Marton, 1950, da MGM, com Deborah Kerr, Stewart Granger e Richard Carlson.

La Bête, produção de Anatole Daumande, realização de Walerian Borowczyk, 1975, da Argos Films, com Sirpa Lane, Lisbeth Hummel e Marcel Dalio.

La Brigade sauvage, produção de Raymond Blondy, realização de Marcel L'Herbier, 1939, da Franco London Films, com Véra Korène, Charles Vanel, Youca Troubetzkoi, Lisette Lanvin e Roger Duchesne.

La Grande Illusion, produção de Eugène Laurier, realização de Jean Renoir, 1939, da Réalisations d'Art Cinématographique (RAC), com Jean Gabin, Pierre Fresnay, Erich von Stroheim, Dita Parlo e Marcel Dalio.

La Maison du Maltais, produção de Charles Smadja, realização de Pierre Chenal, 1938, da Gladiator Films, com Louis Jouvet, Viviane Romance e Marcel Dalio.

La règle du jeu, produção de Claude Renoir, realização de Jean Renoir, 1939, da Nouvelle Édition Française, com Nora Gregor, Paulette Goddard, Marcel Dalio, Roland Toutain e Jean Renoir.

La voix sans visage, produção de Constantin Gheftman, realização de Leo Mitler, 1933, da Vandor Films, com Lucien Muratore, Véra Korène e Jean Servais.

Lady L, produção de Carlo Ponti, realização de Peter Ustinov, 1965, da MGM, com Sophia Loren, Paul Newman e David Niven.

Les Aventures de Rabbi Jacob, produção de Bertrand Javal, realização de Gérard Oury, 1973, da SNC, com Louis de Funès, Suzy Delair, Claude Giraud, Marcel Dalio, Claude Piéplu, Renzo Montagnani, Henri Guybet e Miou-Miou.

Lizzie, produção de Jerry Bresler, realização de Hugo Haas, 1957, da Bryna Productions, com Eleanor Parker, Richard Boone e Joan Blondell.

Lucky Me, produção de Henry Blanke, realização de Jack Honohue, 1954, da Warner Brothers, com Doris Day, James O'Hanlon e Robert Cummings.

My Girl Tisa, produção de Elliott Nugent, realização de Elliott Nugent, 1948, da Warner Brothers, com Lilli Palmer e Sam Wanamaker.

O Cônsul de Bordéus, produção e realização de José Mazedra, 2011, da Take 2000, com Vítor Norte, Carlos Paulo, João Nunes Monteiro.

One Girl's Confession, produção de Hugo Haas, realização de Hugo Haas, 1953, da Hugo Haas Productions, com Cleo Moore, Hugo Haas, Glenn Langan, Russ Conway, Gayne Whitman e Martha Wentworth.

Once More, My Darling, produção de Joan Harrison, realização de Robert Montgomery, 1949, da Neptune Productions e Universal International, com Robert Montgomery, Ann Blyth e Jane Cowl.

One Night in Lisbon, produção e realização de Edward H. Griffith, 1941, da Paramount Pictures, com Fred MacMurray, Dwight Houston e Madeleine Carroll.

Paradise Alley, produção e realização de Hugo Haas, 1962, da Hugo Haas Productions, com Hugo Haas, Carol Morris e Marie Windsor.

Pépé le Moko, produção de Raymond Hakim, realização de Julien Duvivier, 1937, da Arthur Mayer & Joseph Burstyn, com Jean Gabin, Line Noro e Mireille Balin.

Pickup, produção e realização de Hugo Haas, 1951, da Hugo Haas Productions, com Hugo Haas, Beverly Michaels e Allan Nixon.

Pillow Talk, produção de Ross Hunter e Martin Melcherde, realização de Michael Gordon, 1959, da Arwin Productions, com Rock Hudson, Doris Day, Tony Randall e Thelma Ritter.

Ride the Pink Horse, produção de Joan Harrison, realização de Robert Montgomery, 1947, da Universal Pictures, com Robert Montgomery, Wanda Hendrix e Thomas Gomez.

Sabrina, produção e realização de Billy Wilder, 1954, da Paramount pictures, com Humphrey Bogart, Audrey Hepburn e William Holden.

Schindler's List, produção de Steven Spielberg, Gerald R. Molen e Branko Lustig, realização de Steven Spielberg, 1993, da Amblin Entertainment, com Liam Neeson, Ben Kingsley, Ralph Fiennes, Caroline Goodall, Jonathan Sagall e Embeth Davidtz.

Sept hommes, une femme, produção de Fred Bacos, realização de Yves Mirande, 1936, da Paris ciné Films, com Fernand Gravey, Saturnin Fabre, Pierre Larquey, Vera Korène e Jeanne Lory.

Shanghai Gesture, produção de Arnold Pressburger, realização de Josef von Sternberg, 1941, da Arnold Pressburger Films, com Gene Tierney, Walter Huston, Victor Mature e Ona Munson.

So this is College, produção de Sam Wood, realização de Sam Wood, 1929, da MGM, com Elliott Nugent, Robert Montgomery, Cliff Edwards, Sally Starr e Phyllis Crane.

Son dernier Role, produção e realização de Jean Gourguet, 1946, de Services Français de Production, com Gaby Morlay, Jean Debucourt e Marcel Dalio.

Strange Fascination, produção e realização de Hugo Haas, 1952, da Hugo Haas Productions, com Cleo Moore, Hugo Haas e Mona Barrie.

Svet kde se zebra, produção e realização de Miroslav Cikán, 1938), com Hugo Haas, Marie Glázrová e Ladislav Boháč.

Ten Thousand Bedrooms, produção de Joe Pasternak, realização de Richard Thorpe, 1957, da MGM, com Dean Martin, Anna Maria Alberghetti e Eva Bartok.

The Big House, produção de Irving Thalberg, realização de George Hill, 1930, da MGM, com Chester Morris, Wallace Beery e Lewis Stone.

The Devil at 4 O'Clock, produção de Fred Kohlmar, realização de Mervyn LeRoy, 1961, da Columbia Pictures, com Frank Sinatra e Spencer Tracy.

The Divorcee, produção e realização de Robert Z. Leonard, 1930, da MGM, com Norma Shearer, Chester Morris, Conrad Nagel e Robert Montgomery.

The Earl of Chicago, produção de Victor Saville, realização de Richard Thorpe, 1940, da MGM, com Robert Montgomery, Edward Arnold, Reginald Owen.

The Gallant Hours, produção de James Cagney e Robert Montgomery, realização de Robert Montgomery, 1960, da United Artists, com James Cagney, Dennis Weaver e Ward Costello.

The Girl on the Bridge, produção e realização de Hugo Haas, 1951, da Hugo Haas Productions, com Hugo Haas e Beverly Michaels.

The Last of Mrs Cheney, produção de Lawrence Weingarten, realização de Richard Boleslawski, 1937, da MGM, com Joan Crawford, William Powell, Robert Montgomery e Frank Morgan.

The List of Adrian Messenger, produção de Edward Lewis, realização de John Huston, 1963, da Joel Productions, com Tony Curtis, Frank Sinatra, Kirk Douglas e Burt Lancaster

The Man Who Understood Women, produção e realização de Nunnally Johnson, 1959, da 20th Century Fox, com Henry Fonda, Leslie Caron, Renate Hoy e Cesare Danova.

The Other Woman, produção e realização de Hugo Haas, 1954, da Hugo Haas Productions, com Hugo Haas, Cleo Moore, John Qualen, Jan Arvan e Lance Fuller.

The Song of Bernadette, produção de William Perlberg, realização de Henry King, 1943, da 20th Century Fox, com Jennifer Jones, William Eythe, Charles Bickford e Vincent Price.

The Sun Also Rises, produção de Darryl F. Zanuck, realização de Henry King, 1957, da 20th Century Fox, com Tyrone Power, Ava Gardner, Mel Ferrer e Errol Flynn.

They Were Expendable, produção de Cliff Reid, realização de John Ford, 1945, da MGM, com Robert Montgomery, John Wayne, Donna Reed, Jack Holt e Ward Bond.

Thy Neighbor's Wife, produção e realização de Hugo Haas, 1953, da Hugo Haas Productions, com Cleo Moore, Hugo Haas, Ken Carlton, Kathleen Hughes, Anthony Jochim e Tom Fadden.

To Have and Have Not, produção e realização de Howard Hawks, 1944, da Warner Brothers, com Humphrey Bogart, Walter Brennan e Lauren Bacall.

Vanessa, produção de William K. Howard, realização de David O. Selznick, (1935), da MGM, com Robert Montgomery, Helen Hayes e May Robson.

Your Witness, produção de Joan Harrison, realização de Robert Montgomery, 1950, da Coronado Productions, com Robert Montgomery, Leslie Banks, Felix Aylmer e Andrew Cruickshank.

Wild and Wonderful, produção de Harold Hecht, realização de Michael Anderson, 1964, da Harold Hecht Productions, com Tony Curtis e Christine Kaufmann.

Periódicos

Diário de Lisboa

Diário de Notícias

Jornal Reclamo

O Figueirense

O Século

Região de Leiria

Webografia

ACADÉMIE FRANÇAISE (2017). *Jules Romains*. Disponível em <http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/jules-romains> (acedido em 9-02-2017).

BnF (2017). *Véra Korène (1901-1996): pseudonyme individuel*. Disponível em https://data.bnf.fr/fr/14654116/vera_korene/ (acedido em 28-11-2017).

COHN, Larry (2017). *Hugo Haas – Biography*. Disponível em https://www.imdb.com/name/nm0351947/bio?ref_=nm_ov_bio_sm (acedido em 28-11-2017).

CRANKSHAFT PUBLISHING (2018). *Tomara, Sonia (Journalists)*. Disponível em <http://what-when-how.com/women-and-war/tomara-sonia-journalists/> (acedido em 3-09-2018).

FEANOR (2012). *Art of the Russias - Alex Grigg*. Disponível em <https://artoftherussias.wordpress.com/2012/06/23/alex-grig/#comment-574> (acedido em 26-11-2017).

FUNDACION DALÍ (2017). *Salvador Dalí i Domènech*. Disponível em <https://www.salvador-Dalí.org/en/Dalí/bio-Dalí/> (acedido em 29-12-2017).

FUNDACION DALÍ (2017). *Biografía de Gala*. Disponível em <https://www.salvador-Dalí.org/en/Dalí/bio-Gala/> (acedido em 29-12-2017).

GRIGG, Alex (2017). *Biography*. Disponível em <https://www.alexgrig.net/biography> (acedido em 19-04-2018).

HANOTTE, Caroline (2018). *Elvire Popesco - Biographie*. Disponível em <http://www.cineartistes.com/fiche-Elvire+Popesco.html> (acedido em 7-12-2018).

HOBİ, Karl (2018) *Hermann Grab (1903-1949) - Schriftsteller und Musikschuldirektor*. Disponível em <https://www.onb.ac.at/bibliothek/Sammlungen/literatur/bestaende/personen/grab-hermann-1903-1949> (acedido em 31-07-2018).

IMDb (2017). *Maria Bibikov – Biography*. Disponível em <https://www.imdb.com/name/nm0080898/bio> (acedido em 27-11-2017).

JESSICA (2008). *Peck & Peck 1952*. Disponível em <http://myvintagevogue.com/gallery/index.php?level=picture&id=341> (acedido em 12-03-2019).

KIENBERGER, Antonia (2017) *Hélène de Beauvoir*. Disponível em <http://www.helenedebeauvoir.com/biographie-deutsch.html> (acedido em 26-11-2018).

KRZYŻANOWSKI, Jerzy R (2018). *Michał Choromański - Polish Author*. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Michal-Choromanski> (acedido em 09-02-2018).

LACY, Mary A.; e MCGUIRE, Brian (2010). "Edgar Ansel Mowrer and Lilian T. Mowrer Papers. A Finding Aid to the Collection in the Library of Congress". *Library of Congress*. Disponível em <http://rs5.loc.gov/service/mss/eadxmss/eadpdfmss/2006/ms006028.pdf> (acedido em 4-12-2017).

LETERRIER, Robert (2017). *Lucien GRANDGÉRARD*. Disponível em <http://artlorrain.com/lucien-grandg%C3%A9rard> (acedido em 27-11-2017).

LIFE (1953). *Trio in Taffeta*. Disponível em https://books.google.pt/books?id=EkgeAAAAMBAAJ&pg=PA68&lpg=PA68&dq=Nelly+de+Grab+life+magazine&source=bl&ots=I9_dx3xRuQ&sig=ACfU3U2QoaCegD3A9N0O631SSZgP_VaKlg&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiklKmX-dThAhXDx4UKHYf4C2oQ6AEwC3oECACQAQ#v=onepage&q=Nelly%20de%20Grab%20life%20magazine&f=false (acedido em 12-03-2019).

LIFE (1953). *Sem título*. Disponível em https://books.google.pt/books?uid=107454562221454779339&hl=pt-PT&pg=PA68&lpg=PA68&dq=Nelly%20de%20Grab%20life%20magazine&source=bl&ots=I9_dx3xYvT&sig=ACfU3U0xpSLky0mkv8jQ4VGGM3wJPXHcKg&sa=X#v=onepage&q=Nelly%20de%20Grab%20life%20magazine&f=false (acedido em 12-03-2019).

LIFE (1958) *Sem título*. disponível em https://books.google.pt/books?id=yVMEAAAAMBAAJ&pg=PA86&lpg=PA86&dq=Nelly+de+Grab+life+magazine&source=bl&ots=rTIRsDMAzo&sig=ACfU3U2-G_hlRq_RIAOZPC-ssrA03W9ciQ&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiklKmX-dThAhXDx4UKHYf4C2oQ6AEwCnoECAgQAQ#v=onepage&q=Nelly%20de%20Grab%20life%20magazine&f=false (acedido em 12-03-2019).

MARTINS, Ana Bela, MORGADO, Adelaide (2013). *Hélène de Beauvoir em Portugal durante os anos 1940/1945*. Disponível em http://blogs.ua.pt/galeria/?page_id=2116 (acedido em 26-11-2017).

MERCURE DE FRANCE (2018). *Historique - Le Mercure de France*. Disponível em <https://www.mercuredefrance.fr/Historique> (acedido em 19-07-2018).

MORAWETZ, Claudia (2013). *Dr. Oskar Morawetz C.M., O.Ont., Mus.Doc. (1917 - 2007) - Composer and Professor of Music*. Disponível em <http://www.oskarmorawetz.com/Tabs/TabHome/index.php> (acedido em 26-11-2017).

MUSEUM OF JEWISH PEOPLE (1996). *Sors (Stern), Ivan*. Disponível em <https://dbs.bh.org.il/luminary/sors-stern-ivan> (acedido em 3-01-2019).

NARODOWY INSTYTUT FRYDERYKA CHOPINA (2019). *Persons related to Chopin – Witold Malcużyński*. Disponível em <http://en.chopin.nifc.pl/chopin/persons/detail/id/206> (acedido em 12-03-2019).

NIEWIAROWSKA, Barbara (2019). *The Frederick Chopin International Piano Competition*. Disponível em http://www.chopin.pl/edycja_1999_2009/imprezy/konkursy/konkurs_en.html (acedido em 12-03-2019).

PLAUTZ, Mary (2013). *Forgotten Designer Nelly de Grab*. Disponível em <http://coutureallure.blogspot.com/2013/03/forgotten-designer-nelly-de-grab.html> (acedido em 2-08-2018).

PRINTZ, Jean Marc (2017). *Biographie Leo Poldès*. Disponível em http://100ansderadio.free.fr/Biographies/Poldes_Leo.html (acedido em 28-11-2017).

RACLOT, Michèle (2009). *La vie de Julien Green*. Disponível em <http://juliengreen.paris-sorbonne.fr/julien-green/article/la-vie-de-julien-green> (acedido em 9-02-2018).

RYERSON, Michael (2017). *Marcel Dalio- Biography*. Disponível em <https://www.imdb.com/name/nm0197950/bio> (acedido em 28-11-2017).

SANTOS, LEONEL (2005). *(5) Jazz – do New Orleans ao Jazz moderno*. Disponível em <http://www.jazzlogical.net/jazzologia/Literatura/5%20Jazz%20Marabu%201962.htm> (acedido em 20-03-2019).

SCHWARTZ, Stephen (1997). *Ceremonies for Vanished Beat Poet / Lew Welch disappeared in foothills 26 years ago*. Disponível em <https://www.sfgate.com/news/article/Ceremonies-For-Vanished-Beat-Poet-Lew-Welch-2830558.php> (acedido em 28-08-2018).

SFGATE (1996). *Obituary – Norbert Gingold*. Disponível em <https://www.sfgate.com/news/article/OBITUARY-Norbert-Gingold-2988124.php> (acedido em 26-07-2018).

TURNHEIM, Ilse (2010). *Guide to the Papers of Salamon Dembitzer (1888-1964), 1908- 1975*. Disponível em <http://findingaids.cjh.org/index2.php?fnm=SalamonDembitzer&pnm=LBI> (acedido em 26-11-2017).

YAD VASHEM (2017). *Aristides de Sousa Mendes*. Disponível em <https://www.yadvashem.org/righteous/stories/mendes.html> (acedido em 28-11-2017).

WURZINGER, Gerhard (2017). *Torberg, Friedrich*. Disponível em https://austria-forum.org/af/Biographien/Torberg%2C_Friedrich (acedido em 31-07-2018).

Anexos

Anexo 1 – Correspondência trocada com *Fundació Gala - Salvador Dalí* e artigo do jornal *La Vanguardia* sobre Salvador Dalí

17/04/2019

Gmail - RV:



Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>

RV:

8 messages

Cuca R. Costa / Fundació Gala-Salvador Dalí <ced@fundaciodalí.org>
To: anacristina199@gmail.com

Tue, Apr 9, 2013 at 11:33 AM

Estimada Ana,

Muchas gracias por la información, la cual era desconocida por nuestra Fundación.

Le agradecemos que haya contactado con nosotros para darnos esta información.

Saludos cordiales,

Cuca R. Costa

Centre d'Estudis Dalinians

ced@fundaciodalí.org

De: anacristina199@gmail.com [<mailto:anacristina199@gmail.com>]

Enviat: domingo, 07 de abril de 2013 12:35

Per a: Imma Parada / Fundació Gala-Salvador Dalí

Tema:

Nom i cognoms : Ana Cristina Luz

Adreça electrònica : anacristina199@gmail.com

Motiu :

Bom dia, Acabei de ler a biografia de Salvador Dalí. Sou amiga da Fundação Aristides de Sousa Mendes e sei que Salvador Dalí e Gala receberam vistos do nosso cônsul português, Aristides Sousa Mendes, que lhes salvaram a vida em 1940. Conheciam este facto? Obrigada pela atenção.

Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>

Tue, Apr 9, 2013 at 12:23 PM

To: "Cuca R. Costa / Fundació Gala-Salvador Dalí" <ced@fundaciodalí.org>

Bom dia,

Obrigada pela pronta resposta. Para confirmação desta informação, poderão contactar a Fundação Aristides de Sousa Mendes, em Portugal (www.fundacaoaristidesdesousamendes.com) , ou a Aristides Sousa Mendes Foundation nos Estados Unidos da América (sousamendesfoundation.org) .

Melhores cumprimentos,
Ana Luz

2013/4/9 Cuca R. Costa / Fundació Gala-Salvador Dalí <ced@fundaciodalí.org>

[Quoted text hidden]

Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>

Tue, Apr 9, 2013 at 2:02 PM

To: lianstela@hotmail.com

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ik=9ca56f4760&view=pt&search=all&permthid=thread-f%3A1431834348659339626&simpl=msg-f%3A14318343...> 1/4



JOSEP PLAYÀ MASET
 Barcelona

Cuando los nazis invadieron París hubo una desbandada entre los intelectuales y artistas de izquierdas, judíos y entre los más comprometidos con la causa antifascista. Pero los tres grandes pintores españoles del momento siguieron caminos bien distintos. Pablo Picasso, comunista, que poco antes había pintado el *Gerinika* en homenaje a la población vasca bombardeada por la Legión Cóndor alemana, se quedó discretamente en París. Joan Miró, fiel a la República pero siempre muy prudente, optó por regresar a la España franquista e instalarse sigilosamente en Mallorca. Y en cambio Salvador Dalí, que había irritado a los surrealistas por sus referencias a la estética hitleriana y que más tarde sería acusado de profranquista, fue el único que huyó despavorido. Primero se fue hacia el sur de Francia y cuando

El día que Dalí huyó de los nazis

los nazis ocuparon todo el país pidió el visado para ir a Estados Unidos, y se fue a Lisboa para embarcar hacia Nueva York.

¿Por qué huyó Dalí pese a tener contactos como Coco Chanel, Jean Cocteau y otros que podían haber intercedido ante las nuevas autoridades? Si bien es cierto que su obra, como la de los surrealistas formaba parte del arte degenerado perseguido por los nazis —y se sabe que algunos de sus cua-

drus fueron incautados y destruidos—, podía haber optado como otros artistas por quedarse en París sin hacer mucho ruido. Quizás porque el padrastro de su esposa Gala era judío, quizás por su temor a la guerra y su cobardía ante situaciones complicadas, lo cierto es que huyó como otros miles de refugiados, aunque él lo hiciera con billete de primera clase.

La Vanguardia ha reconstruido el periplo que siguió Dalí hace 75

años desde que los alemanes declararan la guerra a Francia y casi un año después su ejército llega a la frontera franco-española. Las biografías sobre Dalí pasan de puntillas sobre este episodio y las fuentes han sido las hemerotecas, los últimos testimonios vivos, el centro de estudios de la Fundación Gala-Salvador Dalí, en Figueras, y el archivo Pere Vehí, de Cadaqués.

El 1 de septiembre de 1939

cuando los nazis invadieron Polonia, Salvador Dalí se hallaba de vacaciones en el Grand Hotel de Font-romeu. La dirección del establecimiento decidió cerrar sus puertas (otra versión apunta a que su suite fue requisada por el jefe del estado mayor francés) y Dalí y su esposa Gala regresaron a París. Pero tras conocerse que Francia y Alemania se han declarado la guerra, los Dalí buscaron un lugar hacia el sur del país que fuese más seguro. En sus memorias (*Vida secreta de Salvador Dalí*, 1942) cuenta que puso el dedo en el mapa cerca de la frontera con España y al azar escogió Arcahón, cerca de Burdeos, capital gastronómica y paraíso de las ostras. No debió ser así porque muchos otros intelectuales coincidieron en esa población balnearia.

Los Dalí llegaron a Arcahón probablemente en la segunda semana de septiembre. No se sabe muy bien donde se instalaron los

PAÍS: España
PÁGINAS: 1,60-61
TARIFA: 93969 €
ÁREA: 2233 CM² - 197%

FRECUENCIA: Diario
O.J.D.: 150739
E.G.M.: 718000
SECCIÓN: CULTURA



ARCHIVO FOTOGRAFICO PIRE VEHICADAGUES

En Lisboa. El 3 de agosto de 1940 coincidieron en el restaurante de la Exposición del Mundo Portugués, un evento organizado por el régimen salazarista, el pintor Josep Maria Sert (de español), Dalí, Gala y un matrimonio de catalanes (Josep M. Ginés y Maria Gorgot). Es la única foto del paso de los Dalí por Lisboa, camino de Nueva York.

primeros días pero cuando vieron que su estancia se alargaba alquilaron la Villa Salesses, un chalet de estructura colonial, de planta baja, dos habitaciones, trastero y ático, situado frente al mar (boulevard de la Plage, 131). Se conoce un contrato firmado por Gala y el propietario Henri Calvé —un comerciante de aceite, muy viajado, que mantenía largas conversaciones con Dalí— el 11 de diciembre de 1939 por seis meses a un precio fijo de 10.800 francos.

En esa tranquila población se refugiaron también el artista y buen amigo Marcel Duchamp, la pintora Leonor Fini, el arquitecto y decorador Jean Michel Frank, el escritor André Pieyre de Mandiargues, el poeta Samuel Beckett y la diseñadora Coco Chanel. Durante cierto tiempo coincidieron con el presidente de la República Manuel Azaña, que estaba en la Villa Eden, un chalet algo alejado del centro, en la zona de Pyla, pero no hay constancia de ningún contacto con el pintor catalán.

“Nunca trabajé tan firmemente, con un sentido de la responsabilidad tan ardiente, como durante esta guerra —escribió Salvador Dalí en *Vida Secreta*—. En Arcachon me libré en cuerpo y alma a la lucha de la técnica y la materia (...) sólo Gala sabe hasta que extremo se hizo la pintura en esta época una razón de vivir”. Excepto algunas escapadas para ir a comer a los excelentes restaurantes de Burdeos como Chapon Fin o Château Trompette, Dalí permanecía encerrado en su taller manteniendo una “verdadera vida intraterrena”. De esa estancia apenas quedan dos o tres fotografías junto a la fachada de la villa que tenían alquilada.

LEJOS DE PARÍS

La Villa Salesses, en Arcachon, fue durante nueve meses y medio el refugio de los Dalí

GESTIONES PÚBLICAS

Dalí y Gala salieron de Arcachon gracias al visado concedido por el cónsul de Portugal

RUMBO A NUEVA YORK

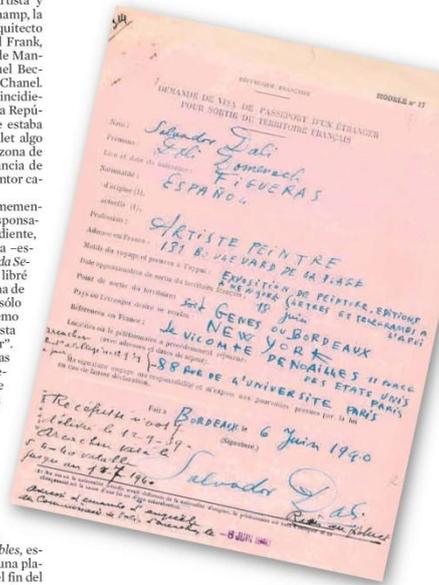
El pintor catalán pudo embarcarse en Lisboa en el ‘Excambion’ el 6 de agosto de 1940

En *Confesiones inconfesables*, escribió: “Me paseaba por una playa desierta soñando con el fin del mundo y declamando a Lorca frente a las olas (...) No quiero que la distracción me aleje de lo esencial, la imbecilidad de mis contemporáneos me parece contagiosa y no leo ningún periódico ni escucho la radio”. De ese periodo, que se prolongó casi diez meses, son algunas obras importantes como *Dos piezas de pan que expresan el sentimiento del amor* (donde aparece un peón de ajedrez que según decía se les había caído de la mesa a Gala y Duchamp mientras jugaban una partida) o *Mercado de esclavos con aparición del busto invisible de Voltaire* el busto invisible de Voltaire y varios dibujos. En la Fundación Dalí se conserva un dibujo con unos apuntes de la costa de Arcachon, algo insolito porque Dalí casi nunca pintó otros paisa-

jes que no fueran los del Empordà. Según Odette de Calvé, sobrina del propietario, Dalí trabajó mucho durante estos meses y al final estaba tan agradecido que incluso le ofreció a su padre la posibilidad de hacerle un retrato pero este no aceptó. Robert Dubois, un vecino de Villa Salesses que entonces tenía apenas 12 años, recuerda que con otro amigo iban a buscar conchas de moluscos para que Dalí los pintase. Aunque más que las pinturas lo que le quedó grabado en la retina es el día que contempló en la playa como Gala tomaba el sol desnuda. Cuando el ejército alemán empezó la ocupación del país, los Dalí decidieron huir de nuevo. Según su relato, el día que acudieron a Burdeos a solicitar un visado para salir del país vivieron un bombardeo sobre la ciudad. El documento que aquí se reproduce, procedente de los archivos departamentales de la Gironde, da cuenta de la solicitud de visado de Salvador Dalí. Como referencia de aval en Francia, Dalí incluye el nombre de su amigo el vizconde de Noailles, que le había ayudado

R
EL REPORTAJE

Cuando los alemanes invaden Francia, Miró regresa a Mallorca, Picasso se queda en París y Dalí se exilia a Nueva York



LA HUIDA DE DALÍ

La entrada de los nazis en París provocó un éxodo de intelectuales y artistas



FUENTE: Elaboración propia LA VANGUARDIA

Dalí y Gala marcharon precipitadamente, presos del pánico, y “los cuadros y las maletas se los mandaron después”. Pinturas, cartas y otros documentos quedaron olvidados en Villa Salesses, donde unos días después se instaló Cecile Eluard, la hija que Gala había tenido con su primer marido el poeta Paul Eluard. En Arcachon quedó olvidado también el manuscrito de *El mito trágico del Angelus de Millet*, que Dalí no recuperó hasta 22 años después.

Las calles de Irún y San Sebastián se llenaron a finales de junio de 1940 de refugiados que huyen de los alemanes. Y no era broma. El 10 de julio la Gestapo registraba la casa de Azaña en Arcachon, y se llevaron detenido a su cuñado Rivas Cherif. Azaña se libró porque había marchado unos días antes a Montauran. En Arcachon quedó olvidado también el manuscrito de *El mito trágico del Angelus de Millet*, que Dalí no recuperó hasta 22 años después.

Nada más entrar en España, Dalí y Gala se separaron. Mientras él se desviaba hasta Figueres para ver a su familia, Gala iba directamente a Lisboa para preparar su salida hacia Estados Unidos. Dalí no había visto a su padre,

a su madrastra y a su hermana desde hacía más de cinco años, antes de la Guerra Civil. Y quedó impresionado por el estado depresivo de su hermana Anna Maria, quien hacia el final de la contienda había sido detenida por el Servicio de Inteligencia Militar (SIM) republicano, acusada de espionaje y torturada en una checa en Barcelona. Y su padre, un republicano federal de toda la vida, se había convertido a la causa del régimen de Franco. Tras pasar unos pocos días en Figueres, Dalí se marchó a Madrid para gestionar su salida. Las dificultades de comunicación del momento y la tensión propia de la postguerra y las simpatías del franquismo con la Alemania nazi provocaron que el mecenas y amigo Edward James temiese por su vida y llegase a escribir al Franklin Roosevelt para que averiguase el paradero de Dalí. Y según publicó el biógrafo Ian Gibson, la embajada americana en Madrid transmitió un informe señalando que con fecha 17 de julio se hallaba en el Hotel Palace de Madrid. Dalí pasó discretamente por la capital aunque se sabe que contactó con intelectuales como Eugenio Montes, Rafael Sánchez Mazas y Dionisio Ridruejo.

Una vez reunidos en Lisboa los Dalí se alojaron en el Hotel Metropole. Y allí contactaron con un matrimonio amigo de Figueres, Josep M. Ginés, un empresario de la madera, y Maria Gorgot, que les ayudaron en los trámites. Ellos son los que aparecen en la única foto conocida de su breve estancia en Lisboa, junto al pintor Josep Maria Sert, que había acudido para la Exposición del Mundo Portugués, el gran evento organizado por la dictadura salazarista. Ginés explicaría más tarde que Dalí estuvo a punto de perder el pasaporte y tenía tanto miedo que estos días lo llevaba colgado del pecho. Finalmente el 6 de agosto embarcaron en el Excambion que los llevaría a Nueva York. ●

Anexo 2 – Correspondência relativa a Julia Sazonova

1849

Bordeus, 2 de Novembro de 1939.

Sen. Ministro dos Negocios Estrangeiros,
Excelencia.

Tenho a honra de rogar a V. Exa. se digna autorizar-me a conceder um visto no passaporte Nansen de Madama Julia Sazonova, jornalista muito conhecida em Paris, colaboradora de Revue Musicale, da Nouvelle Revue Francaise e de Slavonic Review de Londres e ex parte da instituicao Francesa Archives Internationales de la Danse de que é director Roland de Sard.

Esta Senhora, de passagem para a America do Norte, deseja fazer algumas reportagens sobre Portugal e o Estado Novo de que é fervente admiradora.

Acha-se acompanhada dum filho menor.

Nao posso duvida em tomar em consideracao seu pedido, pois por me ter provado por documentos, artigos de imprensa e referencias honrosas do mundo das letras, tratar-se duma personalidade de relevo.

A Bem da Macao,

Miguel de Sousa e Silva



SERVIÇO DA REPÚBLICA

N.º 10837

REPUBLICA PORTUGUEZA
SECRETARIA DA POLICIA DE VIGILANCIA E DEFESA DO ESTADO
PROC. N.º 5271
ENTRADA 4 DEZ 1939

Exm. Sr. Director Geral das Negocias
Economicas e Consulares de Ministerio
das Negocias Estrangeiras

Proc. Ind. 3870

Roga-se que na resposta
se indiquem os números e
data deste officio.

EXPEDIENTE
29543 1497 39

Lisboa

Em resposta ao officio de V.Ex.ª nº 504
de 27 de corrente, tenho a honra de informar que esta P
Policia é de opinião que não deve ser visado o passa-
pote Nansen de Madaxe Julie Sozenova.

Junto se devolvem os documentos que acom-
panhavam o officio de V.Ex.ª.

A Bem da Nação

Lisboa, Secretaria Geral da Policia de Vigilancia e
Defesa de Estado, em 29 de Novembro de 1939

Pel'0 Director



SERVIÇO DA REPUBLICA

CONSULADO
DA
REPÚBLICA PORTUGUESA

Bordeus, 5 de Dezembro de 1939

EX-11367
11 DEZ 1939
24-Nov-39

EM
BORDÉUS

MINISTERIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
REPARTIÇÃO DA ADM. DO SERVIÇO CONSULAR
Proc. n.º 1037
ENTRADA 11 DEZ 1939

Série N.º 2623-Proc.

Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros,

*Volte com o favor.
Foi perante a P. Exa. o
Senhor Prof. G. de Almeida que
se mencione o visto em vista do qual
da Polícia de Legação de Paris*

Excelencia
Madame Sazonova, para quem solicitei a
V. Exa. o visto em passaporte para ir a
Portugal estudar a dança portuguesa, pede-
me que transmita a V. Exa. os documentos in-
clusos que contêm referencias particu-
larmente lisongeiras.

É o que tenho a honra de fazer, no senti-
do de documenter o seu dossier, esperando
que V. Exa. se dignará tê-los em consideração,
se assim o julgar conveniente.

A Bem da Nação.

Mistos de Souza

R.P.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1939.

Proc. 552,1

n.º 60

Sr. Dr. Aristides de Sousa Mendes de Amaral e
Abranches

Consul de Portugal em

B O R D E U S

Com referência aos ofícios de V. Sa.
n.º. 1849, e 1916 respectivamente de 2 e 15 de
Novembro último, comunique que não deve ser visado
o passaporte Hansen de Mrs. Julie Sazonova.

A bem da Nação.

PELO DIRECTOR GERAL,

V. da Cunha.

FINDO

MA. 11/12/39.



SERVIÇO DA REPÚBLICA

N.º 4135

Prc.Ind.3670

Roga-se que na resposta se indiquem os números e data deste officio.

Exmo.Sr.Director Geral dos Negocios Economicos e
Consulares do Ministerio dos Negocios Estrangeiros
LISBOA

M.DOS N.ºS E - EXPEDIENTE
006782 8 MAR 1940

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS
REPARTICAO DA POLICIA DE VIGILANCIA E DEFESA DO ESTADO
LISBOA 8 MAR 1940

Em resposta ao officio de V.Ex.^a. N.º504 de 2 do corrente, tenho a honra de informar, que esta Policia não vê inconveniente na vinda a Portugal de JULIE SAZONOVA, desde que se verifiquem as condições apresentadas pela S.P.N. e desde que o seu estagio em Portugal não vá alem do prazo em que pode regressar a França.

A Bem da Nação

Lisboa, Secretaria Geral da Policia de Vigilancia e Defesa do Estado, em 7 de Março de 1940

Pel'0 Director

EM/JA

MOD. 22A-Exp. 30.000-4771-59

R.º

Lisboa, 18 de Março de 1940.

Proc. 552,1

n.º

2º

Sr. Dr. Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches
Consul de Portugal em

BORNEUS

Em aditamento ao despacho desta Secretaria de Estado n.º 60 de 15 de Dezembro último, comunico que, em virtude de novas representações apresentadas a este Ministério e do parecer da autoridade respectiva, pode V. Sa. visar o passaporte Hansen de Hae. Julia Samanova e/um seu filho menor, desde que, como foi comunicado a esta secretaria de Estado, do passaporte conste a declaração pelas autoridades francesas de que pode regressar dentro de três meses a França. Com o visto V. Sa. fará a anotação de que a permanência em Portugal não pode ir além da data em que deve regressar a França nos termos da referida declaração das autoridades desse país.

A bem da Nação.

PELO DIRECTOR GERAL,

Vasco da Cunha

COPIE

CONSULADO
DA
REPÚBLICA PORTUGUESA
EM
BORDEAUX

Série....Nº.690 Proc...

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Bordeaux, le 22 Mars 1940

M^{me} Julia Sazonova,
18, Rue Alcide Augey Biarritz

Madame,

J'ai l'honneur et le plaisir de vous communiquer que, suivant une dépêche du Ministère des Affaires Étrangères, je suis en mesure de vous donner un visa de passeport pour séjourner au Portugal pendant trois mois, et à la condition que vous puissiez rentrer en France une fois ce délai terminé.

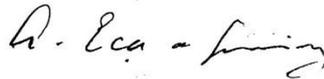
Je suis donc à votre disposition et profite de cette occasion pour vous renouveler, Madame, les assurances de toute ma considération.

Signé : Aristides de Sousa Mendes

-----Está conforme-----

Secretariado da Propaganda Nacional, em 28 de Julho de 1941

O SUB-DIRECTOR,



(António EÇA DE QUEIROZ)

Giselle Quittner Alletini ²¹
Pensão Peninsular ⁴⁰
Figueira da Foz - Portugal
12/VIII/40

M. le Consul Général Mendes

 Je tiens à vous
écrire pour vous dire la
profonde admiration qu'on
a pour vous, dans tous les
pays étrangers où vous avez
exercé vos fonctions de
consul. Vous êtes pour le
Portugal le meilleur des

propagandes, vous êtes un hon-
neur pour votre patrie. Tous
ceux qui vous ont connu
louent votre courage, votre
grand cœur, votre esprit che-
valeresque, et ajoutent: les
Portugais, s'ils ressemblent au
Comte Général Mendes,
sont un peuple de chevaliers
et de héros.

Salutations empressées

Giuseppe
Muller
Alletini



110
463

P.S. Pour le moment je
reste ici où j'espère avoir
le plaisir et le grand honneur
de vous revoir, de pouvoir
causer avec M. le Consul
Général Mendes, un des
hommes les plus éminents
du Portugal et qui par
sa conduite pendant la
tragédie mondiale a
donné une magnifique

opinion de ses compatriotes
à l'étranger.

Quoique j'aie connu
dans ma carrière d'écrivain
les plus grands hommes de la
France et de l'Europe, j'ai
rarement rencontré un
esprit si supérieur et un
cœur si généreux comme les
vôtres.

Rappelez-moi au bon souvenir
de M^{me} Mendel G. A. F.

Anexo 4 – Correspondência com Huey Lewis, filho de Magda Barcinska.

26/04/2019

Gmail - Family - Maria Magdalena Barcinska



Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>

Family - Maria Magdalena Barcinska

6 messages

Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>
To: info@hueylewisandthenews.com

Mon, Aug 27, 2018 at 1:27 PM

Dear Sirs,

I've been a huge fan of Huey Lewis all my life and imagine my surprise when I found out that his mother was Maria Magdalena Barcinska, from Poland. I am a portuguese student and for my master project I chose a paper on people that received visas from the Portuguese Diplomat Aristides de Sousa Mendes and Mr. Huey's mother was one of these persons.

In order to include her on my paper I need to know if she was an artist of some kind.

I would be much grateful if you could help me on this matter.

Best regards,
Ana Luz

Huey Lewis and the News <info@hueylewisandthenews.com>
To: Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>

Mon, Aug 27, 2018 at 6:19 PM

Yes. She was an accomplished artist and worked in New York as a commercial artist designing album covers, illustrating books, and designing for several years til I came along.

Huey
[Quoted text hidden]

Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>
To: Huey Lewis and the News <info@hueylewisandthenews.com>

Mon, Aug 27, 2018 at 7:10 PM

Thank you for your answer. I have a big smile now, You are one of my favourite singers.

Would you allow me to add your Mother and you on my paper, since Aristides was, at a certain time, in your lives, in yours indirectly?

And would it be asking too much to give me any information that allow me to get more information on your mother's work?

Very sorry to bother, very happy to hearing from you.

All the best,
Ana Luz
[Quoted text hidden]

Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>
To: Huey Lewis and the News <info@hueylewisandthenews.com>

Mon, Aug 27, 2018 at 7:13 PM

Just one more thing, I am also a writer for children. No skills for ilustration, sadly. But love to write for the youngsters.
[Quoted text hidden]

Huey Lewis and the News <info@hueylewisandthenews.com>
To: Ana Cristina 1 <anacristina199@gmail.com>

Tue, Aug 28, 2018 at 12:07 PM

Of course. That visa saved their lives.

<https://mail.google.com/mail/u/0?ik=9ca56f4760&view=pt&search=all&permthid=thread-a%3Ar-6682759810949437025&simpl=msg-a%3Ar-3402...> 1/2

Anexo 5 – Poema de Henrick Marsman, *Herinnering aan Holland*

Herinnering aan Holland de Hendrik Marsman

Herinnering aan Holland

Denkend aan Holland
zie ik breede rivieren
traag door oneindig
laagland gaan,
rijen ondenkbaar
ijle populieren
als hoge pluimen
aan den einder staan;
en in de geweldige
ruimte verzonken
de boerderijen
verspreid door het land,
boomgroepen, dorpen,
geknotte torens,
kerken en olmen
in een grootsch verband.
De lucht hangt er laag
en de zon wordt er langzaam
in grijze veelkleurige
dampen gesmoord,
en in alle gewesten
wordt de stem van het water
met zijn eeuwige rampen
gevreest en gehoord.
De IJssel bij Zutphen in 2005.

Hendrik Marsman, 1936.

Memory of Holland

Thinking of Holland
I picture broad rivers
meandering through
unending lowland:
rows of incredibly
lanky poplars, huge
plumes that linger
at the edge of the world;

in the astounding
distance small-holdings
that recede into space
throughout the country;
clumps of trees, town-lands,
stumpy towers, churches
and elms that contribute
to the grand design;
a low sky, and the sun
smothering slowly in mists, pearl-gray,
mother-of-pearl;
and in every county
the water 's warning
of more catastrophes
heard and heeded.

Tradução de Michael Longley (* Belfast, 1939), disponível em
<http://4umi.com/marsman/herinnering>.

✓

MARGUERITE ROLLIN

(14)

March 4, 66

Dear Mr Alkalay,
Mrs Joana Sousa Mendes,
daughter of the late Portuguese
Consul asked me to write to
you this letter and give you
some information about this
outstanding man, who helped
so many thousand jews during

(15)

✓ their darkest days of Hitler persecution. When all these helpless families, waiting and begging for visas to save their lives, found nothing but closed doors, he ~~alone~~ opened the doors of the consulate in Bordeaux and with the help of his sons worked day and night, giving thousands of visas, ignoring the orders of his government to apply to the ministère de l'Étranger, because he knew that there was no time to lose. My late father, Mosca Galimov and myself were among the fortunate ones to get passports and to stay in the consulate for two weeks. I still remember that every day at lunch telegrams arrived from the government of Portugal to recall him. Mr. Sousa himself never lost faith and hoped he will be forgiven for all the good deeds he did for us. But his government did not pardon him.

3) During the German occupation in France (16)
thanks to our portuguese passports, we
were protected by French authorities and
not sent to concentration camps.
Then, a few months later, after receiving
our american visa for the U.S.A, we
went to Lisbon, we had the great
pleasure and satisfaction to see
our great, good friend once more.
He looked worried and tired.
A few months later he got a stroke.
We always were in close touch
with his family and most of

4

MARGUERITE ROLLIN

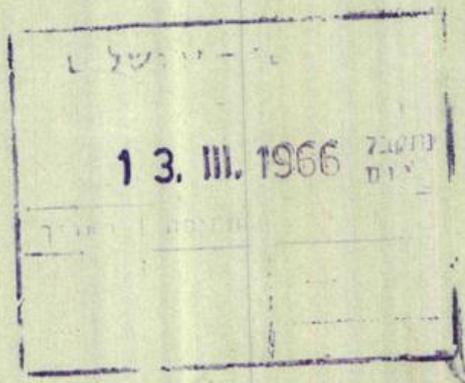
(17)
his children came to the U.S.A,
as they had it too difficult in
their country because of the
fact that the portuguese govern-
ment never forgave Dr. Pimenta Mendes
for his disobedience and it is
my personal opinion that you
never will get any information
from them. They certainly will

5 be ashamed of having given (18)
strict orders concerning the granting
of visas to Jews.

It is with tears in my
eyes that I finish this letter
thanking you for everything you
will do in order to find this
great, humble man an honor
place in the institute for
the righteous people of the world.

Very sincerely yours

Raymond Baller



Anexo 7 – Fichas do Museu Municipal

Catálogo : Objetos

Page 1 of 2



Catálogo : Objetos

1/8/2019 16:53:12

Ana Paula Cardoso

Nº inventário	75-G-754
Museu	
Designação	Pintura
Título	Mulher de Buarcos
Descrição	Desenho a carvão pintado a aguarela, representando mulher de feições vincadas, tipicamente vestida como as vestes das mulheres de Buarcos, de saia larga, de xaile e lenço ao pescoço, com criança ao colo.



Historial

Esteve presente na exposição ""Rostos da Pesca"" realizada pelo Museu Marítimo de Ílhavo de 18 de Maio a 27 de Setembro de 2008.

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Precisão
SORS, Ivan	Artista	Assinatura

Notas: Ivan Stern Sors (1895-1950)

Coleções

Tipo coleção	Justificação
Pintura, desenho e gravura	

Componentes

Componente	Nº itens	Descrição	Data comp.	Tema

Notas: Suporte: Papel

Cronologia

Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação
		Séc. XX			

Notas: Possivelmente foi elaborado em 1940, ano que o artista residiu temporariamente na Figueira da Foz, como refugiado da II Guerra Mundial e antes da sua ida para os EUA.

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Luminosidade	Montagem	Manuseio	Embal./Transp.	Guarda/Higieni.	Data estado	Data revisão	Colaborador
Regular		Estabilizada do ponto de vista de conservação preventiva.								

Incorporações

Tipo incorp.	Local	Proveniência	Intermediário	Data incorp.	Data textual
Aquisição				12/11/1940	

Notas: Adquirida ao autor pelo Grupo de Amigos do Museu, em 1940. Ver cf. 145, fl. 284, cop. 1, de 12 de novembro de 1940.

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data
----------------	-------	-------	--------	---------	---------	--------	----------	------

Assinatura

Notas: Assinatura do autor no canto inferior direito

Inventariantes

Inventariante	Data
Manuela Silva	

Localizações

Tipo localiz.	Local habitual	Data localiz.	Localização
Reserva de Pintura	Sim		Grade 33

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita
---------------	-----	----------------

aguarela

carvão

Medidas

Tipo medida	Valor	Uni. medida	Parte descrita
-------------	-------	-------------	----------------

Largura 250,00 mm

Largura\máxima 350,00 mm

Altura 320,00 mm

Altura\máxima 500,00 mm

Numerações

Número	Tipo numera.	Data numeração
--------	--------------	----------------

171 Nº Antigo

Técnicas

Técnica	Parte descrita	Justificação
---------	----------------	--------------

Aguarela

Valores

Avaliador	Moeda	Tipo valor	Valor	Data valor
-----------	-------	------------	-------	------------

euros Valor Seguro 550,00

Fichas relacionadas

Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados inf. específica	Tipo relação
---------------	----------------	-----------------	-----------------------	--------------

Ficheiros 75-G-754 Evan SorsDSCF7327 | \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Pintura Autores\Evans Sors\75-G-754 Evan SorsDSCF7327 | [2000]

Ficheiros 27_7_1940B | \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sora\27_7_1940B.JPG | [3449]

Ficheiros 12_10_1940 | \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sora\12_10_1940.jpg | [3450]

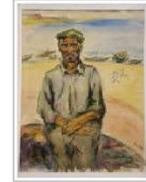
Ficheiros copiador_Ivan Sors | \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sora\copiador_Ivan Sors.JPG | [3451]



1/8/2019 16:52:25
Ana Paula Cardoso

Catálogo : Objetos

Nº inventário	75-G-755
Museu	
Designação	Pintura
Título	Tipo de Buarcos - Pescador
Descrição	Pescador de taz escura e feições vincadas, de boina e pelito na boca, mãos cruzadas sobre as pernas, sentado sobre lonas ou redes, tendo a praia como cenário esboçado.



Informação específica

Autorias		
Autor	Tipo autoria	Precisão
SORS, Ivan	Artista	Assinatura

Notas: Ivan Stern Sors (1895-1950)

Coleções	
Tipo coleção	Justificação
Pintura, desenho e gravura	

Componentes				
Componente	Nº itens	Descrição	Data comp.	Tema

Notas: Suporte: Cartolina

Cronologia					
Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação
		Séc. XX			

Notas: Possivelmente foi elaborado em 1940, ano que o artista residiu temporariamente na Figueira da Foz, como refugiado da II Guerra Mundial e antes da sua ida para os EUA.

Estados										
Estado	Parte descrita	Descrição	Luminosidade	Montagem	Manuseio	Embal./Transp.	Guarda/Higieni.	Data estado	Data revisão	Colaborador
Regular		Mancha de foxingo na metade direita								

Incorporações				
Tipo incorp.	Local	Proveniência	Intermediário	Data incorp.
Aquisição				12/11/1940

Notas: Adquirida ao autor pelo Grupo de Amigos do Museu, em 1940. Ver of. 145, fl. 284, cop. 1, de 12 de novembro de 1940.

Inscrições								
Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data
Assinatura								

Notas: Assinatura do autor no canto inferior direito

Inventariantes	
Inventariante	Data
Manuela Silva	

Localizações			
Tipo localiz.	Local habitual	Data localiz.	Localização
Reserva de Pintura	Sim		Grade 33

Materiais		
Tipo material	Cor	Parte descrita
aguarela		

Medidas			
Tipo medida	Valor	Uni. medida	Parte descrita
Largura	250,00	mm	
Largura\máxima	350,00	mm	
Altura	325,00	mm	
Altura\máxima	500,00	mm	

Numerações		
Número	Tipo numera.	Data numeração
172 (?)	Nº Antigo	

Técnicas		
Técnica	Parte descrita	Justificação
Aquarela		

Valores				
Avaliador	Moeda	Tipo valor	Valor	Data valor
	euros	Valor Seguro	550,00	

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Ficheiros	75-G-755 Evan SorsDSCF7328 \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Pintura Autores\Evans Sors\75-G-755 Evan SorsDSCF7328 [2001]			
Ficheiros	27_7_1940B \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sors\27_7_1940B.JPG [3449]			
Ficheiros	12_10_1940 \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sors\12_10_1940.jpg [3450]			
Ficheiros	copiador_Ivan Sors \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sors\copiador_Ivan Sors.JPG [3451]			



1/8/2019 16:51:24
Ana Paula Cardoso

Catálogo : Objetos : Autorias

Nº inventário 75-G-756

Museu

Designação Pintura

Título Tipo de Buarcos - Lobo do Mar

Descrição Pescador de tez muito morena e feições muito vincadas, próprio do ar marítimo, cabelo e barbas brancas. Usa boné, camisa ao xadrez. É representado de perfil, mãos atrás das costas. Como cenário a areia e o mar.



Historial

Esteve presente na exposição ""Rostos da Pesca"" realizada pelo Museu Marítimo de Ílhavo de 18 de Maio a 27 de Setembro de 2008.

Informação específica

Autorias

Autor	Tipo autoria	Precisão
SORS, Ivan	Artista	Assinatura

Notas: Ivan Stern Sors (1895-1950)

Coleções

Tipo coleção	Justificação
Pintura, desenho e gravura	

Componentes

Componente	Nº itens	Descrição	Data comp.	Tema

Notas: Suporte: papel

Cronologia

Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação
		Séc. XX			

Notas: Possivelmente foi elaborado em 1940, ano que o artista residiu temporariamente na Figueira da Foz, como refugiado da II Guerra Mundial e antes da sua ida para os EUA.

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Luminosidade	Montagem	Manuseio	Embal./Transp.	Guarda/Higieni.	Data estado	Data revisão	Colaborador

Notas: Suporte estável. Existência de oxidação no canto inferior esquerdo e foxing localizado junto à assinatura, no canto inferior direito.

Incorporações

Tipo incorp.	Local	Proveniência	Intermediário	Data incorp.	Data textual
Aquisição				11/12/1940	

Notas: Adquirida ao autor pelo Grupo de Amigos do Museu, em 1940. Ver of. 145, fl. 284, cop. 1, de 12 de novembro de 1940.

Inscrições

Tipo inscrição	Autor	Texto	Grafia	Técnica	Posição	Idioma	Tradução	Data

Assinatura

Notas: Assinatura do autor no canto inferior direito.

Inventariantes	
Inventariante	Data
Manuela Silva	

Localizações			
Tipo localiz.	Local habitual	Data localiz.	Localização
Reserva de Pintura	Sim		Grade 33

Medidas			
Tipo medida	Valor	Uni. medida	Parte descrita
Largura	250,00	mm	
Largura\máxima	350,00	mm	
Altura	325,00	mm	
Altura\máxima	500,00	mm	

Numerações		
Número	Tipo numera.	Data numeração
173	Nº Antigo	

Técnicas		
Técnica	Parte descrita	Justificação
Aquarela		

Valores				
Avaliador	Moeda	Tipo valor	Valor	Data valor
	euros	Valor Seguro	550,00	

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados inf. específica	Tipo relação
Ficheiros	75-G-756 Evan SorsDSCF7329 \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Pintura Autores\Evans Sors\75-G-756 Evan SorsDSCF7329 [1999]			
Ficheiros	27_7_1940B \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sors\27_7_1940B.JPG [3449]			
Ficheiros	12_10_1940 \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sors\12_10_1940.jpg [3450]			
Ficheiros	copiador_Ivan Sors \\server-museu\museu\imagem\OBJETOS\G_pintura\Autores de A a Z\Ivan Sors\copiador_Ivan Sors.JPG [3451]			

Anexo 8 – Nelly de Grab - Fotografias de Horst P. Horst

 <p>Is Protected: false Modified By: cndam-loader Modified Date: 2018-12-08 06:23:16 am Model in Nelly de Grab Ensemble, Vogue Vogue Cover Date: June 01, 1953 Horst P. Horst Barcode: CN00034770 Pg(s). 93</p>	 <p>Is Protected: false Modified By: cndam-loader Modified Date: 2018-12-08 06:16:48 am Model in a White Sleeveless Sweated and Red Skirt, Vogue Vogue Cover Date: June 01, 1953 Horst P. Horst Barcode: CN00034768 Pg(s). 94</p>	 <p>Is Protected: false Modified By: cndam-loader Modified Date: 2019-03-14 02:49:14 pm Vogue Cover Date: January 01, 1954 Horst P. Horst Barcode: CN00178705 Assignment Numbers: V=1572 Pg(s). 136</p>
 <p>Is Protected: false Modified By: cndam-loader Modified Date: 2019-03-14 03:41:29 am Vogue Cover Date: August 01, 1953 Horst P. Horst Barcode: CN00178836 Assignment Numbers: V#928 Pg(s). 119</p>		